



DENISE BOCK DE ANDRADE

**TRAÇOS DA MEMÓRIA ANCESTRAL EM CONTOS DA LITERATURA  
AFRO-BRASILEIRA: "QUANDO NÃO SOUBERES PARA ONDE IR, OLHA PARA  
TRÁS E SAIBA PELO MENOS DE ONDE VENS"**

CANOAS, 2025

DENISE BOCK DE ANDRADE

**TRAÇOS DA MEMÓRIA ANCESTRAL EM CONTOS DA LITERATURA  
AFRO-BRASILEIRA: "QUANDO NÃO SOUBERES PARA ONDE IR, OLHA PARA  
TRÁS E SAIBA PELO MENOS DE ONDE VENS"**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais – Linha de pesquisa em Memória e Linguagens Culturais.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa

CANOAS, 2025

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A553t Andrade, Denise Bock de.  
Traços da memória ancestral em contos da literatura afro-brasileira [manuscrito] : “quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens” / Denise Bock de Andrade. – 2025.  
140 f. : il.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2025.  
“Orientação: Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

1. Memória social. 2. Ancestralidade. 3. Literatura afro-brasileira.  
4. Identidade negra. I. Rosa, Lúcia Regina Lucas da. II. Título.

CDU: 39(81)

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

DENISE BOCK DE ANDRADE

**TRAÇOS DA MEMÓRIA ANCESTRAL EM CONTOS DA LITERATURA  
AFRO-BRASILEIRA: "QUANDO NÃO SOUBERES PARA ONDE IR, OLHA  
PARA TRÁS E SAIBA PELO MENOS DE ONDE VENS**

Tese aprovada para obtenção do título de doutora,  
pelo Programa de Pós-Graduação em Memória  
Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosane Maria Cardoso  
Universidade de Santa Cruz do Sul

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Aline Aver Vanin  
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Margarete Fagundes Nunes  
Universidade La Salle, Canoas/RS

---

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva  
Universidade La Salle, Canoas/RS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lúcia Regina Lucas da Rosa  
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

**Área de concentração:** Memória Social e Bens Culturais  
**Curso:** Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 30 de abril de 2025

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos que possibilitou a realização desta pesquisa. Muito obrigada.

À Universidade La Salle e ao PPG em Memória Social e Bens Culturais pelo acolhimento.

Aos professores do PPG em Memória Social e Bens Culturais pelas incansáveis leituras e lições que contribuíram para o aperfeiçoamento da pesquisa.

À Prof<sup>ª</sup>. Zilá Bernd, por me orientar no início desta trajetória.

Aos docentes da Banca Examinadora, Prof<sup>ª</sup>. Aline Aver Vanin, Prof<sup>ª</sup>. Rosane Maria Cardoso e Prof. Gilberto Silva.

À Prof<sup>ª</sup>. Patrícia Kayser e Prof<sup>ª</sup>. Tatiana Vargas Maia, pelas conversas durante as aulas na disciplina de Projeto de Tese.

Um agradecimento especial à Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup>. Lúcia Regina Lucas da Rosa, orientadora desta pesquisa, pelo companheirismo e por trilhar comigo uma bela trajetória pelas Letras.

Ao meu companheiro, Luis Felipe Mendes dos Santos, pelo incentivo, apoio e pela confiança em mim.

À minha irmã, Daiane Aparecida Bock de Andrade, que há alguns anos disse-me: “faz Letras”.

E, de maneira despretensiosa, agradeço a mim mesma.

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava,  
da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali,  
apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As  
labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de  
fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago,  
ignorando nossas bocas infantis em que as línguas  
brincavam a salivar sonho de comida.  
(CONCEIÇÃO EVARISTO, *Olhos d'água*, 2014, p. 11-12)

Ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum viu seus  
antepassados em uma terra distante em algum pedaço do  
imenso solo africano, seu povo guerreiro vivendo em  
tempos de fartura, de produção de conhecimento e  
dignidade humana.  
(CRISTIANE SOBRAL, *Das águas*, 2017, p. 51)

[...] mainha era um doce, adorava deitar no seu colo e sentir,  
nos seus cabelos, mãos tão delicadas d'Oxum  
acompanhadas de uma canção que ela aprendera com minha  
avó, que aprendera com minha bisavó e daí por diante, já  
sabe como são essas coisas, né? E dessa forma ela embalava  
até dormir e sonhar qu'eu 'tava brincando no paraíso, com  
peixinhos bem pequenos, coloridos, de aquário e com  
Janaína. Interessante, a canção moço, cantada toda em  
iorubá, lá na língua dos meus avôs, era uma canção muito  
triste, que falava de distância, separação, saudade... era  
muito triste, às vezes, parecia um gemido; mas quando  
mainha cantava baixinho, baixinho, eu adormecia.  
(FÁTIMA TRINCHÃO, *Arlinda*, 2017, p. 89-90).

## RESUMO

Esta tese insere-se no campo de estudos da Memória Social e propôs um estudo sobre a ancestralidade e a manifestação da memória em contos da Literatura Afro-brasileira, tendo como recorte *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo; *Das águas* (2017), de Cristiane Sobral; e *Arlinda* (2017), de Fátima Trinchão. O intuito foi o de investigar que traços da memória se fazem presentes e como a ancestralidade pode ser evidenciada nessas narrativas. Por meio de uma metodologia qualitativa, o estudo tem por finalidade, um diálogo entre teóricos da Literatura Afro-brasileira, estabelecendo, em seguida, apontamentos acerca da Memória Social. Ao tecerem suas narrativas, as escritoras possibilitaram que as narradoras/personagens restabelecessem seus laços ancestrais através de traços memoriais. Identifica-se a presença da água e de orixás como traços recorrentes nas três narrativas. Esses vestígios contribuíram para os processos de rememoração e transmissão, bem como para a reconstrução da identidade negra. Por este viés, a ancestralidade atravessa diferentes conceitos, sendo entendida como um símbolo de resistência para as culturas afro-brasileiras. Também destaca-se o papel da ancestralidade como uma forma de resistência aos escravizados, operando na transmissão de bens não só econômicos, mas também simbólicos. E, por fim, o conceito de ancestralidade é constituído de práticas sociais que abrangem as relações familiares. A pesquisa também oportunizou que estudantes, cursando o 8º Ano, lessem e analisassem as narrativas, indicando traços de ancestralidade e memória. Em seguida, os estudantes produziram contos em sala de aula, tendo como referência traços da memória e da ancestralidade.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-brasileira. Contos afro-brasileiros. Ancestralidade. Memória.

## ABSTRACT

This thesis falls within the field of Social Memory studies and proposes a study on ancestry and the manifestation of memory in short stories of Afro-Brazilian Literature, focusing on *Olhos d'água* (2014) by Conceição Evaristo; *Das águas* (2017) by Cristiane Sobral; and *Arlinda* (2017) by Fátima Trinchão. The aim was to investigate what traces of memory are present and how ancestry is evidenced in these narratives. Through a qualitative methodology, the study seeks to establish a dialogue with theorists of Afro-Brazilian Literature, followed by considerations on Social Memory. By weaving their narratives, the authors enabled the narrators/characters to reestablish their ancestral ties through memorial traces. The presence of water and orixás is identified as recurring elements in the three narratives. These traces contributed to the processes of recollection and transmission, as well as to the reconstruction of Black identity. From this perspective, ancestry intersects with different concepts, being understood as a symbol of resistance for Afro-Brazilian cultures. The role of ancestry is also highlighted as a form of resistance for the enslaved, operating in the transmission of not only economic but also symbolic assets. Finally, the concept of ancestry is formed through social practices that encompass family relationships. The research also created an opportunity for 8th-grade students to read and analyze the narratives, identifying traces of ancestry and memory. Afterwards, the students produced short stories in the classroom, using elements of memory and ancestry as references.

**Keywords:** Afro-Brazilian Literature. Afro-Brazilian Tales. Ancestrality. Memory.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Grupo A.....	102
Imagem 2 - Grupo A.....	103
Imagem 3 - Grupo B.....	103
Imagem 4 - Grupo B.....	104
Imagem 5 - Grupo C.....	104
Imagem 6 - Grupo C.....	105

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Contos e respectivas autoras Literatura afro-brasileira.....	21
Quadro 2: Língua Portuguesa - 6º ao 9º ano conforme BNCC.....	29
Quadro 3: História - 9º ano conforme BNCC.....	31
Quadro 4: Teses e dissertações (2016-2021).....	50

## SUMÁRIO

<b>1 OS PRIMEIROS TRAÇOS A DESENHAR UMA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
<b>2. ESBOÇANDO REFLEXÕES HISTÓRICAS.....</b>	<b>19</b>
<b>3 GUARDIÃS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1 Memória e escrevivência de Conceição Evaristo.....</b>	<b>41</b>
3.1.1 Descortinando memórias em Olhos d'água.....	46
<b>3.2 Ancestralidade em Cristiane Sobral.....</b>	<b>46</b>
3.2.1 Imergindo nas águas e nas memórias com Oxum.....	47
<b>3.3 Divagando nas memórias com Fátima Trinchão.....</b>	<b>49</b>
3.3.1 Percorrendo veredas da memória em Arlinda.....	49
<b>4 FORMAS INICIAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>5 UM CAMINHO TRAÇADO.....</b>	<b>61</b>
5.1 Delineamentos possíveis: a fronteira entre ancestralidade e memória.....	66
5.2 Ancestralidade e memória como linhas espirais.....	68
<b>6 FIGURAS ANCESTRAIS.....</b>	<b>76</b>
6.1 Memória e contornos finais.....	95
<b>7 PARA ALÉM DOS TRAÇOS.....</b>	<b>103</b>
<b>7.1 Entrecruzando ancestralidade e memória.....</b>	<b>107</b>
<b>8 CONTORNOS FINAIS.....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>APÊNDICE A - PROPOSTA DA OFICINA DE ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE B - OFICINA DE ESCRITA DE CONTOS.....</b>	<b>134</b>
<b>CONTO-MEMORIAL.....</b>	<b>135</b>

## 1 OS PRIMEIROS TRAÇOS A DESENHAR UMA PESQUISA

Esta tese propõe um entrelaçamento dos estudos de memória e literatura afro-brasileira, tendo como recorte os contos *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo; *Das águas* (2017), de Cristiane Sobral; e *Arlinda* (2017), de Fátima Trinchão.

Os contos de Cristiane Sobral e Fátima Trinchão integram a antologia intitulada *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira*, organizada por Vagner Amaro e publicada pela Editora Malê, em 2017. Já o conto *Olhos d'água*, da escritora Conceição Evaristo, integra a antologia homônima, publicada em 2014, pela Editora Pallas.

Assim, o percurso investigativo busca identificar quais objetos, paisagens e itinerários estão presentes nas narrativas e se caracterizam como marcas de negritude.

É necessário estabelecer conexões com outra produção literária que contribuiu desde o início no processo investigativo desta pesquisa. Traçando referências entre a literatura afrofeminista, o romance *Um defeito de cor* (2006), da escritora Ana Maria Gonçalves, vencedor do Prêmio Casa de las Américas no ano seguinte ao seu lançamento, ganhou notoriedade por apresentar um foco narrativo inédito nas produções literárias. Este romance será destacado a seguir em comparação aos textos literários mencionados devido à sua alta repercussão na crítica literária.

A narrativa é conduzida em primeira pessoa pela escravizada denominada Kehinde, porém se considerar a situação da protagonista após seu retorno à África, a personagem se chama Luiza Mahin, uma liberta. Composto por 947 páginas, a obra inaugura o gênero *roman-fleuve*<sup>1</sup> no panorama da Literatura afro-brasileira e apresenta algumas particularidades significativas, à medida que a personagem busca uma reparação pelos traumas sofridos. Outra particularidade é que, embora os fatos sejam narrados no presente, a história remonta ao tempo pretérito.

Tratam-se, portanto, das lembranças de Kehinde, que, já em idade avançada, narra episódios de um tempo pretérito. É possível perceber que passado e presente se entrecruzam na narrativa, de modo a reconstruir sua trajetória de vida. Cabe destacar que a memória é o fio condutor da narrativa, fazendo com que o romance seja considerado um longo *flashback*<sup>2</sup>.

Considerando que a construção da narrativa de *Um defeito de cor* (2006) possui elementos relacionados à memória e à ancestralidade, cabe registrar que, em cada um dos dez

---

<sup>1</sup>De acordo com Massaud Moisés (1974, p. 461) “Romance que flui como um rio, caracterizado pelo grande número de personagens e de ações que se imbricam”.

<sup>2</sup>“Narrativa que apresenta o relato de eventos passados”. Massaud Moisés (1974, p. 31)

capítulos que dividem o romance, encontra-se um provérbio africano. As epígrafes, que compõem a divisão da obra, trazem reflexões e ensinamentos que indicam um caráter respeitoso à memória e à ancestralidade. Assim como no mencionado romance *Um defeito de cor* (2006), os contos aqui analisados refletem sobre questões e marcas afrocêntricas a partir de fragmentos descritos no decorrer das narrativas e que nos fazem perceber a persistência da memória e a presença da ancestralidade.

Vale mencionar que, inicialmente, o romance de Ana Maria Gonçalves havia sido escolhido para a análise da tese. Entretanto, devido à extensão da obra, optou-se pelos contos para que fosse possível trabalhar com a leitura em sala de aula. Por isso, embora o romance não tenha sido objeto de estudo nesta tese, um provérbio selecionado desse romance servirá como fio condutor para a análise dos contos. Com o intuito de incentivar a leitura, o romance foi apresentado à turma como forma de incentivo à leitura por trazer fortes marcas da ancestralidade e por se tratar de uma relevante obra da Literatura Afro-brasileira.

Quando mencionamos a ancestralidade, igualmente nos vêm ao pensamento a ideia de continuidade. Assim, observa-se que uma das vias de transmissão de ensinamentos são os provérbios. A adoção do termo "traço" - mencionado no título desta tese - apresenta duas análises para o percurso investigativo.

A palavra traço carrega como significado o ato de tracejar, esboçar, desenhar. Percebe-se nos contos, uma peculiaridade das protagonistas, que, por meio de um exercício contínuo de rememorar o passado, traçam sua própria trajetória e a de seus familiares, ao juntar os fragmentos de memória. Aqui, a ideia de traço apresenta o sentido de ilustrar uma árvore genealógica, já que, por meio da narrativa, descobre-se sobre seus antepassados. Essa regressão, porém, é limitada, e alcança diferentes tempos, sendo possível desvendar a história das famílias e os ensinamentos transmitidos. Destaca-se que a intenção das protagonistas é perpetuar a memória sobre suas famílias.

Sob outra perspectiva, a palavra traço carrega o significado de um sinal indicativo representado por uma marca, um vestígio ou rastro. A adoção do termo refere-se à presença de objetos, lugares, paisagens e itinerários que auxiliam nos processos de transmissão e rememoração das personagens. Ao empreender uma pesquisa investigando objetos presentes nos contos, busca-se verificar se, nesses múltiplos suportes de memória, há traços da memória ancestral.

Já a adoção do provérbio *Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saibas pelo menos de onde vens*<sup>3</sup>, tem por finalidade estabelecer conexão com os contos analisados. Carregados de significados metafóricos, os provérbios africanos operam como transmissores da memória ancestral compartilhada entre um grupo ou comunidade.

Para ilustrar, César Costa Vitorino (2020, p. 2) aponta que “por estarem centrados, prioritariamente, em valores comunitários, os provérbios, de certa forma, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de atualizar o conhecimento da experiência ancestral”. Os contos aproximam-se dos ensinamentos recitados no provérbio por destacarem a persistência da memória e por manifestarem um ritual de culto aos ancestrais. Nos contos, é possível deparar-se com atividades corriqueiras realizadas pelas protagonistas, entretanto, tais ações estão conectadas diretamente com um ancestral. Essa conexão entre passado e presente se dá por meio de objetos, paisagens e itinerários que permanecem nas memórias das personagens.

Esta tese vem consolidar, portanto, uma investigação que permite um diálogo entre o verbete *traço* e o provérbio *Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saibas pelo menos de onde vens*, indicando em que medida verbete e provérbio dialogam com os contos em termos de memória e ancestralidade.

Interpretando o provérbio contido no título desta tese, a mensagem declarada na expressão *olhar para trás* significa olhar para seu próprio passado e para suas próprias origens. A proposição representa o ato de rememorar, ação que só se manifesta no presente. Assim, *olhar para trás* carrega um significado análogo à condição de lembrar, característica comum entre as personagens que buscam formas de lidar com suas inquietações identitárias e dúvidas do presente.

Cabe ressaltar que as personagens estabelecem conexões entre passado e presente ao relembrar ensinamentos, histórias e reverências ancestrais. Por esta razão, torna-se vital a permanência dessas referências ancestrais de modo a auxiliar as personagens a apaziguar seus dilemas no tempo presente e a transmitir seus ensinamentos de modo contínuo às gerações futuras.

Sob essa perspectiva, tem-se a relação estreita entre a memória e esquecimento, sendo possível constatar a presença de traços - objetos, lugares e itinerários - presentes nos contos e sua relação com os processos de rememoração das protagonistas. A partir da estreita relação entre lembrar e não poder lembrar, suscita-se o questionamento central desta pesquisa:

---

<sup>3</sup> Epígrafe que compõe o capítulo oito do romance *Um defeito de cor* (2006, p. 569), da escritora Ana Maria Gonçalves.

- Que traços da memória se fazem presentes em *Olhos d'água* (2014); *Das águas* (2017); e *Arlinda* (2017) e como a ancestralidade pode ser evidenciada nessas narrativas?

Objetivando responder ao questionamento, a tese apresenta uma análise de traços que auxiliam na rememoração e na transmissão das memórias, por vezes, interrompidas por rupturas. A partir da leitura dos contos, observa-se que as protagonistas estão em busca de uma referência ancestral e as tentativas em reconstruir o passado são possibilitadas através de traços.

Desse modo, busca-se evidenciar que na manifestação das memórias das personagens encontram-se traços ou vestígios memoriais que remetem à ancestralidade. Levanta-se a hipótese de que os traços levam as personagens a alcançarem a ancestralidade, por vezes, já não acessada, mas existente na memória das protagonistas. É por meio dos traços memoriais que as personagens se conectam com o passado, restabelecendo vínculos ancestrais e familiares através do ato de lembrar.

Em *Os primeiros traços a desenhar uma pesquisa*, faz-se uma apresentação de obras literárias que serviram de inspiração para a construção da tese, bem como a explicação sobre a adoção de um provérbio africano como escolha do título. Como síntese da carreira de professora, o *Efeito Sankofa*, simboliza minha trajetória na docência.

Já em *Esboçando reflexões históricas*, apresenta-se o percurso da diáspora africana voltada às práticas culturais que serviram como uma complexa rede de relações, enfatizando a resistência dos povos escravizados e a reinvenção das tradições e dos símbolos africanos. O capítulo também destaca o conceito de afrocentricidade e a relevância da educação antirracista, enfatizando caminhos possíveis em conformidade com Lei 10.639/03.

Já *Guardiãs da memória* tece uma apresentação das autoras e de suas narrativas, explorando a temática investigada nesta tese.

Em *Formas iniciais*, há uma revisão de literatura, apresentando um panorama de estudos no campo da Literatura Afro-brasileira, com ênfase na memória. Em *Um caminho traçado*, desdobram-se os conceitos de Literatura Afro-brasileira, abordando diferentes perspectivas de autores, bem como a representação do negro no cenário literário, estabelecendo desdobramentos a respeito da linguagem e da narração. O capítulo também apresenta as análises teóricas dos contos sob a perspectiva da Memória Social.

*Figuras ancestrais* discute a ancestralidade, tendo em vista recorrentes figuras religiosas mencionadas nos três contos.

*Para além dos traços* traz a experiência docente em uma escola localizada no município de Sapucaia do Sul e as análises das produções literárias dos estudantes.

### **1.1 Movimento *Sankofa***

Enquanto educadora da educação básica, lecionando para o ensino fundamental, observo a necessidade de criar uma rotina de leitura e oferecer aos estudantes oportunidades para garantir o pleno desenvolvimento de sua formação leitora. Devido à não obrigatoriedade da disciplina de Literatura no ensino fundamental, a prática da leitura acontece, por vezes, com o uso de materiais como o livro didático ou dispositivo digital, além de empréstimos de exemplares disponíveis na biblioteca. Observo um engajamento maior dos estudantes quando as atividades envolvendo a leitura ocorrem na sala de aula, quando mediada pelo professor. As leituras vão ocorrendo de modo intercalado, de maneira que todos os estudantes possam ler.

Em 2023 completou-se vinte anos da Lei 10.639/03, contudo o cenário apresenta poucas sugestões envolvendo a temática da História e da Cultura Afro-brasileiras no cotidiano das escolas. É comum que essas atividades sejam implementadas somente no mês da Consciência Negra, em novembro. Outra observação que ressalto é o pouco repertório de leitura sobre o tema entre os próprios educadores.

O interesse em pesquisar sobre a produção intelectual de mulheres negras e, sobretudo, à educação antirracista, decorre de situações que presenciei na escola, quando ingressei na educação básica como professora na rede pública no ano de 2016.

Observando certas atitudes como xingamentos, apelidos, perseguições e falas que representam um vocabulário racista, surgiram alguns incômodos e fui percebendo o racismo estrutural e latente. Comovida com alguns comportamentos que presenciei, considerei aprofundar-me em leituras relacionadas à educação antirracista. Ingressando em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação, fui tomando consciência sobre os impactos causados à população negra, bem como as consequências do racismo.

No desenvolvimento de minha dissertação de Mestrado (2018-2020), temas como o racismo e a branquitude tornaram-se centrais e fui percebendo a ausência de questões raciais desde o início de minha formação acadêmica que ocorreu no ano de 2010.

Observo um silenciamento sobre as produções literárias de escritoras/es negras/os e, conseqüentemente, de suas epistemologias em minha própria formação acadêmica. Destaco assim, a invisibilidade da Lei 10.639/2003 durante o percurso na graduação em Letras que

não considerou a contribuição intelectual e social das mulheres negras na literatura brasileira. A inaplicabilidade da lei fez prevalecer uma educação eurocêntrica e dificultou o acesso a outras epistemologias. Esta tese, dialoga, portanto, com a temática da memória na literatura afro-brasileira e oferece visibilidade aos saberes apagados pela historiografia oficial.

Ao ingressar no Mestrado (2018), desenvolvi uma pesquisa<sup>4</sup> sobre a construção identitária de uma mulher negra, representante política e professora Jurema Batista, em seu livro autoficcional intitulado *Sem passar pela vida em branco: memórias de uma guerreira* - publicado pela Editora Pallas em 2011. Li autoras como Djamilia Ribeiro, Sueli Carneiro, Carla Akotirene, entre outras, que me fizeram refletir sobre o tema racismo. Eu não tinha conhecimento sobre a dimensão do problema.

A dissertação analisou a construção de uma identidade múltipla de Jurema Batista, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais e da teoria da interseccionalidade. Examinando também as representações mais recorrentes relatadas em sua obra, apontei quais foram as estratégias de contestação e ressignificação que a autora utilizou para enfrentar o racismo e engajar-se na carreira política. Sendo três vezes eleita vereadora em 1992, 1996, 2000 e deputada estadual em 2022 no Rio de Janeiro. Ao finalizar a dissertação, percebi a ausência dos estudos relacionados à memória, à cultura e à ancestralidade, temas inerentes à construção identitária.

Ingressando em 2021 no Doutorado, na linha de pesquisa Memória e Linguagens Culturais, entre uma leitura e outra, reúno aqui, o que aprendi sobre o movimento *Sankofa*<sup>5</sup>, e, sendo essa minha trajetória e perspectiva na pesquisa, peço licença para tomá-lo por empréstimo. No que se refere à experiência do Mestrado, onde menciono a ausência de estudos acerca da memória e da ancestralidade, deparo-me com a ideia do movimento *Sankofa* e vejo-o como uma possibilidade de retomada às questões deixadas para trás.

Pensando nas questões apresentadas e lendo a obra *Como ser um educador antirracista* (2023), de Bárbara Carine, apresento algumas considerações sobre a autora. Carine é idealizadora da primeira escola Afro-brasileira - Escola Maria Felipa<sup>6</sup>, localizada em Salvador - BA. No prefácio escrito por Nilma Lino Gomes, entendemos que Carine (2023) “nos apresenta uma escola que promove uma educação baseada nos referenciais afro-brasileiros, indígenas e africanos” (p.13).

---

<sup>4</sup> Dissertação de Mestrado disponível em <<https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM283.pdf>>.

<sup>5</sup> O significado da palavra é discutido no capítulo Revisão de Literatura.

<sup>6</sup> Maria Felipa foi uma heroína da independência do Brasil na Bahia. Nascida na Ilha de Itaparica, descendente de africanos escravizados do Sudão, negra, marisqueira, pescadora e trabalhadora braçal, ela liderou um grupo de 200 pessoas.

Ao me apropriar da obra *Como ser um educador antirracista*, encontro-me envolvida de maneira recorrente ao sentido do movimento de voltar para trás. Carine discorre sobre as práticas em sala de aula, alertando para as atividades desenvolvidas por professores, apresentando a seguinte reflexão:

entendemos que todas as pessoas que estão no interior de uma escola são educadoras e que de nada adianta a professora ou professor fazer um trabalho incrível na sala de aula sobre a beleza e o poder do cabelo afro se a criança passa pela portaria e o porteiro diz ‘nesse cabelo não entrou um pente hoje’ (CARINE, 2023, p. 28).

A ponderação de Carine (2023) sobre as práticas escolares revelam a necessidade de promover oportunidades de estudos sobre a educação das relações étnico-raciais. No primeiro capítulo da obra, *Eu, professor branco, posso ser educador antirracista?*, a autora chama a atenção sobre a construção de sujeitos racializados. Segundo a autora, “não pensamos em práticas pedagógicas que problematizam o privilégio branco no âmbito da EREER porque pessoas brancas não são racializadas” (p. 36).

Para enfatizar sobre a problematização do privilégio branco, Carine nos convida a refletir sobre a maneira como professores e professoras abordam a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Segundo ela, no imaginário dos educadores, falar sobre negros e indígenas é trabalhar a EREER.

Entretanto, trabalhar a EREER parte de um reconhecimento de perceber-se enquanto sujeito branco privilegiado. Assim, ao abordarmos, por exemplo, os textos literários integrados em livros didáticos, devemos chamar a atenção dos estudantes e explicar-lhes sobre a ausência de escritores e escritoras negras. Para Carine (2023, p. 36) “por mais que a branquitude tenha criado o conceito de raça, essas pessoas se veem e se projetam no lugar de ‘ser genérico’ de ‘sujeito universal’”. Sendo assim, não basta apresentarmos um plano de aula sobre as questões raciais enquanto não reconhecemos nossa branquitude e nossos próprios privilégios.

## 2. ESBOÇANDO REFLEXÕES HISTÓRICAS

Ao buscar uma reflexão sobre a tese, que analisou traços memoriais presentes nos contos, bem como buscou identificar elementos ligados à ancestralidade das protagonistas, cabe salientar que, nas narrativas em análise, o ato de rememorar é objeto central desta investigação, uma vez que, por intermédio do esquecimento, as protagonistas recorrem a fragmentos ou traços de um tempo pretérito para estabelecer conexões com o tempo presente.

Referindo-se ao binômio lembrar/esquecer, salienta-se que não sintetizam conceitos antagônicos. Flávio dos Santos Gomes e Lilia Moritz Schwarcz (2018, p.17) mencionam alguns fatores que contribuem para a invisibilidade de determinados sujeitos, mas não o esquecimento. Para os autores, “lembrar é, por isso mesmo, exercício de rebeldia; de não deixar passar e de ficar para contar”. Sobre esse aspecto, destaca-se a necessidade de inseri-los como parte da história.

Destacando o índice de desigualdade, discriminação e exclusão presentes na sociedade, esses fatores ainda deixam marcas evidentes a respeito da invisibilidade das gerações. Um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgou os desafios a serem enfrentados para superar a desigualdade racial. A pesquisa identificou que as desigualdades sociais atingem pardos e pretos, gerando o trabalho informal. Em 2021, “a taxa de informais entre a população branca era de 32%; entre os pretos, de 43%; e entre os pardos, de 47%”. Com relação às diferenças entre rendas, “de todos os pretos e pardos brasileiros, cerca de 35% viviam com R\$ 486, praticamente o dobro da proporção de brancos na linha da pobreza”.

Sob o prisma do esquecimento, Francisco Phelipe Cunha Paz (2019, p. 152) relata que, em alguns países do continente africano, os escravizados participavam de rituais como dar voltas em torno da “árvore do esquecimento”. O autor explica que essa prática era realizada com o objetivo de implantar uma nova identidade, a começar pela prática imposta aos escravizados no que se refere ao batismo. Além dessa prática, o autor destaca alterações ligadas à identidade dos sujeitos diaspóricos como, por exemplo, a mudança de seus nomes e sobrenomes. Cabe salientar, entretanto, que essa prática simbolizava para os escravizados uma quimera. Ao traçar tal contextualização, o historiador assinala a prática de um regime pautado no esquecimento, no seguinte pressuposto: “esquecer era a única coisa que deveriam lembrar” (p. 152). Assim sendo, o binômio lembrar/esquecer cumpre a função meramente voltada ao esquecimento.

Por outro lado, Cunha Paz também discute questões ligadas a fatores históricos, como a abolição da escravidão. O Brasil foi o último país das Américas a revogar essa prática. No entender do autor, ainda hoje “muitos são os esforços para converter a escravidão em traço do passado, obsoleto e distante do tempo” [...]. Contudo, ressalta a persistência de grupos que focalizam nessas questões para que não fiquem relegadas ao esquecimento. Nessa visão, o autor discorre também sobre as diligências para reverter os processos de apagamento, pois [...] “muitos também são os esforços e as agências, sobretudo dos povos e comunidades negras, em produzir maneiras próprias de lembrar, narrar e fazer uso das memórias e do passado da escravidão negra no Brasil” (2019, p. 148).

Ainda sobre o esquecimento, é preciso dialogar com o historiador Cunha Paz sobre o percurso do negro no Brasil e apresentar explicações para compreendermos os esforços do poder hegemônico em transformar a escravidão em um traço do passado. Com base em alguns romances das Literaturas brasileira e ganesa, as obras *Um defeito de cor*, da escritora Ana Maria Gonçalves (2011) ou *O caminho de casa* (2016), de Yaa Gyasi, podem nos fazer entender a relação com o esquecimento de que trata Cunha Paz. Nesse sentido, destaca-se a importância da literatura enquanto denúncia social, já que em ambos, pode-se retrair o percurso dos africanos em navios negreiros. Os capturados eram aprisionados em navios e expostos a uma viagem insalubre que durava cerca de 60 dias. No interior dos porões, mal alimentados e, em péssimas condições de higiene, foram também contaminados por diversas doenças como a disenteria, além de desenvolverem quadros relacionados à desnutrição. Nessas condições precárias, estima-se que cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil.

Sobre essas questões, o antropólogo Mauro Meirelles (2018, p. 11) destaca que, “entre os pertences que traziam colados ao corpo ou em pequenas trouxas de roupas estavam seus deuses, suas crenças, seu espírito aguerrido e uma alma sedenta de liberdade”. Devido aos “rituais do esquecimento” apresentados, os processos de desterritorialização não legitimou uma aprovação por parte dos africanos que não foram condescendentes com esses rituais. Suas memórias permaneceram em um estado de latência, sendo elas para lutar a favor da liberdade.

Vale destacar o que apontam os estudos de James Sweet (2007, p. 51) sobre a diáspora. Ao realizarem a travessia, os africanos vivenciaram um esfacelamento dos laços familiares ou o que o autor denominou de “destruição das linhagens”. A experiência do tráfico constituía-se na perda das referências que os auxiliavam no percurso da vida. Sweet destaca que momentos marcados por ciclos como “o nascimento, a infância, a adolescência, o

casamento, a criação dos filhos, a velhice e a morte - eram radicalmente transformados". Para os escravizados, a perda das referências familiares simbolizava a morte tanto daqueles que realizaram a travessia como daqueles que permaneceram em África. Um outro ponto relevante que simbolizava a morte para os africanos era a perda de suas referências, como a proibição de falar sua própria língua e praticar a religião.

Já Orlando Patterson (2008, p. 24) enfatiza a perda dos escravizados sob uma outra perspectiva. As restrições se estendiam a quaisquer prerrogativas, como exercer direitos e obrigações básicas com a família, que se estende aos seus ancestrais remotos ou seus descendentes. Patterson discorre sobre o aprisionamento do escravizado, denominando-o como sendo um "isolado genealógico". Privado da convivência com seus familiares, "isolado de suas relações sociais com aqueles entre os quais vivia, ele também estava culturalmente isolado da herança social de seus antepassados", podendo "defini-lo como uma pessoa socialmente morta" (p. 69).

Há duas fases que o autor ressalta para exemplificar o que ele denominou de morte social. A primeira constitui-se na desterritorialização do indivíduo que atravessa a dessocialização do meio em que vive. Retirado de sua terra, o cativo é despersonalizado. Já a segunda fase, remete à introdução do escravizado em outra comunidade que não a sua.

A partir das considerações apresentadas sobre o binômio lembrar/esquecer, cumpre destacar que esta pesquisa propõe uma investigação pondo em diálogo apontamentos de autores em relação ao binômio memória/esquecimento a partir de traços da ancestralidade em textos literários.

As considerações apresentadas a respeito dos processos de silenciamento da memória dos escravizados suscitam a discussão sobre memória e ancestralidade, permitindo um diálogo com Kabengele Munanga (2016, p. 153) que descreve o processo de transformação dos africanos, focalizando a questão identitária. Conforme indica o autor, as marcas identitárias inscritas nos corpos, por exemplo, foram modificadas, reinterpretadas, adquirindo formas de resistência ao serem transmitidas de geração a geração. Os descendentes de escravizados criaram uma rede complexa de resistência em que o corpo foi o principal veículo de transgressão. De acordo com Munanga (2016, p. 153), "os negros recriaram tradições, inventaram novos símbolos, guardaram a memória ancestral e as ensinaram às novas gerações".

Pensando na existência e resistência dos africanos após a diáspora, destaca-se que as considerações apresentadas, sobretudo as de Munanga, é possível verificar a reinvenção das

tradições e dos símbolos africanos com o intuito de preservar e transmiti-las às gerações futuras.

Torna-se relevante discorrer sobre as estratégias de rememoração presentes nos estudos de Fernando Catroga ao discorrer sobre a “morte da memória”. Para o autor, “só com o esquecimento irreversível a morte se transforma em definitivo nada” (2009, p. 7).

Na demonstração do quadro a seguir, verifica-se quais traços de memória estão presentes nas narrativas. É a partir desses traços, que a tese relaciona-os com a memória ancestral das personagens. O quadro a seguir apresenta trechos de ancestralidade e memória extraídos dos contos com intuito de mostrar como as escritoras marcam a presença desses elementos.

Quadro 1: Contos e respectivas autoras da Literatura afro-brasileira

<b>Título do conto</b>	<b>Autoras</b>	<b>Traços de ancestralidade</b>	<b>Traços de memória</b>
<i>Olhos d'água</i>	Conceição Evaristo	“[...] vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe”. “[...] Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha”.	“[...] um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias”. “[...] Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe”.
<i>Das águas</i>	Cristiane Sobral	“[...] a caminhada abrigava o caudaloso rio de sua infância, de águas conhecidas com o cheiro da terra fértil, molhada pelos sonhos vividos em um tempo feliz, onde o afeto dos seus, o axé dos novos e dos mais velhos de sua comunidade”. “[...] uma profecia de sua avó, benzedeira, pouco antes da morte, revelou que ela seria herdeira do seu dom de cura”.	
<i>Arlinda</i>	Fátima Trinchão	“[...] mainha era uma mulher muito doce e carinhosa, uma filha de Oxum e como filha de Oxum excelente mãe”. “[...] Epa hei e o meu pai Xangô, Kaô Kabessilé”.	“[...] na verdade, aquela comunidade sempre fora especial, todos amigos, desde criança, quando começou a entender-se que viu e sentiu como aquela vizinhança era especial”. “[...] antigamente moço, aquilo tudo lá embaixo era uma mata só, tudo verde, verdinho, o ar puro, muita folha para banhos e remédios agente encontrava ali”.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Conforme mostra o Quadro 1, é possível verificar diferentes trechos que revelam a presença da ancestralidade e da memória. Verificam-se que as memórias das personagens estão voltadas a ruas e locais do passado, pois mantêm uma relação com as histórias de suas famílias. Verifica-se que a religião, assim como a água ou o riacho, apresentam-se como uma referência ancestral. No que se refere a aspectos da religiosidade, Oxum<sup>7</sup> é a orixá que aparece nos três contos, reforçando a presença da maternidade sob múltiplos aspectos.

Levando em consideração o protagonismo de personagens mulheres nas narrativas analisadas, salienta-se aspectos relevantes sobre a ideia da Afrocentricidade, de Molefi Asante<sup>8</sup> (2009). Tendo em vista que, para o autor, a ideia afrocêntrica indica uma proposta epistemológica do lugar. Os africanos sofreram com deslocamentos em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, e, por isso, qualquer análise a respeito de suas condições a partir desses deslocamentos seja feita baseada na ideia de uma localização centralizada na África e na sua diáspora.

De acordo com Molefi (2009, p. 93) a afrocentricidade é entendida como um “tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos”. Quanto ao significado do termo agente, é possível entendê-lo a partir da independência da maneira de agir. Já o vocábulo *desagência*, Molefi (2009, p. 95) enfatiza que seu significado está na ideia de oposição à agência. Assim sendo, *desagência* seria “qualquer situação na qual o africano seja descartado como ator ou protagonista em seu próprio mundo”.

Ao abordar as características mínimas para um projeto afrocêntrico, Molefi (2009, p. 96) destaca: a) interesse pela localização psicológica; b) compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; c) defesa dos elementos culturais africanos; d) compromisso com o refinamento léxico; e) compromisso com uma nova narrativa da história da África.

Por localização psicológica, no sentido afrocêntrico, Molefi (2009, p. 97) ressalta a necessidade de saber se a localização de uma pessoa está ao centro ou à margem com relação à sua cultura, ou seja, “o colonizado está fora do quadro dele”, portanto, oprimido. Sendo assim, o objetivo do afrocentrista é manter o africano dentro de sua própria história.

---

<sup>7</sup>Sagrado Feminino - “Oxum” é um termo que vem da língua iorubá, tendo como origem o nome do rio Osun, localizado no sudoeste da Nigéria. A orixá representa o poder feminino através do arquétipo da mulher elegante e amorosa, mas também inteligente, determinada, persistente, desinibida e senhora da fertilidade.

<sup>8</sup>Filósofo, professor doutor na Universidade de Temple, Filadélfia, EUA.

No que se refere ao compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito, o autor salienta que os fenômenos africanos são discutidos com base em ideias difundidas e representadas por uma visão europeia.

Quanto à defesa dos elementos culturais africanos, Molefi enfatiza um olhar em defesa dos valores culturais.

[...] muitos intelectuais e escritores do passado desprezaram as criações africanas, fossem elas na música, na dança ou na arte, fossem na ciência, como algo diferente do restante da humanidade. Era uma atitude inegavelmente racista e qualquer interpretação ou análise de elementos ou contribuições culturais africanas que negue esses elementos é suspeita (ASANTE, 2009, p. 98).

Em relação ao compromisso com o refinamento léxico, o autor reforça a ideia do uso de uma linguagem que contenha alguma compreensão da natureza africana. Segundo o autor, deve-se conhecer e avaliar o léxico para que o escritor não deslize em um vocabulário deturpado. Logo, no que se refere ao compromisso com uma nova narrativa da história da África, Molefi (2009, p. 101) focaliza na abordagem eurocêntrica que inferiorizou as culturas africanas em detrimento à cultura ocidental. Ao considerar que “reescrever a história da África se torna um desafio para os intelectuais afrocêntricos”, o autor ressalta as construções teóricas, especialmente ligadas à história da África, desconectadas de outras culturas africanas, considerando apenas as relações com a Europa.

Os aspectos apresentados por Molefi a respeito do conceito de Afrocentricidade aproximam-se das narrativas analisadas nesta tese, uma vez que é possível verificar esses atributos nos contos. Ao focar as perspectivas do autor, os contos revelam um interesse pela localização psicológica, uma vez que as personagens estão em contato com sua cultura, seus ancestrais, permanecendo no centro e dentro de suas próprias histórias. Por outro lado, é possível identificar questões ligadas à identidade cultural das três protagonistas, considerando também suas visões de mundo.

É interessante observar que essa perspectiva aproxima-se do aspecto seguinte, que está diretamente ligado ao compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito em defesa dos elementos culturais. Nas produções literárias das três escritoras, é possível verificar a presença de elementos ligados à história e à cultura da África. Esses elementos carregam sentidos e interpretações divergentes da visão eurocêntrica.

Já o compromisso com o refinamento léxico, é sabido que “reduziram os africanos à condição de seres indefesos, inferiores, não-humanos, de segunda classe, como se não fizessem parte da história humana e fossem, em algumas situações, selvagens” Molefi (2009,

p. 99). Nos contos, embora seja possível verificar situações que retratam o racismo, como por exemplo no conto *Das águas*, de Cristiane Sobral, há elementos da cultura africana sendo empregados a partir de um repertório lexical que reforça a ideia de pertencimento. Trata-se, sobretudo, de um compromisso com uma nova narrativa da história afro-brasileira da África, abrindo espaço para novas histórias desconectadas da visão eurocêntrica. Portanto, ao conectar-se com a memória coletiva, as autoras, a partir de suas protagonistas, reconstruem por meio dos rastros, a história de seus antepassados.

Nesse sentido, o objetivo geral da tese é evidenciar que traços de memória estão presentes em contos da Literatura Afro-brasileira como forma de investigar a ancestralidade e a memória dos estudantes.

Em relação aos objetivos específicos, destaca-se que a pesquisa tem por finalidade:

- Proporcionar leituras de contos da literatura afro-brasileira em consonância às diretrizes da Lei 10.639/03, bem como as orientações expressas na BNCC, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e no Referencial Gaúcho;
- Comparar os contos analisados e as produções dos estudantes para verificar quais são os traços da memória;
- Reconhecer e valorizar traços de memória nos contos analisados e nas narrativas produzidas pelos estudantes.

A escolha deste estudo se deve a algumas singularidades localizadas em textos da Literatura Afro-brasileira, entre elas, a perspectiva de uma literatura atravessada pela memória e, conseqüentemente, ao enfoque da ancestralidade. Ao contextualizar tais particularidades mencionadas da Literatura Afro-brasileira, não se pretende restringi-la a análises somente em memória e ancestralidade, mas pensar e ler as autoras Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Fátima Trinchão, como expoentes da Literatura Brasileira, sendo necessária a leitura de seus textos e suas obras na Educação Básica, entrelaçando teóricos e saberes disseminados em suas produções literárias.

Com enfoque nos conceitos de memória ancestral e, salienta-se o impacto social da pesquisa enquanto prática pedagógica a ser realizada na disciplina de Língua Portuguesa, com o objetivo de introduzir na rede pública, particularmente no ensino fundamental, estudos de aprendizagens relacionadas à História e à Cultura Afro-brasileira em consonância à Lei 10.639/03<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>Estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Afro-brasileira em disciplinas que compõem a grade curricular da Educação Básica, no ensino público e privado.

Esta pesquisa está alinhada à visão de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2012) que reconhece a necessidade da implementação da Lei 10.639/03 na educação básica. Na perspectiva da autora, oferecer aprendizagens, conforme a lei, é desconstruir um conhecimento disseminado ao longo dos séculos que descaracterizou e inferiorizou a história e a cultura africanas. Assim, a aplicabilidade da lei não se restringe à oferta de conteúdos de modo a identificar a participação do negro na sociedade brasileira. De acordo com a autora, a

obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana não visa tornar os brasileiros mais eruditos, mas reeducar as relações étnico-raciais a fim de que todos – descendentes de europeus, asiáticos, africanos e povos indígenas – valorizem a identidade, a cultura e a história dos negros que constituem o segmento mais desrespeitado da nossa sociedade (FUNDAÇÃO PALMARES, 2012).

Nesse sentido, esta pesquisa propõe aos estudantes do ensino fundamental, valorizar a identidade dos povos africanos, bem como oferecer como proposta pedagógica a Lei 10639/03.

Destaca-se a partir dessa leitura, uma perspectiva de valorização dos elementos pertencentes à memória, à ancestralidade e à religiosidade do povo negro, valorizando e respeitando sua história.

É nesse sentido que Renato Nogueira (2012) refere-se à ideia de denegrir a educação através da pluriversalidade como forma de reconhecer que todas as perspectivas são válidas, apontando o equívoco e o privilégio de uma educação centrada apenas em um ponto de vista. Sem dúvida, o termo denegrir é explicado pelo autor a partir dos conceitos *negra* e *negro*. Ou seja, o significado de denegrir é “tornar-se negra (o), isto é, enegrecer” (p. 66). Recorrendo à mitologia egípcia, o autor explique que

Em linhas muito gerais, na mitologia egípcia, Nut é a deusa do céu e Geb, deus da terra. Enquanto esta é masculina, o céu é feminino. O céu é fecundado pela terra para que possa dar luz às primeiras deusas e primeiros deuses e o mundo seguir seu curso. Pois bem, o céu tem uma rotina importante que deve ser acompanhada pelos seres humanos. Nut engole o sol todos os dias no crepúsculo sobre as montanhas do oeste e dá luz na aurora. A terra é negra e o sol precisa da negrura do ventre de Nut para ser revitalizado e renascer no dia que virá. Num direto espelhamento da ação contínua de Nut de engolir e parir o sol, o hábito humano deve ser sonhar, dormir tem o sentido de enegrecer, isto é, acolher o sol ou simplesmente, viver no mundo dos sonhos. Num registro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinônimos de lugar que revitaliza, fertilizante, fértil, de criação e renovação. Em outro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinônimos de sonho. (NOGUEIRA, 2012, p. 66-7).

No entender do autor, a deusa do céu, conhecida como Nut, e Geb, deus da terra, simbolizam a fertilidade. Denegrir a educação significa uma revitalização nos modos de ensino, aberta à pluriversalidade e vai além do reconhecimento das diferenças. Para o autor, “a ideia de denegrir a educação pode ser descrita como um esforço de revitalizar as perspectivas esquecidas, problematizando os cânones, refazendo e ampliando currículo” (p. 77), contrapondo ideias e oferecendo uma educação voltada a novas propostas pedagógicas.

Sobre a história da educação brasileira, a proposta de David Eduardo Oliveira a respeito da cosmovisão africana, implica problematizar questões ligadas à transmissão do conhecimento. De modo geral, o autor salienta que a influência da cultura de matriz africana tem sido dispensada dos currículos escolares.

Por outro lado, há uma revitalização desse processo de apagamento, gerada a partir de experiências e atualizações de afrodescendentes em oferecer uma base de outras produções de conhecimento. Na visão do autor, a cosmovisão africana pode ser entendida a partir do “resultado de uma dinâmica civilizatória que elaborou historicamente os princípios da diversidade, integração e ancestralidade” (2003, p.12), estabelecendo assim, a lógica dos processos de transmissão dos conhecimentos.

Para Oliveira, pensar uma filosofia africana na educação tem por objetivo reler a história do Brasil a partir de um contexto cultural de inclusão dos africanos, enquanto fundadores da história brasileira. Para ilustrar a visão do autor a respeito desses princípios que favoreceram o surgimento de uma cosmovisão africana, o autor discorre sobre a visão de mundo africana estar pautada na ideia de que “tudo está em tudo” (2003, p. 12), ou seja, tudo se complementa.

É, portanto, nessa dinâmica que diversidade, integração e ancestralidade se mesclam, formando um conjunto interligado. Interessante destacar a ideia contida a respeito da integração. De acordo com Oliveira, “não há diferenças que favoreçam a desagregação do conjunto, do todo orgânico”. O que há são possibilidades diferenciadas de arranjos sociais, culturais, etc., sempre flexíveis, sempre passíveis de novos arranjos” (2003, p. 12). Um exemplo apontado pelo autor como o sistema integrado das religiões de matriz africana estar em constante processo de reformulação, evidenciando assim a flexibilidade e a diversidade.

No que refere à diversidade, Oliveira (2003) apresenta características da cosmovisão africana que nos permite entendê-la a partir de três maneiras: é pluriforme, polifônica e aberta. Assim sendo, por meio da diversidade, reúne-se a pluralidade das representações. Por meio das três propriedades apresentadas, o autor enfatiza a ideia da heterogeneidade,

indicando não somente a flexibilidade inerente ao seu funcionamento, mas acrescenta a ideia de que “o distinto é contemplado; o diferente é desejado e não apenas aceito” (2003, p. 13).

O autor utiliza como exemplo dessa dinâmica entre integração, diversidade e ancestralidade, as religiões de matriz africana como o candomblé ao mencionar as diferenças entre os membros. Oliveira destaca que há espaço para brancos, pobres, ricos, homens, mulheres e homossexuais. Nesse sentido, o candomblé exemplifica a dinâmica da visão de mundo africana.

Promovendo o enriquecimento da cosmovisão africana, o autor interliga as concepções de integração e diversidade com a ancestralidade. Esse entrelaçamento contribui para ampliar a estrutura interligada, já que

a ancestralidade é o que estrutura a visão de mundo presente na história dos africanos e seus descendentes, sobretudo no que diz respeito às religiões. Sem o princípio de senioridade a organização social das comunidades de terreiro estariam esfaceladas. Sem a ancestralidade não haveria tradição. Sem a tradição, não haveria identidade (OLIVEIRA, 2003, p. 13).

Percebe-se que a integração complementa a ideia de diversidade, já que estão interligadas pela ancestralidade, possibilitando a formação de um conjunto formado pelas múltiplas diferenças. No que diz respeito à ancestralidade, ela é o principal veículo de transmissão das tradições africanas, estando ligada diretamente à identidade. Segundo o autor, a legitimidade da tradição africana é [...] “uma experiência atualizada no calor das lutas dos afrodescendentes” e não [...] “uma memória fossilizada no passado” (2003, p. 13).

Interessante destacar que a ancestralidade não se trata de uma afirmação do eu, enfocada em uma história particular e narcisista. Para Oliveira, (2003, p. 13), [...] “quem conta a história do eu é sua tradição, sendo assim, [...] “a história do eu está vinculada à história dos ancestrais”. Nesse sentido, destaca-se a articulação e o funcionamento da cosmovisão africana que assinala a ideia de que tudo “está em tudo”.

Para bell hooks (2013), há necessidade de uma prática libertadora ao mencionar o multiculturalismo na educação. Para hooks, mesmo que esse seja um tema em foco, as discussões sobre a temática ainda não são suficientes para transformar a experiência do aprendizado em uma prática inclusiva. Segundo a autora, “a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal” (p. 51). Salienta-se que esta pesquisa direciona-se para uma pedagogia engajada, corroborando com bell hooks ao

ressaltar que “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (p. 25).

Conforme também observado por Munanga (2018), a legislação cumpre um importante papel no combate à discriminação racial como, por exemplo, a Lei 7.716/89 - Crime de Racismo, também conhecida como Lei Caó. Entretanto, é necessário que a legislação esteja acompanhada de diversas políticas sociais, com o objetivo de reeducar a população em relação à intersecção de temas como, raça, cor, religião, sexo.

O entendimento acerca dessas questões atravessa diversas instâncias da sociedade, entre elas, a escola, na qual se deve implementar também, a valorização e a promoção de aprendizagens pertinentes à cultura e à identidade da população afro-brasileira, assegurando a manutenção de ações afirmativas com vistas ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

As ações afirmativas, salienta Munanga (2018), consiste na criação de estratégias de combate ao racismo e à discriminação racial, promovendo e garantindo à população marginalizada, meios de competir em iguais condições. As ações afirmativas estão em diversas esferas do poder e podem ser aplicadas como uma forma de reparação. Munanga (2018, p. 186) salienta que

essas ações podem ser estabelecidas na educação, na saúde, no mercado de trabalho, nos cargos políticos [...] Trata-se de uma transformação de caráter político, cultural e pedagógico. Ao implementá-las, O Estado, o campo da educação e os formuladores de políticas públicas saem do lugar de suposta neutralidade na aplicação das políticas sociais e passam a considerar a importância de fatores como sexo, raça e cor nos critérios de seleção existentes na sociedade.

As ações afirmativas podem ser implementadas de três maneiras diferentes: compulsória (obrigatória), facultativa ou voluntária. A permanência dessas ações dependerá das mudanças comprovadas em relação às discriminações. Ainda de acordo com o autor, “as políticas de ação afirmativa têm como perspectiva a relação entre passado, presente e futuro, pois visam corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por fim a concretização do ideal de efetiva igualdade” (2018, p. 186-7) para as gerações futuras. Vale destacar também que as ações afirmativas objetivam “a remoção de barreiras interpostas aos grupos discriminados” (2018, p. 187).

Assinala-se, portanto, o comprometimento desta pesquisa em buscar alinhar-se às ações afirmativas, a partir do exercício efetivo em oportunizar aos estudantes da rede pública,

aprendizagens que envolvam conteúdos acerca da história e da cultura afro-brasileiras, permitindo assim a escuta e o diálogo entre os diferentes saberes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define aprendizagens essenciais para a educação básica, conferindo aos educandos, oportunidades de dialogar e reconhecer as desigualdades presentes nas sociedades. Por outro lado, é preciso que essas ações estejam alinhadas a um propósito de mudanças significativas no que diz respeito ao modelo de ensino. Um exemplo a ser discutido é o Dia da Consciência Negra. A data, por vezes, é ainda trabalhada de maneira momentânea pelas escolas, descaracterizando o sentido histórico.

As aprendizagens sobre a educação para as relações étnico-raciais envolvem questões complexas, cuja demanda de leitura e reconhecimento por parte dos professores são necessários e urgentes, estendendo-se ao longo do ano. Como observado no próprio documento, a BNCC ressalta a diversidade no país, revelando as desigualdades geradas a partir dessas diferenças, bem como a necessidade de criar estratégias que promovam uma educação voltada para as variações linguísticas, étnicas e culturais.

A partir da elaboração de um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas, a BNCC, pautada nas diferenças étnicas, culturais e raciais, estabelece temáticas que dialogam com a Lei 10.639/03. Conforme documento, pode-se verificar que essa diversidade está presente em diferentes estilos de escrita contemporânea e, sobretudo,

[...] deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra (BRASIL, 2018, p. 157).

Tendo em vista a obrigatoriedade do ensino referente à temática da História e da Cultura Afro-Brasileira, implementada através da Lei 10.639/03, será apresentado um cronograma de atividades. Com o objetivo de proporcionar também aos estudantes da educação básica, uma reeducação para as relações raciais, será promovida uma leitura sobre os contos, de modo que os estudantes possam identificar, relacionar e apresentar suas interpretações acerca da temática. De acordo com a BNCC, é possível implementar diferentes conhecimentos por meio da leitura. Salienta-se a importância dos estudantes reconhecerem os diversos gêneros textuais. Segundo a BNCC,

No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências (BRASIL, 2018, p. 136).

Como aponta o documento, os gêneros textuais estão relacionados a vários campos do conhecimento. Para a BNCC, o componente de Língua Portuguesa vem proporcionar aos estudantes, possibilidades de ampliar o letramento oferecendo-lhes diferentes formas de apreciar textos. Em consonância à Lei 10.639/03, no componente de Língua Portuguesa, observa-se a prática de linguagem relacionada à adesão da leitura e da ampliação do vocabulário. No que se refere ao componente de História, observam-se objetos de conhecimento alinhados às habilidades, de forma a reconhecer e relacionar fatos históricos, com o objetivo de identificar as diferenças identitárias, combatendo qualquer tipo de violência.

O quadro a seguir apresenta habilidades e competências destacadas pela BNCC com o intuito de proporcionar aos estudantes da rede pública de ensino, oportunidades de leitura e discussões sobre diferentes gêneros textuais, tendo em vista a leitura de contos da literatura afro-brasileira.

Quadro 2: Língua Portuguesa - 6º ao 9º ano conforme BNCC

<b>Disciplina de Língua Portuguesa (6º a 9º ano)</b>		
<b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADES</b>
Leitura	Adesão às práticas de leitura; Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos	(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.
Leitura	Apreciação e réplica	(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de

		obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis.
Análise linguística/semiótica	Recursos linguísticos e semióticos que operam nos textos pertencentes aos gêneros literários	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.
<b>Língua Portuguesa (8º e 9º ano)</b>		
<b>PRÁTICAS DE LINGUAGEM</b>	<b>OBJETOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>HABILIDADES</b>
Leitura	Relação entre textos	(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (EF08LP05) Analisar processos de formação de palavras por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quadro 3: História - 9º ano conforme BNCC

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.) A história recente do Brasil:	(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de

	transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira A questão da violência contra populações marginalizadas	preconceito, como o racismo. (EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos. (EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.
A história recente	Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade As pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no debate local, regional, nacional e internacional	(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Apresentadas as Práticas de Linguagem e as Unidades Temáticas referentes às disciplinas de Língua Portuguesa e História, bem como os objetivos específicos e as habilidades de ensino, apresenta-se a seguir um planejamento das atividades realizadas com os alunos do ensino fundamental, cursando o 8º ano. As atividades estão especificadas no Apêndice desta tese.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) ressaltam a necessidade de oferecer respostas às demandas da população afrodescendente. O documento destaca a principal meta a ser atingida por meio das políticas de reparação. É possível realizar uma leitura sobre o direito dos negros de “se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos” (BRASIL, 2004, p.10). Sobre as metas a serem atingidas pelas políticas, destacam-se o direito dos negros

cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas do conhecimento; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL, 2004, p. 10-11).

É necessário enfatizar que o documento menciona a necessidade de professores estarem preparados e envolvidos com uma educação voltada às demandas da população negra, mostrando-se capacitados para o exercício de ensinar. Para isso, é necessário que educadores estejam aptos para lidar com as tensas relações engendradas pelo racismo, realizando uma autoanálise sobre pensamentos e comportamentos racistas, com vistas a desconstruí-los. É nesse ponto que o documento destaca algumas barreiras a serem enfrentadas na educação, pois os profissionais não estão ainda qualificados para tratar sobre o tema.

De acordo com as diretrizes, a desconstrução do racismo começa quando reconhecemos sua existência e entendemos os mecanismos das desigualdades geradas a partir dele. As diretrizes enfatizam que o

reconhecimento implica justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos; requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade [...]; exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos [...]; reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil [...]; reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história [...]; reconhecer exige que os estabelecimentos de ensino, frequentados em sua maioria por população negra, contem com instalações e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino [...] (BRASIL, 2004, p. 11-12).

Assim sendo, cabe destacar que sem o devido reconhecimento, torna-se inviável a implementação de uma educação antirracista. As diretrizes também apontam a importância de desconstruir alguns equívocos presentes no cotidiano das escolas. O primeiro refere-se ao uso das expressões negro e preto. Conforme as orientações, “ser negro no Brasil não se limita às características físicas” (p. 15), trata-se de uma questão política já que o Movimento Negro na década de 1970 ressignificou o termo pejorativamente utilizado no período da escravidão. Sendo assim, é possível encontrar uma referência à luta de movimentos ocorridos na década de 1970. Analisando sob esse prisma, o segundo equívoco vem explicar a expressão preto, uma referência à cor da pele. Este termo é utilizado pelo IBGE.

Um terceiro equívoco leva à reflexão sobre os negros discriminarem-se entre si. Sobre essa afirmação, as diretrizes explicam que essa alegação pode ser examinada sob o prisma de políticas que “visavam ao branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros” (p.16).

O quarto equívoco a ser superado é de extrema importância e dialoga com essa pesquisa uma vez que sinaliza a relevância da luta antirracista em todas as instâncias. Há uma crença de que as questões raciais sejam analisadas, estudadas e discutidas apenas pelo

movimento Negro ou por estudiosos. A superação do racismo e das discriminações é uma luta de todos.

O quinto equívoco desdobra-se em uma complexa tríplice que engloba o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento. De acordo com o documento, esses são processos estruturantes e que incidem de diferentes maneiras a população.

Enquanto processos estruturantes e constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais. As formas, os níveis e os resultados desses processos incidem de maneira diferente sobre os diversos sujeitos e interpõem diferentes dificuldades nas suas trajetórias de vida escolar e social. Por isso, a construção de estratégias educacionais que visem ao combate do racismo é uma tarefa de todos os educadores, independentemente do seu pertencimento étnico-racial. (BRASIL, 2004, p. 16)

Uma leitura crítica sobre os equívocos mencionados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas viabiliza que ações sejam propostas na área da educação. Com isso, verifica-se a importância do professor em construir estratégias e proporcionar aos estudantes, meios de identificar, discutir e relacionar as complexidades que estruturam o racismo. Tal postura configura-se em um posicionamento ético, mas também político do profissional da educação.

Os equívocos assinalados pelas diretrizes apontam as manifestações e os desdobramentos do racismo ainda não reconhecido por parte da sociedade. Por outro lado, enfatiza a necessidade de um posicionamento das escolas e dos profissionais da educação frente às discriminações, frisando a emergência da qualificação para a educação das relações étnico-raciais.

Frente às inúmeras superações e aos equívocos a serem desarticulados, o Referencial Curricular Gaúcho (2018) é um documento elaborado em regime de colaboração entre a Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), a União Nacional dos Dirigentes Municipais da Educação (UNDIME/RS) e o Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (SINEPE/RS) com o objetivo de alinhar-se à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo a oferecer aos educandos uma educação voltada para o alcance das habilidades e das competências na educação básica da rede pública e privada.

Com enfoque na educação antirracista, o documento ressalta a obrigatoriedade da educação das relações étnico-raciais em todos os níveis da educação básica. Entretanto, o

Referencial Curricular Gaúcho destaca que, embora a Lei 10.639/03 fundamenta o ensino da história e da cultura afro-brasileira, de nada adianta sem o devido entendimento sobre o tema.

Com base nisso, a presente pesquisa reforça a importância de apresentar às escolas, aprendizagens que integram questões relacionadas à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

Conforme os apontamentos destacados na BNCC, nas Diretrizes Curriculares e no Referencial Gaúcho, verifica-se orientações e ações que possibilitam a implementação da Lei 10.639/03. Entretanto, é fundamental que a educação não se restrinja à aplicabilidade da lei, traçando apenas aspectos relativos à história e à cultura afro-brasileira.

No entender da filósofa Djamila Ribeiro (2019), combater as formas de discriminação requer, em primeiro lugar, o reconhecimento de sua existência. Nesse sentido, Ribeiro (2019, p. 22) destaca que “mais grave é não reconhecer e não combater a opressão”. Pondo em diálogo com a presente pesquisa a indagação da autora, questiona-se “o que, de fato, cada um de nós tem feito e pode fazer pela luta antirracista?” (RIBEIRO, 2019, p. 22).

Para ilustrar uma das possibilidades de resposta ao questionamento feito por Djamila Ribeiro, verifica-se o impacto social desta pesquisa, a partir da aplicabilidade na educação básica. O intuito é promover a leitura de contos da literatura afro-brasileira e oportunizar que estudantes da educação básica, a partir da leitura crítica, discutam sobre questões voltadas à identidade afro-brasileira, reconhecendo-a como parte da história e da cultura brasileira, bem como aspectos relacionados à memória, à cultura e à ancestralidade.

Partindo para um delineamento que analisa a temática da memória e da ancestralidade presentes nos contos, torna-se pertinente apresentar que aspectos simbolizam a relevância da pesquisa: a) a memória é elemento fundamental na construção das narrativas; b) há, nos três contos, uma referência aos ancestrais; c) as memórias das protagonistas estão ancoradas em lugares, objeto e itinerários, que possuem uma relação com o passado ancestral; d) entende-se que as produções literárias das escritoras propiciam um novo olhar para a historiografia literária, tornando-se necessário lançar mão de novos aparatos teóricos para análise dos contos; e) a literatura representa para as escritoras negras a reconstituição de suas próprias histórias, narradas sob seu ponto de vista; f) possibilidade em expandir o conhecimento a respeito das religiões de matriz africana; g) pensar o que, nos contos, constitui ancestralidade.

A partir dos desdobramentos concernentes à relevância da pesquisa, Francineide Palmeira (2010a, p. 194), destaca que “as escritoras negras contribuíram e contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade afrodescendente por meio de instrumento da escrita”. Assim, a

escrita vem contrapor-se ao discurso hegemônico que as inferiorizou. Outro aspecto da escrita assinalado pela autora é a constituição de uma nova história sob a perspectiva feminina, revelando elementos culturais invisibilizados pela escrita masculina e branca.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca realizar o cruzamento de pressupostos teóricos sob a perspectiva da Memória Social em contos da Literatura Afro-brasileira, dando destaque às produções literárias de mulheres negras. Os três contos analisados são de autoria feminina e têm como protagonistas mulheres negras que enfrentam diversos dilemas no cotidiano, mas que recorrem às suas memórias de maneira pertinente, como forma de referenciar seus antepassados.

Destaca-se também a singularidade de suas identidades, uma vez que as personagens lidam com diferentes questões que envolvem suas vivências na sociedade. Torna-se fundamental a necessidade de aprofundar-se em leituras sobre a história e a cultura afro-brasileira, demonstrando, nesse sentido, o comprometimento da pesquisadora com as relações étnico-raciais.

A apropriação do conceito de *lugar de fala* possibilita uma análise acerca das experiências enquanto mulher branca. Observando as questões a respeito da educação das relações étnico-raciais já mencionadas nesta pesquisa, minhas experiências partem de uma localização social marcada pela branquitude, que, historicamente, pertence a um grupo privilegiado. Em uma leitura da obra *Lugar de fala* (2019), é possível analisar criticamente o significado do conceito apresentado por Djamila Ribeiro. Segundo a autora, “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2019, p. 60). Nesse contexto de dupla discriminação que acometem as mulheres negras, a autora menciona existir “uma cobrança maior em relação aos indivíduos pertencentes aos grupos historicamente discriminados, como se fossem mais obrigados do que os grupos localizados no poder de criar estratégias de enfrentamentos às desigualdes” (RIBEIRO, 2019, p. 69).

De forma semelhante, reforço que há uma cobrança maior em relação às mulheres em apresentar soluções para as desigualdades engendradas pelo machismo, como se as questões ligadas a este tema fossem reservadas às mulheres. Embora exista uma atuação reduzida de homens engajados no combate ao machismo, a luta pela igualdade de direitos é, em grande número, entre as mulheres. Corroborando com Ribeiro (2019) sobre a inseparabilidade da luta contra o racismo e o machismo, ressalta-se a necessidade de pensar ações políticas e teorias que não priorizam uma ou outra luta, pois ambas opressões devem ser pensadas e combatidas considerando sua combinação. Nessa perspectiva, há a necessidade de abordar questões

relativas às demandas da população negra, tornando essencial admitir privilégios da branquitude quando são estes os grupos localizados socialmente em espaços de poder.

Nesse sentido, a presente pesquisa não pretende mostrar um desfecho definitivo de modo a cristalizar interpretações a respeito dos contos. O que se pretende é situar as autoras Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Fátima Trinchão, enquanto escritoras contemporâneas, e entrecruzar epistemologias desenvolvidas por teóricos no campo da Memória Social e da Literatura Afro-Brasileira, proporcionando que futuras pesquisas possam se apropriar e se aprofundar sobre o tema.

Verifica-se também a relevância em apresentar as especificidades dos textos analisados que apresentam particularidades da cultura afro-brasileira, desprendendo-se de representações culturais que as caracterizam como exóticas ou folclóricas.

Conceição Evaristo (2005) assinala a questão da linguagem na literatura ser um espaço de produção e construção de sentidos cujo discurso consiste em produzir representações estereotipadas das mulheres negras desde o período da literatura colonial. A autora destaca outro aspecto presente na literatura brasileira ao mencionar a ausência de representação de mulheres negras mães, por ser este o perfil delineado às mulheres brancas. Ao indagar se a literatura teria a “tendência em ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional” (p. 53), a autora apresenta algumas leituras que permitem reverter visões estereotipadas. Sendo assim, na visão da autora, escritoras negras buscam inscrever imagens de autoapresentação.

Dessa maneira, escolheu-se os contos *Olhos d'água*, *Das águas* e *Arlinda*, por entender a questão dessas escritoras apresentarem “um discurso literário próprio, uma contra-voz a uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder” (EVARISTO, 2005, p. 54). Os contos serão analisados pelo viés de narrativas protagonizadas por mulheres negras, que, através da memória, procuram reverenciar seus ancestrais.

No conto *Olhos d'água*, há o recorrente questionamento da protagonista ao se deparar com a dúvida sobre a qual percorre até o fim do conto. Em tom acusatório, a narradora personagem questiona a si mesma sobre qual seria a cor dos olhos da mãe. A indagação é um convite para revisitar suas próprias memórias.

A narrativa é estruturada de acordo com os acontecimentos que remontam à infância da personagem e ao convívio com as irmãs. Cabe destacar que o recorrente questionamento remete a uma resposta e/ou lembrança do tempo pretérito.

Em *Das águas*, a protagonista Omi enfrenta dilemas que atravessam a estrutura complexa de sua existência. Tal complexo está diretamente ligado à interseccionalidade das

opressões, já que o conto revela cenas de racismo e discriminações desconcertantes para a protagonista. No panorama de suas incertezas, Omi precisa lidar com sua própria instabilidade emocional e a lembrança de seus ancestrais tem um papel transformador de reparação.

Já no conto intitulado *Arlinda*, observa-se a presença de duas vozes que se intercalam na narrativa. A memória da personagem é revisitada, trazendo lembranças de acontecimentos que situam várias épocas, rendendo um tributo ao passado ancestral e uma referência aos aspectos culturais.

As razões apresentadas acima apresentam o porquê da escolha dos três contos para investigação. Tratam-se de contos em que a memória é fio condutor da narrativa, há objetos, lugares e itinerários que operam como suportes de memória e, por fim, a religiosidade como um lugares de memória se faz presente nos três contos.

### 3 GUARDIÃS DA MEMÓRIA

Torna-se essencial elencar as particularidades das produções literárias de Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Fátima Trinchão. Comparar suas produções literárias aqui não tem a pretensão de estabelecer fronteiras, demarcando e categorizando a escrita de cada uma das autoras. Entretanto, por serem escritoras contemporâneas da Literatura Afro-brasileira, cabe especificar as características de suas produções literárias, bem como assinalar que se trata de uma escrita marcada por circunstâncias que assinalam aspectos culturais e sociais experimentados pela população negra. Assim, a Literatura Afro-brasileira confere ao público leitor uma multiplicidade de histórias e de personagens que narram sua visão de mundo sob pontos de vista diversos.

No fazer literário das escritoras é possível verificar circunstâncias semelhantes a uma coletividade ao expor dilemas, angústias, contradições e inquietações partilhadas por um grupo. Os três contos analisados estão diretamente ligados à temática da memória e da ancestralidade, sendo possível constatar uma combinação entre lembranças que percorrem, que remontam a um tempo pretérito, revisitando momentos que sensibilizam as personagens. Por outro lado, os processos de rememoração também funcionam como estratégias de revigoração para enfrentar dilemas no presente e reverenciar ancestrais.

Quanto à experiência da escrita, Francineide Palmeira (2010b) destaca a temática da Literatura Afro-brasileira a partir de um processo de construção da identidade ligada à memória.

Compreendendo o passado como importante para a construção da identidade dos afro-brasileiros, as escritoras e os escritores da literatura negra tematizam a memória dos afrodescendentes em suas produções, trazendo à tona uma memória coletiva invisibilizada, negada e apagada pela história oficial brasileira. Por meio da reinvenção poética, esses escritores e escritoras imortalizam a experiência vivenciada e transmitida de pai para filho e de mãe para filha num processo de reconfiguração/preservação simultânea de traduções seculares transmitidas pela oralidade. (PALMEIRA, 2010b, p. 5-6).

De acordo com a escritora Conceição Evaristo, sua escrita é marcada pela *escrevivência*<sup>10</sup>. No conto *Olhos d'água*, a protagonista não é nomeada e o fio condutor da narrativa é sua própria memória sendo revisitada por meio de um questionamento que

---

<sup>10</sup>O termo cunhado pela autora apresenta um conceito em construção. Entretanto, trata-se da junção do verbo *escrever* e do substantivo *vivência*. Na aglutinação de termos, originou-se a *escrevivência*, representando a produção de uma escrita marcada por vivências de uma coletividade e não de uma escrita de si. Disponível em : <<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

interrompe seu fluxo de pensamentos. A insistência na indagação sobre qual seria a cor dos olhos da mãe atravessa o conto, conferindo à personagem um passeio pela infância. Mergulhada em si mesma ao rememorar os momentos que vivenciou com a mãe e as irmãs, a interrogação vem desestabilizar seu momento presente e, conseqüentemente, suas próprias memórias. Assim, é possível verificar a persistência do questionamento que em certa medida já se transformou “em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo” (EVARISTO, 2016, p. 11).

Já na escrita de Cristiane Sobral, em *Das águas*, a protagonista Omi<sup>11</sup> conecta passado e presente. Narrado em terceira pessoa, identificam-se questões ligadas à identidade, à raça e ao gênero, podendo ser observada a questão de como a interseccionalidade e opressões que atravessam o cotidiano de Omi.

No fazer literário de Fátima Trinchão, é possível observar um tom poético que se desdobra em uma narrativa permeada pelas memórias da narradora e protagonista Arlinda. Semelhante a um monólogo, a narrativa vai encadeando uma série de relatos que remontam ao tempo pretérito, revelando a história de seus antepassados.

Na literatura dessas autoras, destaca-se também a presença de aspectos ligados à religião de matriz africana. Nesse sentido, esta pesquisa busca entrelaçar memória e ancestralidade, enquanto fios condutores das narrativas, aos aspectos religiosos presentes nas produções literárias.

Torna-se essencial elencar a produção intelectual das autoras aqui analisadas, destacando suas obras no cenário literário. Como assinala a expressão de Sueli Carneiro (2010, p. 8) “nossos passos vêm de longe!” vem representar o percurso dessas mulheres que se destacaram na Literatura. A seguir, serão apresentadas as autoras Conceição Evaristo<sup>12</sup>, Cristiane Sobral<sup>13</sup> e Fátima Trinchão<sup>14</sup>, bem como uma introdução sobre o estudo de suas obras.

### 3.1 Memória e escrituragem de Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito - Conceição Evaristo (1946-), nasceu em uma comunidade localizada na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Antes de se tornar doutora

---

<sup>11</sup> Na língua iorubá, Omi tem o significado de água.

<sup>12</sup> A biografia e as produções literárias foram consultadas no site do Itaú Cultural (2022) e Literafro (2023).

<sup>13</sup> A biografia da autora foi consultada na página Itaú Cultural (2022) Gênero, Democracia e Direito da Puc-Rio (2014) e do site Literafro (2023).

<sup>14</sup> A biografia da autora foi consultada na página da EBC (Empresa Brasil de Comunicação).

em Literatura Comparada, Conceição Evaristo trabalhou até 1971 como empregada doméstica. Nesse mesmo ano, conseguiu concluir seus estudos na Instituição de Educação de Minas Gerais.

Em 1973, com 27 anos, ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Curso de Letras. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), concluiu em 1996, seu Mestrado em Literatura Brasileira, defendendo a dissertação intitulada *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. No ano de 2011, defendeu a tese de doutorado *Poemas Malungos – Cânticos Irmãos*, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Seus primeiros trabalhos começaram a ser publicados por meio da série *Cadernos Negros*, em 1990. Contista, poeta e romancista, seu primeiro livro publicado é *Ponciá Vicêncio* (2003). Outra obra literária de grande impacto é *Becos da Memória* (2006). Em 2014, lançou o livro a antologia *Olhos d'água*, que consagrou o Prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas em 2015.

Entre as publicações da autora no campo literário, destaca-se também suas produções acadêmicas como artigos publicados na área da literatura. A expressão *escrevivência*, apontada por alguns estudiosos como um conceito em construção, sugere uma análise pormenorizada, com o intuito de aproximá-la não só à escrita da autora, mas também de Cristiane Sobral e de Fátima Trinchão.

Como já mencionado, o termo é uma aglutinação entre os verbos *escrever* e *viver*; *se ver*. O referido termo foi proferido pela primeira vez em 1994, enquanto cursava o mestrado. De acordo com Evaristo, a junção dos verbos culminou na elaboração da expressão *escrevivência*. De maneira a simbolizar um dado histórico, a escritora lembra a fala das mulheres negras escravizadas que precisavam contar suas histórias para a casa-grande. Ao traçar uma relação histórica, a *escrevivência* está fundamentada na autoria das mulheres negras, que, por meio da escrita, vêm borrar uma imagem do passado de mulheres negras escravizadas contadoras de suas histórias.

A adoção do termo pode ultrapassar os limites da autoria de escritoras da literatura afro-brasileira, adentrando em diferentes áreas. Para a autora, nada impede que a expressão seja utilizada por outras pessoas ou grupos sociais. Entretanto, ressalta que o termo está “muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande”.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup>Entrevista concedida ao Itaú Social em 2020.

Sobre o ponto de vista da escritora Conceição Evaristo (2020), no fazer literário encontram-se componentes que mesclam a experiência da escrita e da vivência. Assim, a chamada *escrevivência* é um termo cujo conceito ainda em construção pode referenciar-se à produção literária de mulheres negras. Para Evaristo, a linguagem opera como um instrumento de ressignificação dos sujeitos.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (EVARISTO, 2020, p. 30).

É importante enfatizar que Evaristo associa a *escrevivência*, em sua concepção inicial, à escrita das mulheres negras com a intenção de rasurar a imagem da Mãe Preta escravizada, que apesar disso, foi guardiã e disseminadora de memórias. O termo, de acordo com a autora, revela também a experiência e a vivência de uma identidade africana ressignificada por meio da palavra escrita com o intuito de celebrar sua ancestralidade. Evaristo ressalta que, embora a expressão tenha um sentido que parte de uma experiência específica da condição de mulheres negras, seu discurso literário alcança diferentes personagens que estão fora do padrão heteronormativo. Sendo assim, encontra-se em sua produção literária, personagens que experimentam diferentes tipos de exclusão.

Relacionando Conceição Evaristo e Gloria Anzaldúa (1942-2004) - escritora mexicana, no que se refere à escrita de mulheres, pode-se verificar uma aproximação entre as motivações da escrita. No ensaio de Gloria Anzaldúa intitulado *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, a autora caracteriza o sentido da escrita para uma mulher filha de camponeses do sul do Texas.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. [...] Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Por que deveria tentar justificar por que escrevo? Preciso justificar o ser chicana, ser mulher? Você poderia também me pedir para tentar justificar por que estou viva? O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

No texto, a autora busca responder ao questionamento “Por que sou levada a escrever?”. Os apontamentos suscitam reflexões sobre a condição das mulheres. Embora seus argumentos apontem para um discurso em primeira pessoa, pode-se inferir que sua escrita não se reserva a algo particularizado, mas sim, está voltada a uma coletividade.

Interessante ressaltar também que em seus argumentos sobre o ato de escrever, a escrita para Anzaldúa está diretamente ligada à sobrevivência em diversos sentidos, e destaca-se, sobretudo, a ideia de que a autora escreve para registrar uma imagem apagada, de modo a reescrever “as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (ANZALDÚA, 2000, p. 232). Em meio às considerações tecidas, Anzaldúa questiona por que deve explicar-se sobre os motivos que a levaram a escrever, que perpassam dois modos de estar no mundo: o fato de ser uma mulher e estar viva. Seus questionamentos estão centrados na busca do eu - enquanto um indivíduo conduzido a pensar e se ver como “outro”.

O cruzamento entre as duas autoras remete-nos ao fato de que a escrita pode representar um processo narcísico, centrado no eu. Entretanto, conforme destacado por Evaristo (2020, p. 38), “a Escrivivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado”, e, por isso, não deve ser confundida com uma escrita narcísica. Sobre esse aspecto, a *escrivivência* ganha um sentido que representa uma experiência coletiva.

[...] a *Escrivivência* não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A *Escrivivência* é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. [...] O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. [...] Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. [...] O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos. (EVARISTO, 2020, p. 38-9).

Para Maria Nazareth Soares Fonseca (2020a), o termo tem sido utilizado na elaboração de pesquisas como artigos, dissertações e teses, e, por esse motivo, a autora salienta que as concepções dadas ao termo *escrivivência* possuem nuances. Em uma concepção inicial, a palavra *escrivivência* decorre morfológicamente da junção entre os verbos *escrever* e *viver*. Associada a interpretações possíveis entre escrever vivências, o verbete contém diversos significados relacionados à recuperação dos fatos vividos por meio

da escrita literária de mulheres negras que buscaram rasurar os sentidos do imaginário que enxerga o (a) negro (a) desempenhando funções determinadas pelo sistema escravocrata.

No entender da autora, a escrita literária das mulheres negras busca rever a história da escravidão narrada sob um novo ponto de vista. Assim, a escrevivência

[...] passa a significar a expressão de uma subjetividade negra feminina que tanto pode valer-se de estratégias discursivas próprias à revelação de um eu negro, quanto anunciar uma voz coletiva que assume as experiências femininas negras. [...] o termo vem sendo retomado com base em ângulos de visão e pontos de vista que remetem à etnia e ao gênero. Os sentidos possíveis ao termo bordejam os gêneros abrigados pela noção de “escrita de si”, tal como se apresentam na autobiografia e na autoficção, mas também autorizam interações com outros termos e expressões que acolhem as relações entre sujeitos negros e modos de experienciar a memória e a própria vida. Escrevivência torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária (FONSECA, 2020, p. 65-66).

Enquanto estratégia de escrita, a escrevivência se configura como experiências registradas na oralidade e na vida real, motivando assim a escritura literária. Ao relacioná-lo com a memória, Fonseca (2020, p. 67) destaca que o termo escrevivência “poderia ser discutido com auxílio de visões e percepções críticas que indagam sobre formas de escrever a memória do povo negro.”

É relevante mencionar a comparação entre os termos escrevivência, da escritora Conceição Evaristo com o termo marronagem cultural, utilizado por escritores do Caribe, especialmente por René Depestre, do Haiti. Fonseca apropria-se dos conceitos para exemplificar as formas de escritura literária, estabelecendo uma relação entre os dois termos.

A autora salienta, inicialmente, o contexto histórico em que os termos marronagem e marronagem literária surgiram. De acordo com a autora, o termo marronagem surgiu a partir das fugas realizadas por escravizados que buscavam se libertar das plantações ou mesmo das casas dos senhores. Marronagem, nesse sentido, era o nome dado às fugas. Ao destacar a etimologia da palavra, a autora apropriou-se ainda das considerações de René Depestre (1980), apresentou a origem da palavra. Assim, conforme nos explica Fonseca, (2020, p. 67) “marronagem deriva de marrom, corruptela do espanhol cimarron, nome de uma tribo do Panamá, os Symarrons, que se rebelou contra os espanhóis”.

Não se detendo apenas a esse significado, Depestre entende como marronagem as estratégias dos escravizados em se abrigarem em comunidades formadas por negros marrons. Na visão da autora (2020, p. 67) Depestre reinterpreta o significado do termo ao referir que marronagem se caracteriza pela “história de enfrentamento e reinterpretação da Europa da

espada, da cruz e do chicote, através de mecanismos de subversão e de reelaboração de novos modos de sentir, de pensar e de agir”.

É interessante destacar que, no Brasil, o termo quilombola expressa o mesmo significado de marronagem. Relacionando os termos marronagem e escrevivência, entende-se que a literatura desses autores está comprometida com o fato de narrar a luta dos escravizados e seus descendentes, registrando uma memória silenciada pelo regime escravocrata.

A seguir, destaca-se alguns aspectos do conto intitulado *Olhos d'água*, direcionando possíveis análises a partir da perspectiva dos estudos da memória.

### 3.1.1 Descortinando memórias em Olhos d'água

Em uma escrita atravessada pelas lembranças da protagonista, o conto *Olhos d'água* apresenta o dilema da personagem aflita por não recordar a cor dos olhos da mãe. É por meio desse questionamento que a protagonista vai narrando acontecimentos que remontam à tenra infância e ao convívio com a mãe e com as irmãs. Interessante observar que a indagação é reiterada diversas vezes pela própria narradora que não consegue recordar a cor dos olhos da mãe. A cada resposta para a pergunta, a personagem desdobra-se em relatar através de um fio condutor, momentos que a levam a um deslocamento temporal que percorre a infância até reportar-se às origens, na África.

Curiosamente, a narradora relembra cenas que revelam a miséria e a fome; canções de louvores aos ancestrais e menciona não esquecer “essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias” (EVARISTO, 2016, p. 12), sem contudo, recordar a cor dos olhos da mãe. Há uma relação direta entre a religiosidade da protagonista que busca através da memória, *olhar para trás* para descobrir sua própria identidade fragmentada pelo distanciamento de suas raízes. Mais uma vez, vê-se diante de questões voltadas à ancestralidade ao estabelecer um diálogo entre o tempo presente e o pretérito, envolvendo as gerações que atravessam sua filha e seus ancestrais.

## 3.2 Ancestralidade em Cristiane Sobral

Cristiane Sobral é dramaturga, diretora de teatro, escritora, contista e poeta. Nasceu em 1974, no Rio de Janeiro e hoje reside em Brasília. Sua carreira teve início em 1989-1998 em um curso de teatro do SESC. No encerramento, a atriz participou do espetáculo *Cenas do Cotidiano*. Um ano depois, foi morar em Brasília, dedicando-se à sua formação profissional.

Em 1990, iniciou as atividades atuando em grupos de teatros, onde inaugurou a peça *Acorda Brasil*. Com apenas dezesseis anos, ingressou na Universidade de Brasília, sendo a primeira atriz negra a se formar no Ensino Superior em Interpretação Teatral. A atriz também é Pós-Graduada em Educação, com ênfase no ensino de artes.

Destaca-se a presença de Cristiane Sobral também no cenário literário a partir dos anos 2000, quando obteve a sua primeira publicação em *Cadernos Negros*, na edição N.º 23. Em 2008, a escritora esteve presente em uma edição bilíngue de *Cadernos Negros*, intitulada *Black Notebooks*, editada nos Estados Unidos, e na antologia *Cadernos Negros, três décadas: ensaios, poemas, contos*. Em 2011, participou da antologia crítica intitulada *Literatura e afrodescendência no Brasil*, de Eduardo de Assis Duarte. A coletânea selecionou 100 autoras e autores negros brasileiros dos séculos XVIII ao XXI. Em 2018, integrou outra coletânea intitulada *Encontros com a poesia do mundo*.

Sua primeira publicação individual ocorreu em 2010 com o lançamento do livro *Não vou mais lavar os pratos*, uma coletânea de poemas; entre eles, o que integra um poema homônimo. Em 2014, lançou o livro *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*, cuja temática se aproxima à situação da população negra e periférica. Em 2016, publicou outra antologia de contos intitulada *Tapete Voador*, para, no ano seguinte, lançar o livro de poesias *Terra Negra*.

Por fim, cabe destacar a publicação do conto *Das águas* - analisado nesta pesquisa - na antologia organizada por Vagner Amaro. A obra intitulada *Olhos de azeviche - dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* possui textos originalmente já publicados, entre eles, contos de Conceição Evaristo e Geni Guimarães. A coletânea também ofereceu espaço para publicação de contos que circulavam em blogs, como os textos de Taís Espírito Santo.

### 3.2.1 Imergindo nas águas e nas memórias com Oxum

O conto *Das águas*, de Cristiane Sobral, apresenta um painel múltiplo de análises, suscitando interpretações desde aspectos identitários a temas relacionados à memória e à ancestralidade. Também é possível sublinhar as intenções da escritora ao denunciar o racismo e o preconceito.

*Das águas* é um conto narrado em terceira pessoa, revelando a realidade da personagem Omi - protagonista. No início da narrativa, o leitor depara-se com aspectos ligados às questões do corpo, em que o emprego de palavras como “hiperbólica”, “opulenta”,

“macaca”, “nega maluca”, “filha da senzala”, são recorrentes na vida de Omi. Sobre esse aspecto, pode-se verificar de antemão, a complexidade do cotidiano da personagem.

Tratando sobre essas questões, aponta-se a presença do espelho como forma de reprodução do racismo vivenciado, na medida que Omi “vivia o conflito com os seus espelhos” (SOBRAL, 2017, p. 50). Em *Das águas*, é possível observar a intersecção de opressões que entrelaçam uma identidade forjada por diferentes formas de violência. O conto é estruturado a partir de uma perspectiva negativa, tecida a partir de uma linguagem carregada de estigmas.

Entretanto, ressalta-se a presença de elementos que remetem à memória e à ancestralidade sendo lembrados pela protagonista. Sendo assim, salienta-se a genealogia da personagem sendo reconstruída por intermédio das lembranças. O narrador tece um painel das memórias que vão se manifestando a partir de sentenças como: “a resistência de um povo mantenedor de tradições culturais” (SOBRAL, 2017, p. 49); “sentia que a força dos seus estava a inspirar os seus passos” (SOBRAL, 2017, p. 50); “o axé dos novos e dos velhos de sua comunidade” (SOBRAL, 2017, p. 51); “ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum viu seus antepassados em uma terra distante em um pedaço de solo africano” (SOBRAL, 2017, p. 51). Observa-se, portanto, rastros ligados à memória ancestral de Omi.

Cabe mencionar as análises de Chagas e Rosa (2021, p. 219) sobre os rastros memoriais da diáspora afro-atlântica diaspórica presente no conto *Das águas*, de Cristiane Sobral. Os autores ressaltam que os rastros ancestrais podem ser identificados por meio de “elementos linguísticos, culturais e da religiosidade dos povos iorubás e bantu”<sup>16</sup>.

Através de uma leitura com base na epistemologia pluriversal, os autores ressaltam a ideia pautada na coletividade, ou seja, abordam as múltiplas formas de leitura de mundo. Nesse sentido, os autores Chagas e Rosa focam na perspectiva de que “a unidade não pode ser separada da coletividade, da mesma forma que a coletividade só tem força a partir das suas muitas particularidades” (2021, p. 222- 223).

No que se refere à abordagem afroperspectivista, Chagas e Rosa (2021) ressaltam o entrelaçamento da história, da cultura e das ancestralidades. Tomando de empréstimo a abordagem afroperspectivista de acordo com Renato Nogueira (2019), é possível destacar as diversas maneiras de ler e estar no mundo.

---

<sup>16</sup>Iorubás: povos procedentes das regiões da África ocidental - Daomé, Nigéria e Togo. No Brasil, de acordo com René Depestre (1980) “a cultura iorubá foi introduzida no Brasil pelos negros da Costa dos Escravos, sendo comum, em nosso país, chamar-se "nagô" aos iorubás e a sua língua”. De acordo com Robert Daibert (2015, p. 10), “os bantos são um conjunto de povos que habitavam a África Central nas regiões que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cabinda. Apesar das diferenças étnicas, esses povos compartilhavam o mesmo tronco linguístico: eram falantes das línguas bantos”.

### 3.3 Divagando nas memórias com Fátima Trinchão

A escritora Maria de Fátima Conceição Trinchão de Carvalho, mais conhecida como Fátima Trinchão, nasceu no município de Euclides da Cunha - Bahia, no ano de 1959. Atualmente, mora em Salvador e trabalha no Tribunal de Contas do Estado da Bahia e leciona para estudantes do Ensino Médio, na rede pública de ensino. Fátima Trinchão é graduada em Letras com Língua Francesa.

As primeiras publicações da escritora surgem a partir da década de 80, em jornais baianos, entre eles, *A TARDE*. Neste caderno, foi publicado em 1978, o poema *Contemplação de uma vida*. Outros poemas como *Roda Vida* (1979) e *Deus* (1985), também foram publicados nesse jornal.

A divulgação de seus textos se estendem para coletâneas como *Antologias Poéticas Hagorah*, da Editora Contemp (1986); a Revista CEPA, da Editora Cepa (2006); *Versos e Rimas.com* (2006); *Publicação Bahia de todos os contos* (2008) e *SALVADOR - 460 DE POESIA* (2008), da Editora Óminira; *Ecos do passado*, da Editora Novos Autores - integrando 44 poemas da escritora.

Seu espaço na literatura foi crescendo a partir de contos, crônicas, cordéis e dramaturgia e também em publicações na antologia *Cadernos Negros* (volumes 32 e 34), com os contos *Salve as folhas* (2009) e *Abençoa Pai Oxalá* (2011). A antologia de crônicas e contos *Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira* reúne dois contos - *Arlinda* e *Lembranças*.

#### 3.3.1 Percorrendo veredas da memória em *Arlinda*

*Arlinda* é um dos contos que compõe a antologia *Olhos de Azeviche*. Sobre a narrativa, é interessante observar a alternância entre dois narradores. De início, o conto apresenta características reveladas por um narrador que observa as vivências de *Arlinda* entre um fazer e outro. A voz observadora relata que “[...] *Arlinda* relembra tudo isso enquanto subia lentamente as escadas que davam acesso à sua casa, lá no alto do morro”, “[...] penava e relembra os momentos em que vivera com seus pais ali” (TRINCHÃO, 2017, p. 86).

Nota-se que o relato observador é interrompido pela voz de *Arlinda*, sendo possível compará-lo a um monólogo. A percepção dessa mudança de narrador é revelada a partir de falas e reflexões que anunciam ensinamentos como “[...] gente como a gente, seo moço, não pode se deixar abater não, senão não vive” (TRINCHÃO, 2017, p.86). Há momentos em que

a voz de Arlinda revela também fatos sobre seus antepassados, formulando assim um emaranhado de histórias a partir de suas próprias memórias.

Interessante mencionar que o conto está estruturado a partir de um único parágrafo, em que, na voz predominante de Arlinda, constata-se o uso de uma linguagem coloquial. Sobre esses dois aspectos, confere-se à narrativa, uma licença poética, sendo possível compará-la à obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

O conto é ambientado em um lugar em que a personagem mantém uma relação próxima, à medida que suas lembranças revelam momentos relacionados à infância de Arlinda. Isso quer dizer que o lugar é um espaço que auxilia a reconstruir suas memórias. Em idade avançada, a protagonista relembra episódios individuais e coletivos, mesclando valores culturais e religiosos. As divindades presentes no cotidiano da protagonista podem simbolizar sua luta diária, pois segundo a concepção da protagonista, Ogum, Iansã, Oxum, Oxalá, Xangô e Oxalufã representam “guerreiros nesta vida e na outra” (TRINCHÃO, 2017, p. 92). Assim, nas veredas de suas memórias, Arlinda relembra fatos que remontam o passado ancestral ancorado em referências locais e também espirituais.

Propõe-se uma investigação sobre as lembranças das personagens que mesclam a experiência individual e coletiva. Nos contos, verifica-se a presença de suportes de memória relacionados às lembranças da protagonista não nomeada em *Olhos d'água*, Omi e Arlinda. Por esse viés, esta tese pretende analisar as manifestações das memórias, investigando sua relação com lugares, objetos e divindades, ou seja com traços.

#### 4 FORMAS INICIAIS

As etapas de um trabalho acadêmico envolvem diversas escolhas como a definição do tema, da justificativa, apresentando questionamentos a serem respondidos pelo pesquisador, bem como delinear objetivos. Optando por uma investigação em que o percurso metodológico adotado é a pesquisa bibliográfica, cumpre destacar as considerações apresentadas por Guacira Lopes Louro (2007, p. 235) que salienta alguns desafios envolvendo a prática da pesquisa. A autora destaca sobretudo os “desafios envolvidos nas tarefas de conhecer, pesquisar e escrever na perspectiva pós-estruturalista [...], o modo como escrevemos tem tudo a ver com nossas escolhas teóricas e políticas”. Corroborando com a autora, “um texto sempre pode ser interpretado diferentemente, sempre pode ser interpretado outra vez, e ainda outra vez e mais outra... Um texto desliza, escapa” (2007, p. 237).

A partir dessas reflexões, o presente estudo busca elencar algumas produções acadêmicas que já se debruçaram sobre a temática da memória ancestral em obras da literatura brasileira. A principal fonte de busca foi o repositório da Capes. Por outro lado, também foram selecionadas teses e dissertações do banco de dados da Universidade La Salle, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e no Lume da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que discorreram sobre o tema.

Salienta-se que as escolhas foram realizadas a partir dos descritores que mais se aproximaram da temática desta pesquisa. Assim, utilizou-se os seguintes descritores: memória, contos da literatura afro-brasileira, ancestralidade, cultura afro-brasileira. Com o objetivo de selecionar pesquisas realizadas nos últimos cinco anos, algumas pesquisas são anteriores ao ano de 2018 e foram selecionadas por apresentarem teóricos e perspectivas diferentes daquelas projetadas nesta pesquisa. Entretanto, serão aqui analisadas com o objetivo de examinar a conexão entre uma pesquisa e outra.

Verifica-se também que os autores empregaram termos como “perspectivas femininas afro-brasileiras” para se referir à subjetividade das mulheres negras. Em uma das teses, o autor optou pelo recorte de contos das escritoras Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves publicados em *Cadernos Negros*.

Para melhor ilustrar a fonte de pesquisa, no quadro a seguir visualiza-se os dados de forma esquematizada, exibindo informações como autor, tipo de pesquisa, título, ano e o repositório em que as teses e dissertações foram selecionadas.

Quadro 4: Teses e dissertações (2016-2021)

<b>Pesquisadores (as)</b>	<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Repositório</b>
Rodrigo da Rosa Pereira	2016	Tese: Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (contos): Conceição Evaristo, Esmeraldo Ribeiro e Miriam Alves	Capes
Maria Julieta Dias Gonçalves	2021	Dissertação: Tornar-se negro em <i>Olhos de Azeviche</i>	Capes
Janice Souza Cerqueira	2017	Dissertação: Da literatura afro-brasileira à afrofeminina de Conceição Evaristo	Capes
Monique Valgas Ferreira	2022	Dissertação: Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão: das memórias às escritas de si	DSpace Unilasalle
Tanira Rodrigues Soares	2020	Tese: Tessituras da memória: lembrar, narrar e ressignificar	DSpace Unilasalle
Ana Paula Lonardi Souza	2022	Dissertação: Memórias negras de cuidado de si e sua transmissão geracional através do samba	DSpace Unilasalle

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A partir dos descritores mencionados, escolheram-se alguns estudos, a começar por Pereira (2016)<sup>17</sup> que propôs uma investigação acerca de três autoras cujos contos foram publicados nos *Cadernos Negros*. Ao desdobrar-se sobre as escritoras, Pereira enfatizou a necessidade de discutir as particularidades da escrita de cada uma das autoras, dividindo-as em blocos separadamente.

O destaque e relevância da pesquisa apontam para a emergência de uma contribuição para dar visibilidade às autoras, enfatizando a justificativa da pesquisa estar voltada para um adensamento da recepção crítica acerca dos estudos de literatura afro-brasileira. O estudo de Pereira abordou as características da literatura afro-brasileira, especialmente a partir dos estudos de Eduardo Assis Duarte, Luiza Lobo, Maria Nazareth Soares Fonseca e Zilá Bernd ao configurar um painel da literatura afro-brasileira.

No capítulo dois, intitulado *Da negritude à literatura afro-brasileira*, o percurso investigativo de Pereira traz um painel de informações acerca do conceito de literatura afro-brasileira, apontando controvérsias em torno de sua nomenclatura. Interessante destacar a problemática do conceito a partir de três pontos relevantes apresentados pelo autor: a) há teóricos que definem que tal literatura seja o resultado de uma experiência de “ser negro” no

<sup>17</sup>Doutorado em História da Literatura - “Perspectivas femininas afro-brasileiras em Cadernos Negros (contos): Conceição Evaristo, Esmeraldo Ribeiro e Miriam Alves”.

Brasil; b) em contrassenso, teóricos defendem que a nomenclatura *afro* é aquela em que o texto representa o sujeito negro como detentor de valores culturais; c) por outra perspectiva, teóricos se opõem ao fato de acrescentar à literatura qualquer adjetivo/denominação.

Com base em uma bibliografia estruturada na discussão a respeito da nomenclatura, Pereira elenca autores acerca da definição de literatura afro-brasileira, ressaltando ser essa uma discussão infundável. Entretanto, o autor menciona que na perspectiva de Duarte, há uma definição para conceituar a literatura afro-brasileira, ao elencar aspectos que envolvem a temática, a autoria, o ponto de vista e o público. Nesse sentido, o autor da tese corrobora com a perspectiva de Duarte, ao salientar que a soma desses elementos configuram a literatura afro-brasileira, desde que não estejam indissociados.

Nessa perspectiva, a tese de Pereira apresenta uma vasta bibliografia acerca do conceito de literatura afro-brasileira. A pesquisa também concentrou-se em uma análise da representação de personagens negras presentes na literatura brasileira. Para escolha dos contos, o autor utilizou o critério de seleção a partir daqueles considerados os mais significativos. Ao traçar as análises, constata-se que Pereira empregou o termo *perspectiva feminista afro-brasileira* para designar a conjunção de dois elementos: a) a protagonismo feminino; b) ponto de vista afro-identificado. Sendo assim, Pereira (2016) salienta que

[...] os contos não simplesmente colocam em cena personagens femininas como o centro de suas tramas, mas caracterizam-nas a partir de uma subjetividade feminina negra. Assim, as protagonistas representam não somente o ser feminino, nem apenas o ser negro no Brasil, mas o ser feminino afro-brasileiro, dotado de especificidades étnico-raciais, de gênero e muitas vezes de classe social (PEREIRA, 2016, p.109).

Sobre este aspecto, evidencia-se a pretensão do autor da tese em enfatizar que a pesquisa não considera apenas a literatura afro-brasileira como espaço de protagonismo de mulheres negras, mas formas de se pensar a subjetividade dessas personagens que se veem ocupando diferentes cenários.

Não há um levantamento bibliográfico do autor em relação aos estudos de Memória Social, entretanto, a partir da *perspectiva feminista afro-brasileira*, pode-se constatar a literatura das escritoras como a construção de um espaço afrocentrado, cuja experiência das protagonistas são colocadas a partir da subjetividade, trazendo a história e a cultura da população negra de maneira positiva.

Explorando a pesquisa de Gonçalves (2021)<sup>18</sup>, torna-se interessante destacá-la pelo fato da autora voltar-se à investigação da antologia de contos *Olhos de Azeviche* - obra em

---

<sup>18</sup>Mestrado Acadêmico em Letras - “Tornar-se negro em *Olhos de Azeviche*”.

que dois contos foram selecionados para análise desta pesquisa. Através do conceito de interseccionalidade, Gonçalves traça uma análise para a construção da identidade da mulher negra em seis contos da obra.

A autora tece críticas à literatura brasileira, sobretudo às formas de representação das mulheres negras, retratadas pela escrita de autores brancos, de maneira estereotipada ou mesmo romantizada, por não considerar, por vezes, a violência colonial. Em comum à tese apresentada por Pereira, é possível exemplificar a convergência dos dois autores à interpretação do conceito de literatura afro-brasileira apresentada por Duarte. Gonçalves, assim como Pereira, apontam as características da literatura afro a partir dos cinco pontos elencados: a temática, a autoria, o ponto de vista e o público, acrescentando aspectos relativos à linguagem, não mencionados por Pereira. Quanto a esse tópico, a autora destaca a presença de um vocabulário ligado às práticas culturais da África.

A pesquisa da autora também citou um ponto de vista análogo a tese, ao valer-se do significado de *sankofa*<sup>19</sup>. A autora interpreta o pesquisador Octavio Ianni ao considerar a relevância da temática na literatura afro-brasileira.

Como o pesquisador nos mostra, a temática negra é constituída por meio da realização do movimento de *sankofa*, isto é, recuperar o que ficou para trás. Desse modo, *sankofa* é um *adinkra* que significa que nunca é tarde para voltar e recolher o que ficou para trás. Ao realizar esse movimento de olhar para o passado para construir o futuro, o escritor resgata os rastros da história silenciada do povo negro, os mitos, o imaginário afro-brasileiro, a religiosidade e as tradições culturais. (GONÇALVES, 2021, p. 44-45).

Nesse sentido, a autora traçou uma analogia relacionada à *sankofa*, cujo significado é voltar para o passado e recolher o que ficou para trás. Tal movimento de olhar para trás simboliza o ato de voltar-se para o tempo pretérito, ou seja, a lembrar seus ancestrais e construir no presente um futuro. Há uma relação temporal entre passado-presente-futuro que corresponde ao movimento *sankofa*. Com uma visão análoga à da autora da dissertação, nesta tese, emprega-se o provérbio *Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saibas pelo menos de onde vens*, simbolizando as formas de lembrar.

---

<sup>19</sup>“Adinkras são, também, um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. [...] Ao longo do tempo, o conjunto de símbolos sofreu alterações em relação aos seus usos, além do surgimento de novas figuras e se espalhou pelo mundo. Nesse sentido, passou a ser utilizado também em contextos menos formais, como roupas de uso cotidiano, joias, paredes, objetos, e chegaram ao Brasil também aparecendo nesses contextos. [...] O que encontramos com mais facilidade é o Adinkra de nome *fa*, geralmente em portões, grades, estampas e tatuagens. Este Adinkra simboliza um pássaro que olha para trás, e significa algo parecido com “volte e pegue” ou “voltar para buscá-la”, nos ensinando o valor de aprender com o passado para a construção do presente e do futuro”. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

Valendo-se das análises, apresenta-se as contribuições da autora no que se refere ao conto *Das águas*, de Cristiane Sobral. Uma relevante observação é que o embate teórico acerca do conceito de literatura afro, é, ainda, controverso do ponto de vista dos críticos. Entretanto, Gonçalves destaca que

[...] essa produção literária não deve ser pensada através de uma obrigatoriedade temática, pois, como sugere Duarte (2008), pode levar ao empobrecimento dessa escrita. Muitas vezes, críticos literários restringem a literatura afro-brasileira a uma cartografia da dor, sobretudo, da vertente negra feminina. Essas críticas ignoram que escritoras e poetisas como Jarid Arraes, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Eliane Alves Cruz, Ryane Leão e Mel Duarte, dentre outras; criam um movimento de não fixar representações do corpo negro somente a partir do lugar da falta ou do sofrimento. (GONÇALVES, 2021, p. 45).

Quanto às particularidades, essas narrativas podem não apenas apresentar temáticas ligadas ao memorialismo, à ancestralidade, à revolta, ao combate e ao contra-ataque. Observando a força da subjetividade na construção dessas narrativas, Gonçalves (2021, p. 45) sutura o texto pensando que a escrita das autoras “criam um movimento de não fixar representações do corpo negro a partir do lugar da falta ou do sofrimento”.

Por outro lado, a pesquisadora apresenta a controvérsia dos críticos quando mencionam o possível esgotamento da escrita de autores da literatura afro-brasileira se colocada a questão de suas produções terem o negro como fonte temática. Entretanto, observando a escrita de autoras brancas, é comum ver que suas personagens são mulheres brancas enfrentando dilemas da classe média.

Concentrando a análise do conto *Das águas*, Gonçalves deteve-se em abordar questões ligadas diretamente ao racismo e às formas de enfrentamento da personagem Omi. Observando o atravessamento da ancestralidade no conto em questão, Gonçalves interpreta a presença do espelho como uma forma de olhar para dentro de si mesma, recuperando a força e a potência da protagonista. O espelho também é uma referência aos ancestrais de Omi que a auxiliam no processo de renascimento e autodescoberta.

A autora apresentou uma bibliografia referente à tese de Tatiana Nascimento intitulada *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos*, traçando uma relação com abebé e a ancestralidade. A dissertação apresentada é composta por uma bibliografia atualizada sobre a literatura afro-brasileira, mostrando-se a relevância em pesquisar as obras referenciadas.

Na esteira das pesquisas acerca da Literatura afro-brasileira, Cerqueira (2017)<sup>20</sup> aborda três tópicos relevantes: o conceito de literatura afro; aspectos concernentes à linguagem de Cristiane Sobral; e memória e recordação a partir da perspectiva de Joël Candau. O conceito de literatura afro é central nas teses e dissertações analisadas. Novamente a definição da literatura afro é apresentada a partir da contextualização de Eduardo de Assis Duarte, trazendo como características a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público.

Cabe salientar que a autora da dissertação observou a literatura afro-brasileira como uma particularidade da literatura brasileira.

A literatura negra ou afro-brasileira é uma particularidade da literatura brasileira. A literatura tem cor e tem nacionalidade. Ela é, antes de tudo, brasileira, pois aborda aspectos culturais, sociais, econômicos e ideológicos do espaço físico dos brasileiros. Mas, ela também é negra, na medida em que aborda situações que só podem ser vividas pelos negros. Ela é negra, sobretudo, em razão da não integração racial no Brasil. Ela deixará o adjetivo particularizante, na medida em que consiga vencer as mazelas seculares impostas pelo racismo (CERQUEIRA, 2017, p. 17).

Há um estudo sobre a poesia de Conceição Evaristo e Cristiane Sobral que analisa termos oriundos de um discurso afrodescendente, não ponderando as questões pertinentes à memória. Na escrita de Sobral, a autora identificou no poema intitulado *Petardo*, uma “linguagem corrosiva e um léxico agressivo” (p. 63) para afirmar a identidade negra. Já no que se refere à escrita de Conceição Evaristo, Cerqueira analisa o poema intitulado *Vozes-mulheres* sob a perspectiva histórica da identidade negra, considerando aspectos relacionados à escravidão, considerando a pertinência da memória geracional explicitada por Joël Candau.

Um terceiro tópico a ser considerado é a distinção entre os termos *memória* e *recordação*. A discussão é levantada pela autora a partir do título do livro *Poemas das recordações e outros movimentos*, de Conceição Evaristo. Valendo-se de uma análise que explica a diferença entre os dois termos, onde recordar é composto pelo radical — *cord*, que significa coração e o prefixo — *re*, que exprime ideia de reiteração, repetição. No que se refere à memória, a autora apontou como o ato racional de trazer à tona fatos pretéritos.

Observa-se que o aporte teórico contempla Joël Candau sob a perspectiva antropológica da memória a partir de sua obra *Memória e identidade* (2016). Assim, valendo-se do autor, Cerqueira explica as manifestações da memória a partir de crenças, valores e saberes (memória enciclopédica), assinalando que a restituição da memória é, portanto, uma maneira de restituir a própria identidade.

---

<sup>20</sup>Mestrado em Estudos Literários - “Da literatura afro-brasileira à poesia afrofeminina de Conceição Evaristo”.

Sobre a relação entre memória social e escritas de si, Ferreira (2022)<sup>21</sup> examina a literatura de Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão. No estudo realizado, a autora identificou que as escritoras exprimem as vivências e os anseios presentes no cotidiano. Tal abordagem remete ao conceito de *escrevivência* elaborado pela escritora Conceição Evaristo.

Relacionando o estudo de Ferreira com esta pesquisa, foi possível verificar autores que discorreram sobre a literatura negra. No caso da dissertação, a autora empregou o termo literatura negra a partir das considerações de Zilá Bernd (2018), com o intuito de apresentar as particularidades da escrita. Diferente de outros pesquisadores apresentados nesta revisão, Ferreira considerou perspectivas baseadas na literatura que contenham “especificidades enfrentadas e identificadas por negros” (FERREIRA, 2022, p. 30). Sendo assim, a autora corroborou com a definição apresentada por Zilá Bernd (2018) acerca da literatura negra.

Ao considerar a relação existente entre a memória e a escrita de si, Ferreira (2022) articulou os estudos de Bernd (2018) e as formas de escrita de si. A autoria de mulheres negras apresenta um modo de ver e sentir o mundo e a presença de uma linguagem marcada por vocábulos e símbolos que remetem à memória esquecida. É, portanto, através da escrita, que as autoras constroem histórias descentralizadas do olhar branco europeu.

Ao considerar que o lugar ocupado por um grupo reflete sobre sua vida, Ferreira (2022) menciona os estudos de Maurice Halbwachs (1990) ao articulá-lo com a memória. A autora apontou que as violências - como o racismo e as questões de gênero - relatadas na obra *Quarto de despejo - diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus (1960), são frutos de um contexto social marcado pela desigualdade na qual esteve exposta. É interessante mencionar essa articulação da autora, já que este estudo examina também os lugares presentes nos contos afro-brasileiros.

Em termos de memória e identidade, Ferreira (2022) apresentou as considerações de Joël Candau, salientando a intrínseca relação entre identidade e memória, mostrando-se apontamentos pertinentes também para este estudo.

Cabe também mencionar que a autora da dissertação contribuiu para a elaboração e aplicação de atividades pedagógicas, já que a pesquisa de Ferreira (2022) teve como impacto social, o desenvolvimento de oficinas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A oficina sugerida pela pesquisadora foi a elaboração de um diário eletrônico. Por meio da leitura de trechos das obras de Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão, os alunos e alunas utilizaram-se das obras literárias para construir suas próprias memórias. A intenção foi a de oferecer aos

---

<sup>21</sup>Mestrado em Memória Social e Bens Culturais - “Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão: das memórias às escritas de si”.

estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA, contarem suas histórias por meio das memórias, preenchendo uma linha do tempo. Ao anexar o conteúdo produzido pelos estudantes, foi possível verificar que alguns alunos optaram pelo silenciamento sobre os motivos que os levaram a deixar os estudos quando criança.

Questões referentes à memória cultural e à ancestralidade foram estudadas por Soares (2019)<sup>22</sup>. A pesquisa contemplou o recorte de três romances da literatura brasileira contemporânea - *Azul corvo* (2014), de Adriana Lisboa; *Mar azul* (2012), de Paloma Vidal; e *A chave de casa* (2013), de Tatiana Levy. Lançando mão de uma bibliografia acerca de teóricos da memória cultural, Soares destaca Jan Assmann e Aleida Assmann, fundamentais para a formulação do conceito. Embora os autores tenham mencionado Maurice Halbwachs (2006) e as ideias difundidas sobre a memória coletiva, os teóricos destacaram a necessidade de abranger os estudos na esfera cultural. Jan Assmann (1995; 2008) e Aleida Assmann (2011) acolheram o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006) para distingui-lo da memória cultural.

Os estudos da autora enfatizam a perspectiva de Jan Assmann (2008) sob dois prismas que envolvem o ato de recordar, sendo o primeiro, produzido por intermédio da comunicação cotidiana; o segundo, por meio da cultura e da tradição. Ao desdobrar os dois pontos de vista de Jan Assmann (2008), Soares (2019) sintetiza que a comunicação cotidiana está ligada à história oral, ou seja, através da existência da comunicação realizada por indivíduos vivos, permite-se que acontecimentos relevantes aos grupos sejam relatados. Sendo assim, a memória comunicativa diz respeito àquela em que os indivíduos compartilham suas histórias. Já o segundo modo de recordar, na visão de Jan Assmann (2008), diz respeito à memória cultural que extrapola a vivência desses grupos e se estende às gerações posteriores.

Cabe também relatar que, no entender de Jan Assmann (2008), os objetos não possuem memória própria, e, sim, uma memória atribuída pelos indivíduos. Para o autor, a memória cultural extrapola a convivência de um grupo, sendo possível armazenar informações por séculos. Nesse caso, os portadores de memória cultural são os ritos, documentos e monumentos, entre outros.

Soares (2019) destacou os estudos de Aleida Assmann (2011) sobre a memória cultural a partir de uma estrutura triádica. A dicotomia formada por lembrar e esquecer propicia uma combinação que tem por objetivo armazenar informações. Caracterizada como um estado de latência, este espaço intervalar entre o que não é esquecido nem lembrado, propicia o acesso a informações escondidas. Para complementar o conceito, Soares (2019)

---

<sup>22</sup>Doutorado em Memória Social e Bens Culturais - “Tessituras da memória: lembrar, narrar e ressignificar”.

corroborar com Zilá Bernd (2018) que apresenta a memória cultural sendo aquela que incorpora elementos que pertencem à esfera do sensível e do simbólico, não se fazendo presente nos registros oficiais.

Ao abordar aspectos da memória cultural, Soares (2019) desenvolveu um estudo cruzando tanto as características elencadas por Jan Assmann (1995; 2008), que expõe a permanência da memória cultural, quanto os estudos de Aleida Assmann (2011), que propiciam um olhar para as formas de armazenamento e as possíveis relações entre a escrita e o arquivo.

A bibliografia da autora da tese também destaca a abordagem de Eurídice Figueiredo (2017) ao mencionar a contribuição do arquivo para pesquisadores e historiadores, enquanto um escritor de literatura utiliza da memória e do arquivo para reescrever narrativas com a finalidade de apresentar um testemunho pessoal da história.

No que se refere à ancestralidade, anterioridade e interioridade, Soares (2019), embora especifique as diferenças, emprega-as como sinônimo. Nesse sentido, cabe destacar a aproximação da ancestralidade em relação à memória cultural mencionada pela autora. Ancestralidade está diretamente ligada a um passado remoto que extrapola gerações e não envolve apenas a relação de parentesco. Há uma referência a elementos ligados às tradições e às culturas dos povos. Enquanto a anterioridade é vista como um olhar para um passado ligado aos fatos que envolvem questões familiares, geracionais e que estão situados em um intervalo de tempo menor. Já a interioridade é entendida como um aspecto relacionado à identidade e ao estado anímico.

Vale destacar a dissertação de Ana Paula Lonardi de Souza (2022)<sup>23</sup>, da Universidade La Salle. A pesquisadora encontrou na música uma forma de analisar a transmissão das memórias geracionais ligadas ao cuidado de si por meio de axiomas e conselhos. Interessante observar que a autora desdobrou-se sobre o estudo de letras de samba, entrecruzando teóricos da memória como Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (1994), Joël Candau (2013; 2014), Jeanne Marie Gagnebin (2006) e Aleida Assmann (2011).

Quanto à categoria de análises, a autora considerou as seguintes divisões: : 1. Do cultivo da esperança; 2. Do exercício do perdão; 3. Do exercício do amor; 4. Da transformação dos pensamentos e intenções em direção à virtude; 5. Da transformação das

---

<sup>23</sup>Mestrado em Memória Social e Bens Culturais - Memórias negras de cuidado de si e sua transmissão geracional através do samba.

ilusões em consciência; 6. Do exercício da perseverança; 7. Da prática do bem; e 8. Da busca por dar sentido à vida.

As análises que compõem o terceiro capítulo da dissertação foram realizadas a partir do recorte de letras de sambas, de acordo com as categorias. De acordo com a autora, foi possível identificar que as letras de samba dos poetas evocam memórias, referências e filosofias transmitidas de geração a geração. Souza apresentou a geração de poetas sambistas a partir da década de 1950 até o ano de 2020.

A transmissão de memórias negras de cuidado de si se dá de modo transgeracional, numa dinâmica de influências mútuas entre antigas, intermediárias e novas gerações. Vemos compositores de diferentes gerações trazendo mensagens fundadas em conceitos e perspectivas semelhantes que não só dialogam entre si, mas também podem ser interpretadas tanto a partir da gama da filosofia europeia quanto daquela da filosofia africana (SOUZA, 2022, p. 76).

A apreciação da dissertação possibilita uma análise das letras de samba a partir de uma visão poética. Em um grau de proximidade com esta tese, a dissertação de Souza (2022), encontrou um diálogo com outra arte - a música. Na dissertação da autora, encontramos uma referência de Conceição Evaristo à Eni Orlandi (1988). Assim, destaca-se a posição de Orlandi que “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”. Ao examinar as canções, Souza apresentou axiomas que “descrevem desenhos utópicos de novos futuros”. Nesse sentido, vale lembrar o provérbio que conecta os tempos pretérito, presente e futuro empregado no título desta pesquisa: “Quando não souberes onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vens” (GONÇALVES, 2006, p. 569).

As dissertações e teses apresentadas que se desdobraram sobre a literatura afro-brasileira têm em comum os estudos de Eduardo de Assis Duarte, sendo este, um dos autores mais citados no que se refere ao conceito de literatura afro.

Aspectos ligados à memória cultural e à ancestralidade estão presentes na tese de Tanira Rodrigues Soares (2019), sendo esta, uma referência para os estudos de memória cultural e para os estudos que envolvem a ancestralidade. Como a autora optou por romances da literatura brasileira contemporânea, as obras analisadas referem-se a momentos históricos como as ditaduras brasileira e argentina.

## 5 UM CAMINHO TRAÇADO

A presente pesquisa fundamenta-se em um levantamento bibliográfico a partir da publicação de artigos, teses, dissertações e livros. De acordo com Severino (2007)

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Já a pesquisa qualitativa para Maria Cecília de Souza Minayo (1994), é a natureza da pesquisa que difere o tipo qualitativa da quantitativa. Para a autora, “ a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p. 22).

Minayo (1994) também enfatiza três obstáculos com que o pesquisador pode se deparar para atingir uma análise eficiente: o primeiro, diz respeito à ilusão do pesquisador quanto às conclusões chegadas à primeira vista. Minayo adverte que a familiaridade do pesquisador com sua pesquisa pode acarretar em uma ilusão a respeito da obviedade dos resultados. O segundo ponto é *esquecer os significados* presentes em seus próprios dados, já que o foco da pesquisa acaba ficando limitado a questões metodológicas, em vez de explorar o conteúdo e a dimensão significativa dos dados. Já no terceiro obstáculo, Minayo atenta para a experiência do pesquisador para não se distanciar entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa.

Dessa forma, o estudo tem por finalidade o diálogo entre teóricos da Literatura Afro-brasileira, estabelecendo, em seguida, apontamentos acerca da Memória Social. Destaca-se aqui, a memória individual/coletiva e estudos sobre a ancestralidade enfocada na perspectiva afro-brasileira.

A definição de Literatura Afro-brasileira será discutida a partir de teóricos como Zilá Bernd (1988); Luiza Lobo (1993); Cuti (2010) e Eduardo de Assis Duarte (2011).

Nos estudos sobre a Ancestralidade, os teóricos Eduardo David de Oliveira (2003; 2005; 2012;); Jurema Oliveira (2022); Martins (2021).

Já no campo de estudos da Memória Individual e Coletiva; Memórias Subterrâneas, Recordação; Memória e Identidade; Maurice Halbwachs (2006); Michel Pollak (1992); Aleida Assmann (2011); Joël Candau (2021), respectivamente.

Estudos como o de Zilá Bernd (1988) em *Introdução à literatura negra*, manifestam um olhar para a presença do escritor negro na literatura brasileira. De início, os estudos de Bernd (1998) definem, de maneira geral, que literatura negra “não se atrela à cor da pele do autor nem à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que se quer negro” (BERND, 1988, p. 22).

Cabe destacar a visão da autora sobre a representação estereotipada do negro na literatura brasileira. Em sua análise, Bernd (1988, p. 48) levanta o questionamento sobre “que fator pode ser determinante da fissura a partir da qual se pode falar em *literatura negra* e não mais apenas em temática do negro e da escravidão?”. Ao elucidar sobre a indagação, a autora discorre sobre o termo denominado *sujeito-de-enunciação*, presente no discurso poético. Em sua análise, tal sujeito está consciente de ser negro entre brancos e explica que “o muito discutido eu lírico é um sujeito-de-enunciação” (BERND, 1988, p. 48).

Desse modo, o que é denominado de “sujeito-de-enunciação, *eu* lírico ou *eu* enunciador pode ser interpretado como um elemento portador de uma intencionalidade nova no âmbito da literatura brasileira”, assumindo que “[...] esse *eu* lírico em busca de nova identidade negra instaura um novo discurso - uma *semântica do protesto* - ao inverter um esquema onde ele era o Outro” (BERND, 1988, p. 50).

Bernd também menciona que, para existir um discurso ficcional *do* negro, é necessário definir a imagem que o negro tem de si mesmo, desconstruindo-se da imagem imposta pela América. Assim, “o negro liberta-se da imagem quase sempre estereotipada com que foi apresentado desde sua chegada ao Novo Mundo” (BERND, 1988, p. 76). Assim, a autora indica que esse *eu* busca criar uma nova identidade e contrapor-se aos estereótipos negativos e positivos impostos pela literatura brasileira.

Já Luiza Lobo (1993) apresenta um ponto de vista discordante de Bernd. Em *Crítica sem juízo*, Lobo analisa Bernd num ponto relevante que se refere à cor da pele. Segundo Lobo, a definição de Bernd, “parece implicar que qualquer pessoa poderia se identificar existencialmente com a condição negra - o que de modo algum é verdade no atual estágio sociocultural em que nos encontramos, pelo menos no Brasil” (LOBO, 1993, p. 213).

Para corroborar com a relevância dada pela autora sobre a cor da pele, Lobo menciona a entrevista realizada com Ironides Rodrigues (1987). Na ocasião descrita, Rodrigues declara à Lobo a seguinte definição.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que lhes concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir negro'. (LOBO, 1993, p. 174).

Rodrigues e Lobo conceituam a literatura negra como sendo aquela em que o autor é negro e, que, de maneira assumida, manifesta-se em relação às questões como religião, sociedade e racismo. Diferentemente de Bernd, Lobo e Rodrigues indicam a presença de uma autoria negra atrelada à cor da pele e comprometida em assumir-se negro. Essa assunção indica reconhecer os aspectos que lhe concernem. Lobo também enfatiza outro entendimento sobre a literatura negra.

Uma das marcas da literatura negra atual é justamente a forma confessional, o escrito de perfil existencial, reconstruindo uma história própria até aqui massacrada. Retirar da literatura negra o traço é novamente misturá-la na produção geral em que se confundirá com a imensa quantidade de obras de autores brancos que falam sobre o negro, quer vendo-o sob o ângulo dos estereótipos de modo consciente, quer de modo inconsciente (LOBO, 1993, p. 213-214).

Lobo dá relevância à autoria negra, pois somente assim, é possível haver uma separabilidade entre obras de autoria branca, já que em muitos casos, a produção literária desta apresenta um ponto de vista discriminatório.

“A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado” (CUTI, 2010, p. 13). Nas palavras de Luiz Silva<sup>24</sup>, autoras e autores negros empenharam-se em oposição à visão de país encontrada em uma vasta produção literária brasileira, sobretudo àquelas em que, adotando uma visão sobre a temática do bom selvagem, pareciam registrar as marcas identitárias de maneira a enaltecer a cultura nacional. Pelo mesmo viés, a representação do negro na literatura, como em *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, podem alcançar dois caminhos na visão de Cuti (2010, p. 34) “ou a personagem morre ou sua descendência clareia”.

No entender do autor, há uma problemática na denominação na produção literária de autores negros.

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada por seus intelectuais. ‘Afro-brasileiro’ e ‘afro-descendente’ são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice

---

<sup>24</sup> Pseudônimo Cuti

da literatura africana. Em outras palavras, é como se só a produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil (CUTI, 2010, p. 35-6).

Para o autor, a problemática está em hifenizar a literatura produzida por escritores negros. O prefixo afro pode desqualificar a produção de autores negros no Brasil. Para Cuti, há uma hierarquização das culturas, deixando a literatura negro-brasileira em uma posição à margem da brasileira. O autor lembra ainda que o uso do prefixo afro remete à África, fazendo com que a literatura negro-brasileira se afaste da brasileira, processo que intensifica a imagem de que somente a produção literária de brancos se configura em literatura brasileira.

Cuti (2010) defende que na literatura a palavra negro está mais próxima da experiência daqueles que perderam a identidade e construíram outra. Negra porque traz referência às lutas da Frente Negra Brasileira<sup>25</sup>.

Já em relação aos estudos de Eduardo de Assis Duarte (2011), observam-se particularizações a respeito da literatura afro-brasileira e apresenta uma distinção que pode sugerir quais elementos a diferenciam. Para o autor, há cinco componentes relevantes.

Uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência (DUARTE, 2011, p. 4).

Inicialmente, o autor não faz menção à cor de pele, mas refere-se a uma voz autoral afrodescendente acompanhada por temas afro-brasileiros, expressões linguísticas e uma transitividade discursiva voltada à recepção, sem deixar de destacar o ponto de vista ou lugar da enunciação identificado com a afrodescendência.

A respeito da temática, Duarte (2011) observa quatro fatores que podem contribuir para configurar o pertencimento de um texto à literatura afro-brasileira. O primeiro, diz respeito ao texto literário poder abarcar como tema, a história do povo negro e a diáspora, podendo trazer aspectos que denunciam a escravidão ou a glorificação de heróis como Zumbi. O segundo, refere-se ao empenho em reconstruir a memória daqueles que não se submeteram ao cativeiro. Em terceiro, menciona que o tema pode abarcar questões religiosas, trazendo destaque aos mitos e à oralidade. Por fim, estabelece uma quarta característica que pode representar tramas vividos na modernidade que se estendem à miséria e à exclusão, como aqueles encontrados nas obras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Vale

---

<sup>25</sup> Uma das primeiras organizações do século XX a exigir igualdade de direitos na sociedade.

ressaltar que, para Duarte (2011, p. 4), “a abordagem das condições passadas e presentes de existência das afrodescendentes no Brasil não pode ser considerada obrigatória”. A temática afro, portanto, não pode ser considerada isoladamente, mas em constante interação com a autoria e o ponto de vista.

Sobre a autoria, Duarte (2011) descreve sobre a importância dada à interação entre *escritura* e a *experiência*. O autor dá ênfase à oralidade, momento em que o escritor recupera a tradição africana dos *griots*. Daí a mescla entre escritura e experiência. Para corroborar com a ideia, Duarte menciona experiência ou vivência a partir das considerações da escrita de Conceição Evaristo. Ao adotar o termo *escrevivência*, o autor discorre que “traços autobiográficos marcam as páginas de inúmeros autores do passado e do presente, a entrelaçar a ficção e a poesia com o testemunho” (p. 5), pois considera que a “[...] autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto *tradução textual* de uma história própria ou coletiva” (p.5).

No que se refere ao ponto de vista, Duarte (2011) ressalta que a ascendência africana ou a temática não são suficientes para determinar as características da literatura afro-brasileira, pois, “é necessária ainda a assunção de uma perspectiva identificada à história, à cultura, logo à toda problemática inerente à vida e às condições de existência” (p. 5). Logo, verifica-se uma característica relevante entre as demais. Tal particularidade confere o compromisso de assumir um ponto de vista sobre as questões inerentes à identidade afro-brasileira.

Já a linguagem, o autor considera-a a partir de “um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador” (DUARTE, 2011, p. 6). A respeito dessa característica, confere-se uma ruptura entre os significados das palavras. Cabe salientar aqui a visão de Zilá Bernd no que refere aos contratos de fala e escrita. Assim, Duarte toma de empréstimo as considerações de Bernd que configura “uma nova simbólica” que expresse a “reversão dos valores”.

Já o quinto elemento que compõe a literatura afro-brasileira diz respeito ao público. Torna-se relevante manifestar a observação do autor no que se refere aos espaços mediadores entre texto e receptor. O autor analisa as formas de incentivo à leitura para além da publicação. Saraus literários, encenação teatral, lançamentos festivos entre outros, compõem uma variedade de formas de atingir um determinado público. Ao mencionar a dificuldade de se implantar o hábito de leitura entre crianças e jovens em um cenário em que majoritariamente os meios eletrônicos se fazem presentes, duas tarefas são colocadas em discussão. Segundo Duarte (2011, p. 8), a primeira seria “a de levar ao público a literatura

afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários”. Já a segunda tarefa, trata de combater o preconceito e a discriminação.

### **5.1 Delineamentos possíveis: a fronteira entre ancestralidade e memória**

Abordar as características dos contos de Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Fátima Trinchão permite uma discussão a respeito de um tempo passado rememorado pelas personagens ao longo das narrativas aqui analisadas. No entender de Beatriz Polidori Zechlinski, (2012, p. 07) “inúmeras obras expressam, através da trama e dos personagens, valores, visões de mundo, pensamentos de grupos sociais, relações sociais e políticas localizadas no tempo e no espaço”, dialogando, assim, com as narrativas que envolvem a memória.

Beatriz Sarlo (2005, p. 9), estabelece um aspecto conflituoso entre memória e história. No entender da autora, a história “nem sempre consegue acreditar na memória” [...] “e a memória desconfia de uma história que não coloque em seu centro os direitos da lembrança”. A relação conflituosa entre história e memória é mencionada pela autora com intuito de estabelecer uma polarização relacionada com o tempo.

O tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo (SARLO, 2005, p. 12).

Segundo Sarlo (2005), o passado revisitado ou reinterpretado nunca desaparece completamente, ele, inclusive, interfere nas ações do tempo presente. Interessante observar as comparações indicadas pela autora a respeito do tempo representar duas acepções diferentes. A primeira indica que o tempo pretérito pode escravizar, ou seja, aprisionar traumas e erros históricos, sendo fadado a lembrar episódios que remetem a lembranças dolorosas.

De outra forma, a autora sugere ainda que a maneira como o passado é interpretado não é neutra. É necessário que a narrativa organize meios de estruturá-lo, conferindo-lhe, assim, um sentido, já que essa reconstrução é influenciada por uma visão de mundo, ou seja, por meio de um conjunto de valores e crenças que ajudam a construir um "continuum significativo”. Assim sendo, a autora identifica que a forma como o passado é narrado não se

estabelece de forma neutra, pois há uma perspectiva ideológica por trás que constrói uma linha de tempo coerente e possível de ser interpretada.

Importante salientar aspectos relacionados ao ato de narrar que envolve o deslocamento do tempo pretérito para o tempo presente.

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO, 2005, p. 24).

Um acontecimento pertence ao tempo pretérito, entretanto, ao ser narrado, é deslocado para outro tempo, o da lembrança. A história contada é uma recriação do que foi vivido, atravessada pela memória. A narração cria um novo “agora” que permite reinterpretar esse evento a cada repetição.

Sarlo (2005) também enfatiza o caráter fragmentado do discurso da memória já que os fatos narrados pertencem a um tempo pretérito. O ato de recordar trabalha com algo ausente - o passado, entretanto, a narração faz com que esse tempo pretérito se torne presente no discurso. Consequentemente, a memória ganha forma através da linguagem e da narração.

O aspecto fragmentário do discurso de memória, mais que uma qualidade a se afirmar como destino de toda a obra de rememoração, é um reconhecimento exato de que a rememoração opera sobre algo que não está presente, para produzi-lo como presença discursiva com instrumentos que não são específicos do trabalho de memória, mas de muitos trabalhos de reconstituição do passado (SARLO, 2005, p. 25).

Nos contos afro-brasileiros aqui analisados, verifica-se a tentativa das protagonistas em reconstruir um passado através de instrumentos discursivos capazes de conectar-se à ancestralidade, já que a memória e a ancestralidade não aparecem de forma direta, mas por meio de símbolos, histórias e elementos que fazem o passado ressurgir no presente.

Sobre a arte em recriar fatos passados, Jurema Oliveira (2022) menciona a capacidade do escritor em recuperar sabedorias até então transmitidas de geração a geração através da oralidade.

Na recriação da arte de narrar, o escritor recupera a faculdade de intercambiar experiências comunicáveis tão valorizadas na tradição, fonte a que recorreram todos os narradores antes do advento da colonização. Os elementos significativos para manter a chama da narração se encontram armazenados na memória ancestral daqueles guardiões não do saber puro, mas da sabedoria, ‘o lado épico da verdade’, tão caro ao processo de recriação da arte de armazenar, após a avalanche de violências sofridas pelos povos negros subalternizados (OLIVEIRA, 2022, p. 16).

Conforme Oliveira, no período anterior à colonização, a sabedoria ancestral era transmitida oralmente de geração a geração. Com o advento da colonização, o escritor precisa encontrar meios para recuperar a sabedoria ancestral inscrita na oralidade. Esses ensinamentos encontram-se armazenados na memória ancestral. Na perspectiva de Oliveira, ao narrar, recria-se essa capacidade de transmitir a gerações futuras elementos da sabedoria ancestral.

De certo modo, o trabalho do escritor é semelhante à tradição da transmissão oral. No que se refere ao “lado épico da verdade”, Oliveira assinala a sabedoria enquanto experiência de vida para além dos fatos concretos. A sabedoria da qual a autora menciona está relacionada a uma “verdade simbólica” que abrange o conhecimento cultural, mitológico e espiritual.

Analisando a literatura de autoria negra e feminina, ressaltam-se as perspectivas de Miriam Alves (2011), sobre o surgimento da escrita de mulheres negras.

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. Revela o que existe no universo emotivo daquelas mulheres que, nos textos literários das escritoras brancas brasileiras, moram nos quartos dos fundos, das quais mal se pressupõem uma vida, voz, existência e subjetividade própria. Essa escrita tira o véu, descobre-se e toca, mediante as palavras, o próprio corpo sem escamotear os conflitos de raça e cor, tira as máscaras das relações de gênero e raça da sociedade onde está inserida (ALVES, 2011, p, 185).

É possível observar que a escrita da mulher negra surge como um ato de resistência e existência, partindo de um lugar historicamente marginalizado. Ao inscrever-se na literatura, ela não apenas assume sua escrita, mas também se questiona e denuncia as estruturas de opressão. Seus escritos rompem com os estereótipos e a invisibilidade que as relegaram a papéis secundários, especialmente nas narrativas construídas por escritoras e escritores brancos. Assim, ao tirar o véu das relações sociais, sua literatura se torna um instrumento de enfrentamento, dando corpo e voz a realidades que foram historicamente apagadas.

## **5.2 Ancestralidade e memória como linhas espirais**

O estudo da memória tem relação direta com a ancestralidade. De acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 44), o vocábulo ancestral sugere dois significados. O primeiro, apresenta a definição de algo “relativo a antecessores, a antepassados”. Já o segundo, refere-se ao “indivíduo do qual descendem outros indivíduos ou grupos; antecessor,

antepassado”. Como se pode perceber, a palavra ancestralidade, que deriva de ancestral, apresenta-se uma linha de transmissão dos ascendentes aos descendentes.

Verifica-se, portanto, nessas duas proposições, uma ideia inerente de continuidade, já que envolvem características relativas a indivíduos que antecederam, por exemplo, uma geração ou família.

É interessante observar que, embora a concepção do verbete “ancestral” possa indicar uma geração pretérita, e, em certa medida, relacionada a algo antigo, Chevalier e Gheerbrant (2020) assinalam que o termo ancestral reveste-se de um significado que lhe confere um caráter sagrado, sendo pessoa ou objeto. Para os autores, “[...] o fato de que um ser tenha resistido à usura do tempo é considerado prova de solidez, de autenticidade, de verdade, [...], influencia o psiquismo como elemento estabilizador presença do Além (p. 110)”. Segundo os autores, ancestral não é um ser anacrônico, e, sim, persistente, permanente, influenciando no presente e se encaminhando constantemente para o eterno.

Pensando na questão da ancestralidade como Oliveira (2019), cabe ressaltar que o conceito inicial, datado no século XX, caracterizou a ancestralidade como uma relação de parentesco consanguíneo, referindo-se também às linhagens de africanos e seus descendentes. Entretanto, Oliveira (2019) fundamenta a ideia de ancestralidade pautada como um princípio regulador das práticas do Candomblé. Conforme o autor, a ancestralidade é um princípio regulador das práticas e representações do povo-de-santo (OLIVEIRA, 2019, p. 3). Nesse aspecto, a ancestralidade é percebida como uma epistemologia.

Posteriormente, a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retro-alimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. Passa, assim, a configurar-se como uma epistemologia que permite engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo único de organizar a vida e a produção no mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2019, p. 3-4).

No entender do autor, a ancestralidade é um símbolo de resistência para as culturas afro-brasileiras, sendo empregada nos processos de transformação social. É por meio dela que os afrodescendentes lutam contra a opressão, marginalização histórica e nela se amparam para a resolução de diferentes conflitos sociais. A ancestralidade deixa de ser apenas uma ideia

relacionada ao passado e torna-se a base para a ressignificação das experiências vividas pelos afrodescendentes, que, ao se conectarem com suas raízes africanas, enfrentam os desafios contemporâneos.

Para além do entendimento da ancestralidade ligada a uma prática cultural e religiosa, o autor caracteriza e percebe a ancestralidade como uma categoria analítica. Ou seja, ela se torna uma ferramenta teórica para compreender as várias dimensões da vida dos afrodescendentes, permitindo analisar suas próprias experiências no momento presente. Desse modo, ancestralidade como epistemologia implica revisar e valorizar os conhecimentos ancestrais, sendo possível criar novas estruturas sociais que desafiem as formas tradicionais e opressivas de organização da sociedade no mundo contemporâneo. A ancestralidade, é, portanto, uma categoria analítica que auxilia no entendimento e na interpretação da visão de mundo - cosmovisão.

De maneira a categorizar a ancestralidade, Oliveira menciona também outras particularidades, de forma a ampliar seu conceito. Transitando pelo o aspecto da inclusão, a ancestralidade é também um lugar de preservação, diferenças e da ética.

A ancestralidade é uma categoria de inclusão. Ela inclui tudo que passou e acontece. É uma categoria de inclusão porque ela, por definição, é receptadora. Ela é o mar primordial donde estão as alteridades em relação. A inclusão é um espaço difuso onde se aloja a diversidade. A ancestralidade é uma ética, por isso tem atitude inclusiva. A ancestralidade é também uma categoria diversa. A diversidade é a expressão máxima da existência. A vida é diversidade. A unidade só é possível porque existe a diversidade, doutro modo não haveria unidade se se prescindisse das diferenças, das singularidades e da diversidade. A diversidade garante as trocas e por isso mesmo as relações. Sem diversidade não há interação nem inclusão. Diversidade é também identidade, já que identidade é um jogo de diferenças que se dá em relações de alteridade (OLIVEIRA, 2012, p. 259).

Jurema Oliveira (2022) menciona o legado da raça e da ancestralidade em narratologias, discutindo que a categoria raça surgiu para corroborar com o sistema escravocrata para sustentar ideologias que diferenciam homens pelos seus aspectos físicos, religiosos, filosóficos, ideológicos e culturais. Segundo a autora, a ancestralidade foi uma das formas de resistência ao processo de violência, assim, “a memória ancestral dos negros nas Américas insere-se em uma narratologia migratória na qual a experiência do sagrado se caracteriza como resistência cultural dos grupos desterritorializados” (OLIVEIRA, 2020, p. 26). Essa cultura disseminada pela diáspora africana durante a escravidão nas Américas é um reconhecimento da imagem positiva do negro. Apropriando-se de Sobonfu Somé (2003), Oliveira (2012, p. 45) enfatizamos que “a ética da ancestralidade é comunitarista e

compreende perfeitamente que a comunidade não é uma abstração conceitual, nem utópica, mas uma realidade da maior importância para o exercício da vida plena e da cidadania”.

No entender de Muniz Sodré (1998) a ancestralidade opera como uma transmissão de bens não só econômicos, mas também simbólicos.

De fato, por trás da transmissão de bens (econômicos e simbólicos) operada por esse grupo patrimonial chamado "família", encontra-se a "linhagem", ou seja, o conjunto das relações de ascendência e descendência regido por uma ancestralidade que não se define apenas biologicamente, mas também política, mítica, ideologicamente. Patrimônio é algo que remete à coletividade, ao anti-individualismo (SODRÉ, 1998, p. 74)

Nesse aspecto, de acordo com Sodré, os processos de transmissão de bens - tanto econômicos como simbólicos - não se limitam apenas entre os membros da mesma família. Conforme Sodré, a linhagem se caracteriza por uma extensão de ascendência e descendência regida por uma ancestralidade que opera na transmissão de valores culturais, políticos e míticos. Sendo assim, o patrimônio tanto na esfera econômica quanto na simbólica, é transmitida à comunidade ou coletividade de maneira anti-individualista.

Para Leda Maria Martins (2021), o conceito de ancestralidade é constituído de práticas sociais que abrangem as relações familiares, estendendo-se por experiências sociais mais diversificadas. Para a autora,

A ancestralidade, em muitas culturas, é um conceito fundador, espargido e imbuído em todas as práticas sociais, exprimindo uma apreensão do sujeito e do cosmos, em todos os seus âmbitos, desde as relações familiares mais íntimas até as práticas e expressões sociais e comunais mais amplas e mais diversificadas. [...] De que forma os tempos e intervalos dos calendários também marcam e dilatam a concepção de um tempo que se curva para a frente e para trás, simultaneamente, sempre em processo de prospecção e de retrospectiva, de rememoração e de devir simultâneos? (MARTINS, 2021, p. 14).

Segundo Martins (2021), a ancestralidade é entendida como um princípio estruturante da existência, presente em todas as dimensões da vida – do individual ao coletivo, do íntimo ao social. Além disso, questiona como o tempo, marcado por calendários e ciclos, questionando a curvatura do tempo que se desloca tanto para frente quanto para trás. Nesse contínuo processo de prospecção e introspecção simultâneo, a autora questiona de que forma o tempo é marcado a partir desses modos. Na visão da autora, as marcas temporais são variadas, marcadas por inscrições corporais, coreografias, na cosmopercepção<sup>26</sup>, na filosofia.

---

<sup>26</sup>“O termo cosmopercepção é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (OYÉWUMÍ, 2021). O termo foi estabelecido pela socióloga Oyèrónkẹ Oyèwùmí.

Proporcionando uma investigação sobre os estudos de memória, uma vez que, nos contos aqui analisados, memória e literatura estão interligadas, cabe dialogar com Maurice Halbwachs (2006) no que diz respeito à memória individual e coletiva. Segundo o autor, completamos informações sobre um fato através das memórias de testemunhos, ou seja, a memória é construída de maneira coletiva.

Halbwachs (2006) argumenta ainda que os fatos pretéritos ganham mais importância e são vividos com mais intensidade porque não os observamos mais a sós. A célebre proposição “jamais estamos sós” (2006, p. 30), traz consigo o significado de que nossas memórias são coletivamente lembradas por todos, “porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (Halbwachs, 2006, p. 30).

É de referir que, embora as memórias sejam coletivamente construídas, o autor enfatiza o caráter funcional da memória, uma vez que, para reconstruí-la, é necessário que a memória individual não tenha deixado de concordar com a memória coletiva e, para isso, os testemunhos em si não bastam. Para o autor, “não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento do passado para obter a lembrança” (Halbwachs, 2006, p. 38). Para que essa reconstrução funcione, é preciso que haja muitos pontos de contato e um sentimento de pertencimento a um grupo ou sociedade.

Outros elementos utilizados pelo autor referem-se à noção temporal, ou seja, o período em que a memória coletiva retrocede. Segundo o autor, “a memória coletiva tem de esperar que os grupos antigos desapareçam, que seus pensamentos e sua memória tenham desvanecido, para que se preocupe em fixar a imagem e a ordem de sucessão dos fatos” (Halbwachs, 2006, p. 133).

Para além das questões relacionadas à ideia temporal, a memória assume também um componente espacial. Por isso, há resistência por parte de uma sociedade ou grupo em relação aos costumes locais porque as memórias coletivas se apoiam em imagens espaciais. Quaisquer que sejam as forças que venham transformá-los, os costumes locais resistem.

Sociedades religiosas, políticas, econômicas, famílias, grupos de amigos, relacionamentos e até reuniões efêmeras [...] – todas imobilizam o tempo à sua maneira ou impõem a seus membros a ilusão de que pelo menos por algum tempo, num mundo que está sempre mudando, certas zonas adquiriram uma estabilidade e um equilíbrio relativo e nada de essencial nelas se transformou por um período mais ou menos longo (HALBWACHS, 2006, p. 156).

As constatações do autor ainda revelam o caráter de uma memória religiosa. É de relevância ressaltar a visão de Halbwachs (2006), a respeito da religiosidade.

Qualquer religião tem também sua história, ou melhor, há uma memória religiosa feita de tradições que remontam a eventos muito distantes no passado, que aconteceram em determinados lugares. Ora, seria muito difícil evocar o acontecimento se não pensássemos no lugar, que em geral não conhecemos porque vimos, mas porque sabemos que existe, que poderíamos vê-lo e que, de qualquer maneira, testemunhas garantem sua existência. Por isso existe uma geografia ou topografia religiosa (HALBWACHS, 2006, p. 185-186).

Assim, memória e espaço estão diretamente ligados, fazendo com que seja possível evocar fatos ao se pensar em um determinado lugar que sequer tenhamos visto. Com base na memória coletiva, testemunhas podem garantir sua existência e transmiti-la para a geração seguinte. Halbwachs (2006) destaca o caráter de uma memória religiosa no sentido de existir uma geografia - um lugar - relacionado a eventos do tempo pretérito, que configuram a história de uma religião. A memória coletiva confere-lhe esse lugar como parte da tradição e da sua própria história.

Para Michael Pollak (1989), as lembranças podem permanecer um longo período confinadas. Entretanto, são transmitidas de uma geração a outra. Essas memórias não estão em registros oficiais, mas permanecem em um estado de latência e podem emergir a qualquer momento.

Essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil opõe ao excesso de discursos oficiais. (POLLAK, 1989, p. 5).

Mesmo destacando o longo período confinadas ao silêncio, essas lembranças não tendem a desaparecer, pelo contrário, assinalam uma forte resistência aos discursos oficiais. Pollak (1992) também assinala a relação entre memória, tempo e espaço.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

Os acontecimentos vividos pessoalmente são aqueles em que o indivíduo participou diretamente. Já os "vividos por tabela" se configuram em eventos dos quais o indivíduo não

participou diretamente, mas que, dada a relevância da memória coletiva, foram incorporados à memória, sendo por vezes difícil de distinguir se o sujeito participou ou não. O terceiro item aborda uma certa identificação com o tempo pretérito, ou seja, como os sujeitos foram ensinados a entender o passado. Tais informações foram introduzidas na memória que o autor denomina de uma “memória quase que herdada”.

Já para Beatriz Sarlo (2005), o termo pós-memória vem caracterizar aquela memória da geração seguinte, ou seja, a memória dos filhos sobre os pais. Segundo Sarlo (p. 91) “é pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles”. Dessa forma, tanto os acontecimentos “vividos por tabela” - expressão denominada por Pollak, quanto a pós-memória abordada por Sarlo, inserem-se no mesmo campo semântico por representarem uma memória herdada.

Já Aleida Assmann (2011) refere-se à memória como recordação, processo no qual o ato de recordar desencadeia-se no tempo presente e retrocede a um tempo pretérito. Essa recordação não está arquivada em um lugar seguro e é passível de transformação, dadas as condições atuais.

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação (ASSMANN, 2011, p. 33-34).

Aleida Assmann (2011) considera um elo entre lembrança e identidade enfatizando o caráter flutuante do ato de lembrar, sugerindo que as lembranças são duvidosas e estão relativamente ligadas ao momento em que se manifestam.

As recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui. As respectivas emoções e os motivos de agora são guardiões do recordar e do esquecer. Eles decidem que lembranças são acessíveis para o indivíduo em um momento presente e quais delas permanecem inacessíveis (ASSMANN, 2011, p. 71-72).

A elasticidade da memória está ligada às emoções do presente. A ideia de que as recordações são "menos confiáveis" reflete a noção de que nossa memória não é uma gravação precisa dos eventos passados. Em vez disso, a memória é uma construção que pode ser influenciada por vários fatores, como as emoções atuais. Assmann considera que a memória não é uma recuperação exata de eventos passados, mas um processo seletivo. Assim, as lembranças que são acessíveis no presente são aquelas que são mais relevantes ou que se

encaixam na perspectiva atual. Outras lembranças podem permanecer inacessíveis ou distorcidas devido a fatores emocionais ou psicológicos.

Por outra perspectiva, Jöel Candau (2011) menciona as vias de transmissão como sendo aquelas em que um grupo se alimenta de uma memória doméstica, adotando como referência vários suportes, dentre eles

os documentos de família, os lugares e paisagens que envolvem a propriedade, mas também os múltiplos suportes de lembranças íntimas, objetos tidos como antigos, árvores plantadas por ocasião do nascimento de tal ou tal ancestral, mantas do século passado cuidadosamente dispostas nos armários, filmes e fotografias de família, sepulturas, itinerários (CANDAU, 2011, p. 117).

Na definição de Candau, as vias de transmissão se caracterizam por múltiplos suportes que garantem a continuidade da memória. Esses suportes podem representar objetos antigos e compartilhados por gerações, árvores, vestimentas, fotografias e itinerários.

Destaca-se também a definição de memória geracional como sendo aquela intimamente ligada ao processo identitário. A memória geracional é antiga e tende a construir uma memória genealógica cuja extensão é para além da família, “é a consciência de sermos os continuadores de nossos predecessores”, e é manifestada em “expressões de forte carga identitária, como ‘as gerações anteriores trabalharam por nós’ ou ‘nossos antepassados lutaram por nós’” (CANDAU, 2022, p. 142).

é a consciência de pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas das quais o grupo ou o indivíduo se sente mais ou menos herdeiro. É a consciência de sermos os continuadores de nossos predecessores. Essa consciência do peso de gerações anteriores é manifesta em expressões de forte carga identitária (CANDAU, 2014, p. 142)

De acordo com Candau, a memória geracional é desenvolvida a partir de uma continuidade de grupos que se identificam com as memórias e herdadas por seus antecessores. Na visão do autor, há uma forte questão identitária que trabalha para a manutenção das práticas culturais como rituais de família.

## 6 FIGURAS ANCESTRAIS

Com relação aos elementos presentes que indicam ancestralidade nos contos, recorre-se às divindades cultuadas, bem como explicar suas origens e significados. O surgimento das religiões de matrizes africanas no Brasil se deve à herança dos povos bantos e oeste-africanos (LOPES, 2008). As primeiras práticas trazidas da África para o Brasil se desenvolveram em território urbano. Tratava-se de rituais individuais que tinham por objetivo obter a cura de doenças físicas e psíquicas. Por meio de práticas simples como rezas, adivinhação e limpeza espiritual, Lopes (2008) indica que a técnica para realizar os rituais consistia em incorporar espíritos ancestrais, ou ainda, sob a influência deles, obtinham-se as primeiras cerimônias.

Com a dispersão dos povos, o autor indica que, mais tarde, outros povos chegaram e novos rituais foram trazidos para o meio. Segundo o autor, “os praticantes desses rituais de cura e equilíbrio já provêm também da África ocidental, principalmente do Golfo de Benin” (LOPES, 2008, p. 98). Esses povos trouxeram rituais mais extensos, abrangendo ações que levam à proteção de aldeias, de cidades e de estados.

Lopes identifica ainda que a religiosidade afro-brasileira herdou dos bantos, formas religiosas específicas. Foi a partir dos povos bantos que se originou o culto aos chefes de linhagens e aos heróis fundadores, ou seja, aos ancestrais (LOPES, 2008). Seguindo essa linha de exposição sobre a presença da ancestralidade em rituais, o autor menciona alguns embasamentos.

Dos oeste-africanos, chegou-nos com mais força o culto aos elementos e forças da natureza e às divindades protetoras de setores específicos da atividade humana (orixás e assemelhados). Mas tudo isso se baseava num único princípio: o de que a vida no Universo se conduz através da interação das **forças vitais**, tanto no plano material quanto no espiritual, e que humanos, animais, vegetais e minerais são elos de uma só cadeia de forças, intercomunicando-se por meio de sua energia vital (LOPES, 2008, p. 99).

Traçando uma aproximação para os contos aqui analisados, vimos na citação aspectos que demonstram a chegada e a influência de rituais praticados na África. Destaca-se a predominância de cultos realizados que trazem referências a elementos ligados às forças da natureza e aos orixás, baseando-se no princípio da interação entre as energias vitais, ou seja, no encadeamento de humanos, animais, vegetais e minerais. Esses elementos fazem, portanto, parte de um conjunto de vidas dentro do Universo que se comunicam entre si.

Interessante abordar a perspectiva de Akotirene (2019) sobre orixás femininas a partir do ponto de vista de Oyèronké Oyèwúmi<sup>27</sup>. No entender das autoras, é necessário repensar as epistemologias africanas e afro diaspóricas, questionando a imposição de categorias ocidentais como gênero e sexualidade, pois, de acordo com as autores, o olhar ocidental distorce a compreensão das epistemologias africanas.

Sobre a construção da maternidade no entorno de Oxum, Akotirene (2019) considera as múltiplas maneiras de interpretarmos a maternidade dentro da visão africana. Na perspectiva da autora,

A construção de poder materno, por exemplo, remete a Osun; iyabás consequentemente são mães, cujas prerrogativas de autoridade não devem ser deslocadas politicamente em virtude de transformações epistêmicas, ocasionadas pelo patriarcado branco colonizador. Porque em África a hierarquia é ajustada socialmente quanto recurso transponível, variando no território os contextos de idade e geração, daí os mais velhos e mais jovens estarem configurados fora do tempo ocidental (AKOTIRENE, 2019, on-line).

Um ponto a destacar é que a visão de Akotirene sobre a orixá Oxum remete à construção do poder materno para além do conceito de mãe biológica disseminado pela visão ocidental. Assim, Oxum e as iyabás (orixás femininas como Iemanjá, Iansã, entre outras) possuem um conceito mais amplo de maternidade que inclui proteção, autoridade e liderança.

Deslocando os significados ao redor da orixá Oxum difundidos pelo olhar ocidental, a autora mostra a potência de Oxum em África, contrapondo-se à visão da maternidade ser relacionada ao corpo, ou destino biológico.

Osun é adorada em África. Osun vive na oralidade e na escrita dispostas a traduzirem a beleza das mulheres negras, a sabedoria, a inteligência, a habilidade na administração das riquezas e dentro das ciências sociais; uma deidade maior que os equívocos linguísticos e conceituais sobre corpo, maternidade e destino biológico, numa perspectiva propagada pelo olhar branco-etnográfico e masculinista de Pierre Verger (AKOTIRENE, 2019, on-line).

Do ponto de vista ocidental, a orixá Oxum foi descrita por Pierre Verger a partir de perspectivas que se distanciam dos significados produzidos em África. Para Akotirene, Oxum é uma orixá adorada e representa a sabedoria das mulheres negras. Nesse aspecto, a autora critica a representação estereotipada de Osun como uma figura sensualizada e submissa, resultado de interpretações coloniais que desconsideram sua importância como símbolo de poder, inteligência e administração nas culturas africanas. Sob a perspectiva da autora,

---

<sup>27</sup> Cientista social, teórica e feminista nigeriana.

ênfatisa-se a necessidade de valorizar epistemologias africanas autônomas, destacando Oxum como símbolo de fluidez, interconexão e conhecimento ancestral.

Ora, Osun faz parte da resistência dos escravizados trazidos pelas águas, das conexões religiosas e da espiritualidade cumpridoras da missão de fazermos-nos viver belas, autônomas, fortes suficientemente para carregar o ouro não somente por causa do brilho, mas pelo peso do valor de todas nós intelectuais engajadas no feminismo negro, bem longe de estereótipos da dondoca, frágil, superficial (AKOTIRENE, 2019, on-line).

As considerações a respeito da orixá Oxum se fazem necessárias para as análises dos três contos. Oxum está presentes nas narrativas e cabe salientar que, especialmente em *Olhos d'água* de Conceição Evaristo e *Das águas* de Cristiane Sobral, vemos conexões ancestrais que revelam a importância de pensarmos Oxum como uma potência que transcende à ideia de “mulher-mãe”, mas que remete à força da espiritualidade.

O conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, é marcado por representações que fazem referência à ancestralidade, especialmente aquelas ligadas à religião. Interessante destacar que a narrativa segue um fluxo de memórias movidas pelo insistente questionamento da personagem em lembrar a cor dos olhos da mãe. A recorrência da interrogação “[...] de que cor eram os olhos de minha mãe?” opera como *leitmotiv*<sup>28</sup>, conduzindo a narrativa e as memórias da narradora/personagem com a finalidade de reconstituir características físicas da mãe. Assim, o interrogatório consigo mesma conduz a narradora a questionar-se tantas vezes sobre qual seria a cor dos olhos da mãe. Esse recurso é visto como um convite à narradora para revistar o passado e percorrer pelas próprias memórias com o intuito de encontrar em suas memórias, a resposta para seu questionamento. É possível verificar que a narrativa vai sendo interrompida pela indagação, entretanto, a narradora/personagem, na tentativa de respondê-la, depara-se com uma lembrança diferente, não alcançando a exatidão da cor dos olhos da mãe.

O processo de reconstituição das memórias torna-se possível devido à presença de traços que marcam a ancestralidade da narradora/personagem. Esses traços encontram-se armazenados na memória ancestral da personagem, sendo possível acessá-los por meio de lembranças que, reconstituídas no tempo presente, surgem como um cenário mais ou menos semelhante aos fatos vividos no tempo pretérito.

Cabe mencionar que o conto apresenta uma forte relação com a maternidade, já que a narradora/personagem demonstra querer encontrar na cor dos olhos da mãe suas próprias

---

<sup>28</sup> Palavra de origem alemã e que traz como significado uma frase ou fórmula que surge com frequência em uma obra literária. A palavra *leitmotiv* significa motivo condutor.

origens. Desse modo, buscar a cor dos olhos da mãe é uma metáfora para que a personagem encontre suas próprias raízes e sua ancestralidade.

Um dos primeiros traços localizados no conto que remetem ao passado ancestral está no trecho em que a narradora/personagem relembra momentos com a família, especialmente, com a mãe da narradora.

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Estávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado...(EVARISTO, 2014, p. 13).

Nota-se que no trecho analisado, a narradora/personagem aproxima-se de sua ancestralidade ao trazer acontecimentos que relembram a brincadeira preferida da mãe. As referências como “Senhora” e “Rainha” grafadas com a inicial maiúscula representam veneração e homenagem à mãe. Destaca-se também o uso dos vocábulos “flores”, “princesas”, e o trecho “estávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha”, revelam rituais de Candomblé.

O fragmento apresenta também um contraste entre os vocábulos “triste” e “sorriso”, destacando aspectos psicológicos da mãe. Ressalta-se o emprego da sinestesia como recurso para marcar sensações de diferentes sentidos expressados pela mãe. Ao mencionar aspectos da mãe que se mostrava de “uma maneira triste e com um sorriso molhado...”, constata-se o limiar entre a alegria e a tristeza presente no rosto da mãe. Assim, a linguagem da narradora/personagem busca enfeitar as misérias desde a infância, aprendizado que obteve com a mãe.

Com relação aos rastros que marcam a ancestralidade da narradora/personagem, as memórias trazem aspectos ligados a fatores geracionais.

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, e não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2014, p. 12).

No fragmento, a narradora/personagem consegue acessar um espaço e um tempo remoto, quando foi possível alcançar por meio da memória e da ancestralidade aspectos

relacionados à geração de sua própria família. A referência à África e às mulheres/Senhoras representam os saberes ancestrais transmitidos. Ao recorrer à importância das mulheres na vida da narradora/personagem, nota-se uma mudança no comportamento, ao ponto de deslocar a narrativa para o desfecho do conto. Ao mencionar “yabás”, nota-se que a narradora/personagem aproxima-se da tradição iorubá, já que o significado para palavra refere-se às orixás<sup>29</sup> femininas.

Pensando na questão ancestral no conto, no excerto “[...] vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe” (EVARISTO, 2014, p. 13), revela a presença da mitologia iorubá. A revelação sobre a cor dos olhos é anunciada quando a narradora/personagem decide retornar à cidade natal para lembrar a cor dos olhos da mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum! (EVARISTO, 2014, p. 13).

No trecho acima, verifica-se o reencontro entre filha e mãe após longo período de ausência. A revelação sobre a descoberta da cor dos olhos da mãe da narradora remete a aspectos relacionados com a ancestralidade da personagem. Os olhos d’água evidenciam a presença da orixá Oxum, figura materna que conecta memória e ancestralidade. É nesse instante da narrativa que a protagonista recupera os laços com a ancestralidade. Ao enxergar a cor dos olhos, as lágrimas da mãe não são apenas um gesto momentâneo de emoção, mas uma manifestação de algo maior: uma continuidade ancestral que flui, carregando histórias, vivências e saberes.

Ao se referir ao mito da criação do mundo, Portugal Filho (2022), apresenta a visão dos iorubás. No que se refere à presença de Oxum na mitologia, o autor destaca seu papel representativo no universo feminino, ressaltando oposições em sua personalidade.

A mais popular, talvez, seja **Òsun**, que também é considerada como a primeira **Ìyámi**. Este conceito se propaga exatamente por ela representar o universo feminino através de sua vaidade, sensualidade, beleza, seu gosto por joias de ouro amarelo e

---

<sup>29</sup>Orixás são ancestrais africanos e sagrados que representam a força da natureza e valores humanos.

perfumes que fascinam os homens e mulheres, porém, estas características escondem uma personalidade irascível, teimosa, guerreira, voluntariosa e caprichosa (PORTUGAL FILHO, 2022, p. 17).

Os verbetes estão originalmente em destaque na obra de Portugal Filho. Aqui no trecho foram mantidos para explicá-los. Òsun, significa Oxum. Já o termo Ìyámi, significa “minha mãe”. Já no fragmento retirado do conto *Olhos d'água*, “[...] rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície”, simbolizam a aparente serenidade da mãe. A aparente serenidade da mãe da personagem revela sua profundidade ao esconder segredos, emoções e histórias que só podem ser acessados por quem está disposto a mergulhar além da superfície.

O fragmento revela aspectos de Oxum e de sua própria mãe, fazendo com que a memória e ancestralidade, ao serem acessadas, cumprem um ritual de reconstruir a identidade da personagem, já que, ao retornar à sua cidade, precisa ir além do que é visível e tocar as camadas mais profundas da memória e da ancestralidade para compreender verdadeiramente sua mãe e, por consequência, a si mesma. Ao ver sua mãe, viu Oxum, sua ancestralidade.

Cabe uma análise a respeito da mãe e da orixá Oxum. Segundo Chevalier (2020, p. 650), a simbologia da mãe está relacionada ao do mar, “na medida em que eles são, receptáculos e matrizes da vida”. Já a referência à orixá Oxum pode ser entendida como aspectos ligados à maternidade.

Oxum é um orixá que habita as águas doces, condição indispensável para a fertilidade da terra e produção de seus frutos, donde decorre sua profunda ligação com a gestação. É a Oxum que se pede filhos, é sob sua proteção que eles se desenvolvem nos úteros das mulheres. Por essa razão, as principais oferendas que lhe são oferecidas se compõem basicamente de ovos, simbolizando os fetos que estão sob sua guarda. Suas “oferendas”, em geral, são entregues nos rios, fontes, regatos e cachoeiras (GELEDÉS, 2023, p. 23).

De acordo com o exposto acima, Oxum é uma orixá ligada à fertilidade e, conseqüentemente, associada à maternidade. Oxum, como senhora das águas doces, representa não apenas a fertilidade biológica, mas também a fertilidade simbólica, ou seja, a capacidade de gerar, nutrir e transformar vidas, histórias e memórias.

Sob o aspecto religioso, o Candomblé é uma religião de matriz africana que cultua divindades chamadas orixás, voduns e inquices<sup>30</sup>, associadas às forças da natureza e aos aspectos da vida humana, promovendo o equilíbrio entre o mundo físico e o espiritual. Por

---

<sup>30</sup> De acordo com o dicionário Houaiss, o termo inquices são, nos candomblés de ritos angola e congo, cada uma das divindades equivalentes aos *orixás* dos nagôs.

força da disseminação dos estudos eurocêntricos, Oxum foi caracterizada pela beleza, sensualidade e associada a elementos voltados à riqueza.

Um texto citado por Elbein dos Santos (1986) refere-se a Oxum da seguinte maneira: No tempo da criação, quando Oxum estava vindo das profundezas do orun, Olodumare confiou-lhe o poder de zelar por cada uma das crianças criadas por Orixá, que nasceriam na terra. Oxum seria a provedora de crianças. Ela deveria fazer com que as crianças permanecessem no ventre de suas mães, assegurando-lhes medicamentos e tratamentos apropriados para evitar abortos e contratempos antes do nascimento. Não deveria encolerizar-se com ninguém a fim de não recusar crianças a inimigos e conceder gravidez a amigos. Foi a primeira *Iya-mi* encarregada de ser *Olutoju awom omo* - aquela que vela por todas as crianças e *Alawoye omo* - a que cura crianças (RIBEIRO, 1996, p. 77).

Como se pode observar, a orixá popularmente conhecida pela beleza é apontada pela autora como uma orixá cujo poder é zelar pelas crianças geradas de cada um dos orixás. Segundo a autora, Oxum é encarregada de evitar abortos e demais complicações antes do nascimento. Percebe-se o emprego do vocábulo “*Iya-mi*”, que significa em iorubá, mãe ancestral.

Outra característica presente no conto é a sequência narrativa. No decorrer da leitura, evidencia-se que a personagem retrocede cada vez ao passado. A analepse é o recurso literário utilizado pela narradora, já que apenas no desfecho é possível situar-se no tempo presente.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: — Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (EVARISTO, 2014, p. 13).

No início do conto, verifica-se a passagem do tempo pretérito ao mencionar [...] “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca”. Vale destacar que o desfecho revela uma conexão entre passado-presente-futuro, avó - mãe - filha. Assim, o encontro com Oxum, possibilitou que a personagem alcançasse a cor dos olhos da mãe, ou seja, adquiriu sabedoria.

As análises nos levam à compreensão do conto a partir do provérbio "Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saibas pelo menos de onde vens", indicado traços ancestrais presentes nos contos. A narradora foi ao encontro de suas origens, ao juntar fragmentos da ancestralidade e da memória. No que se refere ao movimento *Sankofa*,

percebe-se que a narradora realizou o movimento de voltar ao passado para lembrar seus ancestrais e construir um futuro.

O conto *Das águas*, diferencia-se em algumas características de *Olhos d'água*, por apresentar um narrador em terceira pessoa e apresentar ao leitor os dilemas identitários relacionados ao cotidiano da personagem Omi - uma estudante negra, cursando Medicina. Cabe ressaltar que inicialmente o conto apresenta o brutal cotidiano de Omi, pois as memórias da protagonista estão voltadas à rotina da qual não consegue se desvencilhar.

Nos trechos iniciais, a personagem é cruelmente caracterizada por adjetivos que desqualificam seu corpo. “Hiperbólica, opulenta, justamente em um país de modelos europeus predominantes, cada vez mais esqueléticos, diria. Nenhum desses adjetivos lhe cabiam” (SOBRAL, 2017, p. 49). É possível visualizar um recurso empregado pelo narrador que potencializa a realidade enfrentada pela personagem.

Ao empregar frases curtas e desconcertantes, Omi é uma personagem caracterizada pelas marcas impregnadas no corpo. Nos trechos a seguir, evidencia-se a forma preconceituosa como era tratada. “Suas medidas, suas curvas, eram excessivas para os moldes”, [...] “Sua pele fora tingida com muita melanina”, [...] “Os cabelos, fortes, crespos, apontavam para o alto”, [...] “Estaria condenada aos cantos do mundo?”, [...] “Não gostava muito de ser como era”, [...] — Macaca! Bombril! Nega maluca! Filha da senzala!” (SOBRAL, 2017, p. 49).

Os fragmentos destacados foram selecionados a partir dos três primeiros parágrafos do conto. Tal recurso permite observar episódios de racismo, injúria racial e preconceito com a personagem. Assim, os problemas diários da personagem são expostos, levando o leitor a produzir uma reflexão sobre os fatos, por meio de um processo catártico.

Nesses episódios em que a personagem encontra-se emocionalmente desestabilizada, percebe-se que Omi distancia-se das memórias e desconecta-se do passado, revelando uma desvinculação das raízes ancestrais. Com base nessa variação, a identidade cultural de Omi encontra-se fragmentada, e, nessas condições, dialoga-se com os estudos apresentados por Stuart Hall. De acordo com o autor, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13). Assim, ao enfrentar os dilemas impostos no momento presente, Omi desestabiliza sua própria identidade, e, conseqüentemente, sua identificação com os processos de rememoração, já que a memória é constituinte do sentimento de identidade e vice-versa.

A memória e a ancestralidade operam de maneira interligada ao longo da narrativa, de modo a evidenciar uma tríade entre memória - ancestralidade - identidade. Ao restabelecer os laços com o passado ancestral, e, conseqüentemente, ressignificar as memórias no tempo presente, Omi reconstrói sua identidade cultural.

Em *Das águas*, memória e ancestralidade são conceitos que se apresentam com uma fronteira permeável, permitindo um diálogo entre os dois conceitos. Para Manjate (2021), a ancestralidade apresenta-se como um conceito que transcende diferentes temporalidades, mas, assim como os processos de rememoração, se dá no presente.

Ancestralidade é um conceito complexo, que evoca múltiplos aspectos configurados a partir de um passado, um presente e, em alguns casos, paradoxalmente, um futuro. Como passado, a ancestralidade ligada às origens de práticas e valores que, de certa forma, apelam para a reconstrução de um ideal, à procura de um mundo perdido (como era, como sempre foi), inscrevendo uma história tal como diz o provérbio chope: ‘*Tolo a hga hundze* [Ontem/ o passado não morre]’. Na verdade, dispõe para um mundo de utopias por evocar realidades hipotética ou idealmente vividas (MANJATE, 2021, p. 15).

Essa observação mencionada pela autora permite entender a ancestralidade como um conceito que atravessa diferentes temporalidades e se inscreve de modo paradoxal por manifestar-se no presente e projetar um futuro. O conceito sugere ainda que a ancestralidade não fixa as práticas de valores, mas procura reconstruir no presente, num processo dinâmico, práticas e valores idealizados. Interessante mencionar o grau de proximidade entre o conceito de ancestralidade e memória. A memória, assim como a ancestralidade, são acessadas e ressignificadas no presente.

Já no entender de Ecléa Bosí (1994) a memória acessada interfere nas percepções do presente, pois

[...] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (BOSÍ, 1994, p. 46-47).

No conto *Das águas*, a instabilidade emocional de Omi é marcada pelos acontecimentos e contradições do momento presente, entretanto, a influência da memória e da ancestralidade redirecionam a personagem a se reconectar com o tempo pretérito.

Todos os dias, refletindo sobre suas contradições, enquanto percorria a pé, o longo caminho até o ponto de ônibus que levaria, três horas de viagem, até a Universidade, onde era a única negra de sua turma. Pensava em desistir. Justo porque percurso da

caminhada abrigava o caudaloso rio de sua infância, de águas conhecidas com o cheiro da terra fértil, molhada pelos sonhos vividos em um tempo feliz, onde o afeto dos seus, o axé dos novos e dos mais velhos de sua comunidade (SOBRAL, 2017, p. 49-50).

Cabe ressaltar que a narrativa desloca-se para questões da memória e da ancestralidade, de modo a perceber a estreita relação entre elas. O conto, embora inicie narrando a violência com a qual Omi está submetida diariamente, anuncia os primeiros indícios de uma memória acessada por meio dos ensinamentos ancestrais de sua avó.

Ela, que sempre fora tratada com carinho. Nem de longe as limitações materiais de sua comunidade trouxeram aborrecimentos como os sofridos na cidade grande. Uma profecia de sua avó, benzedeira, pouco antes da morte, revelou que ela seria herdeira do seu dom de cura (SOBRAL, 2017, p. 49).

No fragmento mencionado, observa-se a comparação feita pelo narrador no que se refere à comunidade onde Omi conviveu com seus familiares. Também cabe analisar a presença da avó da personagem, como uma figura relevante na formação de Omi. A avó, uma benzedeira, revela que Omi também é herdeira de um dom de cura. É nesse instante que a narrativa desloca-se para as questões de memória e ancestralidade, como elementos interligados, de maneira a atuarem de forma recíproca.

Interessante analisar a origem do nome na protagonista, pois sugere uma relação direta com a memória e a ancestralidade. Omi é a palavra iorubá para água, caracterizando um vínculo com as raízes ancestrais e memoriais, já que, no decorrer da narrativa, a água é o elemento que evoca um vínculo com o passado ancestral da protagonista.

A personagem Omi enfrenta a dualidade das questões presentes. Por um lado, precisa “enfrentar a selva das cidades”, entretanto, compreender que precisa lutar pela permanência dos saberes culturais e religiosos de seu povo. O conflito entre os espelhos é evidenciado na passagem a seguir.

Desde então, Omi resolvera enfrentar a selva das cidades e cursar medicina. Faria tudo por sua gente, por seus saberes, admirava a resistência do seu povo mantenedor das tradições culturais e religiosas ao longo dos séculos, amava profundamente seu quilombo-chão, como amava seu corpo, seu primeiro território (SOBRAL, 2017, p. 49-50).

No fragmento, o conto revela a dualidade entre a cidade e as questões ligadas ao racismo em oposição às referências que moldam a sua identidade, como questões ligadas à tradição e à religião. Interessante destacar que o conto apresenta dois espaços nos quais a personagem se desloca. A cidade, no conto, representa a “selva”, onde as questões identitárias

são colocadas em questionamento, mostrando a desestabilidade da personagem perante às condições que esse espaço oferece.

Entretanto, a narrativa indica um outro espaço tranquilizador para Omi. As referências a este espaço são “caudaloso rio de sua infância, de águas conhecidas com o cheiro da terra fértil, molhada pelos sonhos vividos em um tempo feliz, onde o afeto dos seus, o axé dos novos e dos mais velhos de sua comunidade” (SOBRAL, 2017, p. 50-51) são elementos que equilibram o emocional da personagem.

A narrativa traz como conflito os dilemas de Omi. Verifica-se, assim, um ponto de tensão na narrativa, convidando o leitor a refletir sobre um possível desfecho para os problemas. No trecho a seguir, evidencia-se a ascensão do conflito. “Ao sair de casa, o preconceito e o racismo já estavam de pé, a sacudir, com cinismo, as suas incertezas. “[...] Ainda encontrara as armas apropriadas para enfrentá-los e vencer” (SOBRAL, 2017, p. 50). Assim, é possível verificar as tensões cotidianas da personagem, de modo a desestabilizá-la emocionalmente. Omi sentia-se desamparada, embora em seu íntimo, recordava com frequência as lutas passadas de seus ancestrais. “[...] Sabia que para lutar pelos seus, precisava ir às aulas. Mesmo de posse dessa certeza, vivia suas contradições. Não queria estar só em suas trincheiras”(SOBRAL, 2017, p. 51).

No conto, a personagem cumpria o percurso diário até a faculdade. Certo dia, ouviu o convite para banhar-se no rio. O desfecho da narrativa inicia com o desejo da personagem em ir ao encontro das águas. “[...] Certo dia, no mesmo percurso, ouviu o insistente chamado do seu corpo a reivindicar o encontro com aquelas águas” (SOBRAL, 2017, p. 51). Novamente a questão do espelho é retomada com o intuito de transformar a imagem distorcida.

Encarou a umidade fria despida. Nas águas buscou respostas. Mirou-se. Para seu espanto, não viu no reflexo do espelho das a sua imagem distorcida pelas lentes da sociedade. Bem de leve, sentiu o toque do líquido convidativo a percorrer suas extremidades e um arrepio na pele a transportar sua alma para outra dimensão. Sob as águas, um tom amarelo que a princípio tentou compreender como raios de sol penetrando o líquido transformador” (SOBRAL, 2017, p. 51).

Cabe analisar a presença do espelho em múltiplos aspectos. No início da narrativa, Omi encontra-se em crise em relação ao seu próprio corpo. Assim, o narrador ao destacar que a personagem “vivia o conflito com seus espelhos” (SOBRAL, 2017, p. 50), evidencia-se uma tríade de conflitos distintos. O primeiro é a própria imagem da qual parece estar distorcida diante do espelho, já que a personagem demonstra dificuldade em se encaixar na sociedade. O

trecho revela a busca pela identidade, já que os adjetivos empregados potencializam uma imagem distorcida.

Num segundo momento, destaca-se o conflito entre suportar a rotina de estudos na cidade, longe de sua comunidade. Entretanto, Omi demonstra ser persistente e sobreviver em um ambiente hostil devido aos saberes ancestrais herdados. Aqui, os dois lados do espelho mostram uma dualidade que evidencia um conflito entre a cidade que corre paralelamente aos episódios de racismo. A cidade simboliza, portanto, a ausência da estrutura familiar. Em contrapartida, a outra face do espelho encontra auxílio nas memórias de sua avó e de sua comunidade, marcada pelos ensinamentos transmitidos.

A terceira referência ao espelho se deve ao fato de representar a regeneração através do reflexo da água, elemento substancial para a análise da narrativa. De acordo com Chevalier (2020), os significados simbólicos para o elemento água podem apresentar três temas:

As significações simbólicas da água podem reduzir-se a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. Esses três temas se encontram nas mais antigas tradições e formam as mais variadas combinações imaginárias — e as mais coerentes também. As águas, massa indiferenciada, representando a *infinidade dos possíveis*, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. Mergulhar nas águas para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às Origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova: fase passageira de regressão e desintegração, condicionando uma fase progressiva de reintegração e regenerescência (CHEVALIER, 2020, p. 59).

Por meio das especificidades apontadas por Chevalier (2020), o elemento água simboliza a origem da vida, forma de purificação ou regeneração. A personagem Omi realiza um ritual onde a imersão na água atua como um retorno à origem ancestral, para assim, recarregar-se de uma energia renovadora.

É por meio do reflexo na água — um simbolismo ao espelho — que Omi enxerga sua referência à ancestralidade através da orixá Oxum. No fragmento “sob as águas, um tom amarelo que a princípio tentou compreender como raios de sol penetrando o líquido transformador” (SOBRAL, 2017, p. 51). Oxum é o elemento que transporta Omi através do tempo até as origens. É por meio dela que a personagem conecta-se com seu passado ancestral. Ressalta-se, aqui, a referência ao espelho como simbologia que menciona o vínculo ancestral. O espelho não se sugere à mitologia narcísica, mas aponta para uma direção com a finalidade de orientar a personagem.

No trecho a seguir, é possível perceber a presença da orixá Oxum a abrir os caminhos e desatar os nós da personagem.

Não, não era o sol. Oxum estava lá. Majestosa e vestida com o mais puro ouro, dançava sobre as águas. Nunca havia visto Oxum, mas sabia que era ela. Não era questão de ver. Sua energia estava ali manifestada, como parteira a anunciar o seu renascimento. Aceitou. Respirou fundo. Mergulhou naquelas águas negras por um tempo incontável aos olhos da ciência. Um espaço-tempo ancestral...Um outro tempo a girar em seus círculos além do corpo físico (SOBRAL, 2017, p. 51).

O surgimento de Oxum no trecho sugere a análise sobre a água, anunciada por Chevalier (2020), no que se refere à regeneração. No caso da personagem Omi, visualiza-se a ideia de um renascimento em meio ao caos que vivencia. Interessante retomar que a orixá Oxum relaciona-se também com aspectos ligados à maternidade, pois estava ali “como parteira a anunciar o seu renascimento”.

Ao sair das águas, sentiu-se única, completa. Oxum seguia à sua frente, a abrir caminho. Não viveria à sombra de qualquer solidão. Fortalecida, Omi estava pronta a ocupar o espaço, o seu lugar na terra. Ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum, viu seus antepassados em uma terra distante em algum pedaço do imenso solo africano, seu povo guerreiro vivendo em tempos de fartura, de produção de conhecimento e dignidade humana (SOBRAL, 2017, p. 51)

Enquanto *Olhos d'água* apresenta um recurso literário que remete a eventos passados, o conto *Das águas* revela trechos que representam uma visão que anuncia acontecimentos futuros. Esse olhar para frente ou antecipação é um recurso utilizado para precipitar algo que ainda não aconteceu no momento em que se narra. Nos fragmentos “Uma profecia de sua avó, benzedeira, pouco antes da morte, revelou que ela seria herdeira do seu dom de cura” (SOBRAL, 2017, p. 49). “Quem sabe retroceder não seria também um meio de avançar?” (SOBRAL, 2017, p. 51). “Sentia a força dos seus a inspirar os seus passos” (SOBRAL, 2017, p. 50). As citações aparecem em momentos em que a personagem Omi depara-se com episódios de racismo e preconceitos.

Esses fragmentos surgem em momentos de inquietações da personagem, anunciando a possibilidade de recuperar sua identidade estilhaçada. Também é possível encontrar nos trechos, previsibilidades que anunciam a possibilidade da narradora em buscar respostas. Esses fragmentos costuram a narrativa, que, ao final do conto, revelam o modo como os processos de purificação atravessam um estado de renascimento e aceitação da sua própria imagem, da beleza, da memória e da ancestralidade. “Sua identidade, antes fragmentada, foi enfim revelada” (SOBRAL, 2017, p. 51-52), revela a junção dos traços da ancestralidade na reconstituição de sua memória e identidade. “Com Oxum, pôde, enfim, recuperar sua beleza

roubada, encontrar-se no seu íntimo. Nunca mais deixaria de admirar a própria beleza em seus espelhos negros” (SOBRAL, 2017, p. 52).

Cabe analisar a canção que “Oxum deixou em seus ouvidos” (SOBRAL, 2017, p. 52). Trata-se de uma canção composta pela autora do conto, Cristiane Sobral. No fim da narrativa, a letra traz a seguinte mensagem

Oxum matou minha sede de água  
Oxum lavou meus olhos com mel  
Lavou meu olhos

Oxum matou minha sede de água  
Oxum lavou meus olhos com mel  
Restaurou meus espelhos de beleza

Oxum matou minha sede de água  
Oxum lavou meus olhos com mel  
Colocou a riqueza em minhas mãos.

Omi encontrou-se no universo mítico de suas águas (SOBRAL, 2017, p. 52).

Composta por quatro estrofes e dez versos, a canção é como uma síntese do conto, pois revela que Oxum matou a sede de Omi. A sede refere-se à busca pela água, elemento que representa a simbologia ou a presença de Oxum. Omi, atendendo ao chamado, vai em busca do renascimento por meio da água. Já no segundo verso, observa-se a metáfora de que Oxum lavou os olhos de Omi com mel. Essa passagem revela o poder de amenizar seus reflexos nos espelhos, fazendo com que a personagem olhe para si mesma e veja-se através de novas lentes, lentes doces, suaves, e não mais uma carregada de estereótipos.

As estrofes seguintes iniciam os mesmos versos com a finalidade de reforçar a recuperação de sua própria imagem. Nota-se que, embora as estrofes iniciem com os mesmos versos, o último dá seguimento ao que se quer dizer. Na segunda estrofe, apenas o último verso difere-se dos demais, trazendo a ideia que é Omi agora quem narra, pois é como ela se vê. “Restaurou meus espelhos de beleza” mostra a ausência da terceira pessoa, que no conto, é quem narra.

Já na quarta estrofe, “Colocou a riqueza em minhas mãos”, verifica-se a presença da ancestralidade sendo transmitida através de Oxum. A riqueza de Omi é o recebimento da herança ancestral. Por fim, no quinto verso, “Omi encontrou-se no universo mítico de suas águas”, o símbolo água retorna para enfatizar que a ancestralidade está em Oxum, portanto, nas águas. Sua herança, memória e ancestralidade vem *Das águas*.

O conto *Arlinda*, traz aspectos ligados à ancestralidade ao apresentar o elemento água, fazendo uma referência à vida. De acordo com o trecho “[...] fora isso, e mais algumas dificuldades ‘tá tudo bem, dá pra sobreviver, se bem que a chuva é muito boa, a água dá vida, dá alegria, é renovação, pra gente seo moço (TRINCHÃO, 2017, p. 85), ressalta-se a visão da narradora com relação à água. Para *Arlinda*, a água traz a ideia de renovação e alegria.

Além do elemento água, pode-se observar a referência às Orixás como Iansã, no decorrer da narrativa. Cabe ressaltar que as memórias de *Arlinda* se apresentam sob duas perspectivas. A primeira, diz respeito à própria *Arlinda*, narradora-personagem. Já a segunda, percebe-se uma voz ausente e observadora que interrompe o monólogo de *Arlinda* e apresenta particularidades da narradora muitas vezes não ditas pela própria personagem.

A artrose já lhe dificultava os movimentos e as varizes, complicavam ainda mais. Acima do seu peso ideal, era-lhe sofrível as subidas e descidas porém, a vida tinha que seguir em frente até quando desse e a velha fadiga não tinha espaço para importuná-la, mesmo porque tudo tinha suas compensações. Muitas foram as lutas, não poucas as batalhas, mas, era uma filha de Iansã, guerreira, altiva e por tão pouco não se deixava abater. Já de há muito que era acostumada a guerrear, guerrear na vida e pela vida, "gente como a gente seo moço, não pode se deixar abater não, senão não vive". E assim, desse jeito, *Arlinda* ia fazendo o seu caminho, desde moça fora assim, a garra com que vivera demonstrava a tantos quantos estivessem ao seu redor, a sua força e energia, força e energia que não eram à toa, já que nascera uma guerreira, uma filha de Iansã (TRINCHÃO, 2017, p. 85).

Nessa voz ausente, o narrador nos apresenta quem é *Arlinda*, uma mulher em idade avançada, adepta à religião e moradora da comunidade. Cabe um estudo sobre a presença de orixás nos contos aqui analisados. De acordo com Passos (2008, p. 33), Iansã “é uma orixá que representa em sua caracterologia uma das mais interessantes deusas que perfilam o poder feminino, no universo mítico das culturas espalhadas pelo mundo”. De acordo com a mitologia iorubana, Iansã é uma orixá associada aos ventos e às tempestades e tem o poder de dominar o fogo e a água. Em seus estudos, Passos (2008) também menciona outras características da orixá como transformar-se em búfalo ou tornar-se rio. De acordo com Passos (2008), orixás são divindades que se apresentam de múltiplas formas.

Os orixás de acordo com a mitologia iorubana são forças da natureza. E se representam através das manifestações das suas formas naturais: a água, o fogo, o ar, a terra; mares e rios, chuvas e ventos, raios e trovões; folhas e frutos, ferro e pedra, minerais diversos, os animais. Quando se traduz o termo orixá de origem iorubá, que quer dizer “cabaça-cabeça” mais precisamente, encontra-se no sentido desta palavra fragmentos da grande complexidade que envolve o universo religioso de origem africana. A cabaça para os africanos seria um instrumento de guardar, de reter no seu interior as mais diversas substâncias de origem sólida, vegetal ou líquida, portanto, na cabaça cabe o que significa o mundo. E dessa relação nasceu a compreensão de que o ori humano ou, em português, a cabeça humana, seria o reservatório de toda

energia cosmológica que configura as deidades chamadas orixás. São estes orixás que trazem a energia vital da vida, o *Axé* (PASSOS, 2008, p. 23).

Nas considerações de Passos, nos apresenta uma visão cosmológica e filosófica das religiões de matriz africana, onde os orixás são parte da natureza, do ser humano e do universo. A ideia de que a cabeça humana (Ori) é uma cabaça que contém energia cósmica reforça o princípio de que a espiritualidade está dentro de cada pessoa. Nas considerações de Passos (2004, p. 32) “orixá vem da junção das palavras Ori, que quer dizer cabeça, e Axé, que quer dizer força – então seria ‘força da cabeça’”.

Em *Arlinda*, há uma transmissão familiar já que a personagem não narra apenas sobre si mesma. Percebe-se, ao longo do conto, que a narradora faz referência aos pais, indivíduos também adeptos à fé em orixás.

Ah! Só me lembro daquele dia, em que papai contou, que saía das docas bem tarde da noite, papai era um negão alto, de mais de dois metros, largo, enorme, só de olhar pra ele, já impunha respeito, (papai era filho de Ogum), gostava muito de fumar charuto, usava chapéu panamá, é naquela época, chapéu panamá era moda e muito fina, seo moço, [...] (TRINCHÃO, 2017, p. 88).

Por outro lado, ao referir-se às histórias de seu pai, *Arlinda* evoca lembranças que apontam para as questões religiosas do pai. No trecho “papai era filho de Ogum”, nota-se que, além de traçar as características físicas, *Arlinda* apresenta elementos voltados para o caráter ancestral mantido pela família. Já no que se refere às lembranças de sua mãe, *Arlinda* descreve-a como filha de Oxum.

[...] mainha era uma mulher muito doce e carinhosa, uma filha de Oxum e como filha de Oxum excelente mãe, boa esposa, nunca vi eles brigando, sempre se deram muito bem, excelente dona de casa, sabia cozinhar muito bem, tinha o seu jeito doce de dizer e fazer as coisas, sem querer ferir, nem magoar, sempre prestativa, mainha era um doce, adorava deitar no seu colo e sentir, nos meus cabelos, mãos tão delicadas d'Oxum acompanhadas de uma canção que ela aprendera com minha vó, que aprendera com minha bisavó e daí adiante, já sabe como é essas coisas né ? E dessa forma ela me embalava até dormir e sonhar qu'eu 'tava brincando no paraíso, com peixinhos bem pequenos, coloridos, de aquário e com Janaína. Interessante, a canção moço, cantada toda em iorubá, lá na língua dos meus avôs, era uma canção muito triste, que falava de distância, separação, saudade... era muito triste, às vezes, parecia um gemido, mas, quando mainha cantava baixinho, baixinho, eu adormecia (TRINCHÃO, 2017, p. 89-90).

A canção cantada em iorubá simboliza a transmissão da ancestralidade através de um conhecimento oral transmitido de mãe para filha, que remonta à bisavó de *Arlinda*. Quanto ao fato de a música ser triste e falar de distância, separação e saudade, pode remeter ao trauma da diáspora africana e à perda da terra natal. Mesmo sendo um canto melancólico, ele embala a

menina para um sono tranquilo, mostrando que a ancestralidade traz tanto dor quanto acolhimento. Iemanjá, no entender de Santos (2012), é uma orixá ligada a aspectos da maternidade, ou seja, é vista como um símbolo da fecundidade, também dos mares e do oceano. É a mãe de muitos orixás.

Para além das orixás Iansã, Ogum e Oxum, Arlinda refere-se aos orixás como guerreiros que aprenderam a lutar. No fragmento, Arlinda faz referências a orixás como Xangô e Oxalufã.

Epa hei e o meu pai Xangô, Kaô Kabessilê, coisa é enfrentar essa escadaria com chuva, eu não lhe disse, imagine, mas, é isso mesmo, o negócio é esperar a chuva passar e depois descer, ou subir não é verdade, olhe, essa vida é de luta, mas é boa viu...não acha ? não concorda ? quando eu vejo que o meu pai Xangô e a minha mãe Iansã, senhora tão guerreira, ativa e poderosa, assim como o meu pai Ogum e o pai Oxalufã, guerreiros nesta vida e na outra, só nos cabe, aprender com eles e como eles, a arte da guerra diária, na verdade uma guerra santa, vencer os obstáculos que nos são impostos, e aprender com as vitórias e derrotas (TRINCHÃO, 2017, p. 92).

Cabe analisar no fragmento acima, a saudação Kaô Kabessilê feita a Xangô. De acordo com Prandi (2001, p. 344), a expressão em iorubá “Kabiyesi Xangô, Kawô Kabiyesi Obá Kossô”, é traduzida por “Viva Sua Majestade Xangô, Rei de Cossô”, uma saudação ao orixá. No conto, ao pronunciar Xangô, Arlinda faz referência à saudação feita ao Rei, como uma forma de respeitá-lo.

Na mitologia, Prandi (2001) descreve as aventuras de Xangô ao chegar na cidade de Cossô. Por não ser reconhecido pelos habitantes como um rei, Xangô atacou com pedras de raios e trovões a cidade. Assim, todos caíram aos seus pés, dizendo: “Kabiyesi Xangô, Kawô Kabiyesi Obá Kossô” “Viva Sua Majestade Xangô, Rei de Cossô”.

Sobre as particularidades presentes em cada uma das personalidades dos orixás, Santos (2012, p. 12) refere-se também aos comportamentos e sentimentos de cada um, ressaltando o vínculo dos orixás com as forças da natureza. Na visão do autor, Xangô é o “mítico rei da cidade de Oió, deus do fogo e da justiça”. Já para (GOMES et al., 2012), destacam outras particularidades, como ser usar uma coroa e carregar ser Oxé, um machado duplo, e o Xeré, um instrumento musical. Os autores destacam também ser um orixá intolerante à injustiça e ser identificado como Xangô Agodô, o velho e Xangô Aganju, o jovem. Outra orixá mencionada no conto *Arlinda* é, Iansã, que se caracteriza pela forte relação com a natureza, especialmente raios (SANTOS, 2012). Iansã também é uma das esposas de Xangô.

Já o orixá Ogum nos estudos de (SANTOS, 2012), sua personalidade é voltada à responsabilidade pelas ferramentas, fundição e metalurgia. No entendimento do autor, essas

particularidades revelam uma ligação com as armas de guerra e com ferramentas agrícolas. Na percepção dos autores (GOMES et al., 2012, p 75), Ogum é um orixá do ferro e fogo e das tecnologias. É responsável por trazer sobrevivência e paz, trazendo sua espada pronta para o ataque. Ainda conforme os autores, Ogum é “protetor dos soldados, vencedor de batalhas e demandas, das atividades do trabalho, das ferramentas” [...] “é caracterizado como Ogum Avagã, Ogum Onirá, Ogum Odiolá”.

Por fim, no trecho citado, Oxalufã é mencionado na fala de Arlinda. Dentre os orixás nomeados, Oxalufã designa-se por ser o primeiro orixá criado por Olorum, Deus Supremo. Nesse sentido, Oxalufã é também conhecido por Oxalá, cuja missão específica foi a criação do mundo.

Segundo as lendas, ele é o pai de todos os Orixás. Portanto, está acima de todos na hierarquia divina. A associação ao elemento ar se deve ao fato de ele representar o céu — o princípio de tudo. O céu, ao tocar o mar, teria criado os demais Orixás que receberam a incumbência de cuidar de todos os seres do planeta. Foi casado com Yemanjá, e essa união deu origem aos demais Orixás. Oxalá é homenageado por todos os praticantes e cultuado como a figura do pai, demonstrando sabedoria e autoridade, mas também é sensível e tem capacidade de demonstrar sua força, poder e conhecimentos sem usar de violência — através da argumentação. É representado como: Oxaguian, o jovem; Oxalufan, o velho (GOMES et al., 2012, p. 75)

Segundo os autores, Oxalufã é o criador de todos os Orixás, sendo, portanto, caracterizado pelo princípio de tudo. Oxalufã apresenta duas formas. A primeira, diz respeito à figura de um orixá jovem. Santos (2012) caracteriza-o como sendo um guerreiro forte e viril. No entender de Santos (2012) e Gomes (2008), Oxaguian ou Oxaguiã, é a designação por sua aparência jovem. Por outro lado, os autores associam sua forma enquanto o criador de todos os seres vivos que habitam a terra — *aiê* —, como sendo um orixá mais velho.

Na perspectiva de Prandi (2001), no que se refere ao entendimento sobre a criação de todos os outros orixás,

Oxalá encabeça o panteão da Criação, formado de orixás que criaram o mundo natural, a humanidade e o mundo social. Oxalá ou Obatalá, também chamado Orixanlá e Oxalufã, é o criador do homem, senhor absoluto do princípio da vida, da respiração, do ar, sendo chamado de o Grande Orixá, Orixá Nlá. É orixá velho e muito respeitado tanto pelos devotos humanos como pelos demais orixás, entre os quais muitos são identificados como filhos seus (PRANDI, 2001, p. 23).

Verifica-se que no conto *Arlinda*, a personagem é guiada por seus orixás, revelando aspectos da mitologia e a formação da identidade da narradora. As memórias da Arlinda se formam por meio de uma referência direta à ancestralidade. É através das divindades como

Iansã, Iemanjá, Ogum, Xangô e Oxalá que Arlinda tece um painel de histórias e memórias familiares e apresenta as divindades como seus protetores.

No conto, os orixás Ogum e Oxalá são vistos por Arlinda como “guerreiros nesta vida e na outra” (p. 92?). Essa passagem mostra a presença e o intermédio dos orixás que seguem a guiar e amparar sua vida e a de sua família. Assim, a aprendizagem que Arlinda obteve com os orixás, demonstra a capacidade de lidar com as lutas diárias, assim como os orixás. Conforme assinalado por Santos (2012) e Gomes (2008), os orixás possuem arquétipos e personalidades inerentes ao ser humano. Desse modo, os orixás acompanham a trajetória da personagem, auxiliando-a nas dificuldades da vida.

Outro trecho em destaque mostra como a personagem percebe as aflições do momento presente. Percebe-se que Arlinda foi uma mulher que enfrentou muitos obstáculos. Entretanto, já na velhice, observa a falta de espiritualidade entre os outros. O alento, segundo Arlinda, é oferecido pela fé em Oxalá.

vejo boa parte da cidade; vejo as pessoas correndo pela vida e atrás do tempo; a angústia de quem fica e o alívio de quem parte; a solidão, o desespero, o desamparo; o aconchego e o abandono; o estímulo e o desprezo, os dias coloridos e os dias cinzentos, a guerra diária, que empreendemos, que apreendemos e onde aprendemos, quando o rir e o chorar é uma constante, mas, as lágrimas e as dores são lavadas sempre com as águas da paz que Oxalá, Babá Ekê, nos traz e abençoa (TRINCHÃO, 2017, p. 93).

Esse trecho traz uma visão ampla e sensível da vida na cidade, reconhecendo tanto seus desafios quanto suas belezas, nos lembra que a vida é feita de contrastes – há dor e alegria, solidão e aconchego, luta e aprendizado. A espiritualidade aparece como um elemento restaurador, trazendo equilíbrio e purificação diante das incertezas da existência. A narrativa reforça a importância da ancestralidade e da fé como guias para lidar com as dificuldades do cotidiano. Já o trecho “as lágrimas e as dores são lavadas sempre com as águas da paz que Oxalá, Babá Ekê, nos traz e abençoa” mostra a impermanência das emoções, trazendo purificação e paz.

É possível verificar ainda que Arlinda transmite ao ouvinte uma sabedoria baseada em sua ancestralidade. O discurso da narradora opera, em certa medida, como uma lição dada pelos mais velhos aos mais novos e, que, de alguma forma, a personagem tenta transmitir para a geração futura.

## 6.1 Memória e contornos finais

Relacionando o trabalho de memória apresentado por Halbwachs (2003), ao considerar a relação entre memória individual e memória coletiva, destaca-se a intenção do autor ao enfatizar que nossas memórias não são reconstruídas apenas por meio do testemunho dos outros. É necessário que existam pontos de contato, ou seja, que nossas memórias não deixem de concordar com as dos outros indivíduos da comunidade da qual pertencemos.

Ao mencionar as características memoriais no conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2014), constata-se que a narradora em primeira pessoa e não nomeada, narra acontecimentos relacionados à infância. Embora a narrativa seja interrompida pelo questionamento sobre qual seria a cor dos olhos da mãe, a personagem percorre até o tempo pretérito para vasculhar as memórias e expor lembranças do período em que viveu com a mãe.

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias (EVARISTO, 2014, p. 11).

O trecho em análise evidencia o vínculo afetivo entre mãe e filha, o que permite evidenciar a construção das memórias fragmentadas relacionadas à infância. No decorrer da narrativa, percebe-se que a narradora já não se encontra mais na presença da mãe, entretanto, habitam em suas memórias, o longo período do convívio com a mãe. Assim, a proximidade entre mãe e filha indica a capacidade construída pela narradora em reconhecer, até mesmo em pequenos gestos, prenúncio de alegrias.

É possível dialogar com a proposição de Halbwachs (2006, p. 38) a respeito das reconstruções de uma lembrança. Segundo o autor, “é preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa”.

Ao julgar-se culpada por não recordar a cor dos olhos de sua mãe, a narradora exercita o trabalho de memória recorrendo a aspectos ligados à fisionomia. Na tentativa de recordar a cor dos olhos, a protagonista vasculha detalhes que lembram a compleição física corpo de sua mãe. “Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela...” (EVARISTO, 2014, p. 11).

Não sendo possível responder ao questionamento sobre a cor dos olhos da mãe, a protagonista recorre a outras memórias, deslocando a narrativa para aspectos que remetem à infância e às brincadeiras com a mãe.

Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela? (EVARISTO, 2014, p. 11).

Essa passagem sugere uma lacuna na memória, um detalhe que parece escapar, apesar da intensidade da lembrança. No entender de Candau (2021, p. 63) “as falhas de memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Porque a memória organiza ‘os traços dos passados em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro’”. É possível verificar que a narradora/personagem parece desviar o foco do conflito da narrativa que é não recordar a cor dos olhos da mãe. Esse recurso apresenta múltiplas interpretações. Em primeiro lugar, a memória fragmentada, portanto incompleta, não reconstitui a lembrança da qual se questiona.

Por outro lado, o conflito sobre não lembrar a cor dos olhos da mãe pode ser analisado pela perspectiva do movimento *Sankofa*. Verifica-se que o conflito é fundamental na reconstrução das memórias, pois permite que a narradora/protagonista, possa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, o que representa o símbolo *Sankofa*. Cabe ressaltar outra simbologia por meio do provérbio “quando não souberes para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vens”. A narradora/protagonista pouco recorda sobre seus antepassados, dependendo apenas da lembrança da mãe como instrumento a preservar e transmitir à geração seguinte.

Como se pode perceber, a narradora/protagonista relata também episódios que remetem à infância e às brincadeiras com a mãe, com a possibilidade de trazer ao presente a recordação da cor dos olhos.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umavam viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também (EVARISTO, 2014, p. 12).

Nessa passagem do conto, cabe salientar também a visão de Halbwachs (2006, p. 41) a respeito das lembranças que reaparecem porque os outros nos fazem lembrá-las, ideia central nos estudos do autor que caracteriza a memória coletiva. Entretanto, segundo o autor, é possível identificar a memória coletiva ao evocar um fato “mesmo não estando outros materialmente presentes”. Halbwachs (2006) enfatiza que o acontecimento em si é lembrado sob a perspectiva do grupo social que compartilhou coletivamente essa experiência. O trecho demonstra subterfúgios utilizados pela mãe com o intuito de entreter as filhas em relação aos dilemas do presente, entre eles, a fome. Esses breves momentos de distração proporcionados pela mãe da narradora/protagonista revelam também as dificuldades e a condição de pobreza não esquecidas.

É possível perceber a relação entre os estudos de Aleida Assmann (2011) e a narrativa *Olhos d'água*. Segundo a autora, a memória é uma manifestação que transcorre no momento presente e, por isso, não representa uma reconstrução exata dos eventos passados. Para que essa construção seja possível, as lembranças sobre os fatos pretéritos mantêm uma conexão com o presente, se encaixando na perspectiva atual. A seletividade da memória deve-se ao fato da memória reconstruir no momento presente, acontecimentos passados que são relevantes para o momento atual. Nessa perspectiva, a narradora/protagonista insere esses acontecimentos nas lembranças reconstruídas no presente, por se tratar de memórias pertinentes.

Destaca-se a influência das memórias da mãe da protagonista, narradas pela protagonista. É possível se alinhar aos estudos de memória e identidade de Jöel Candau. No entender de Candau (2011), identifica-se que as vias de transmissão são aquelas presentes na memória doméstica. No fragmento a seguir, a narradora/personagem relata um episódio que se repetiu por inúmeras vezes.

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas (EVARISTO, 2014, p. 11-12).

Já Pollak (1992) e Sarlo (2005), denominam as memórias vividas por tabela e pós-memória, respectivamente. Os acontecimentos conforme a visão de Pollak (1992), não foram vividos pelos indivíduos, entretanto, a memória transmitida para a geração seguinte

permite que essas memórias compartilhadas sejam tão intensamente reforçadas a ponto dos participantes confundirem as experiências. Por outro lado, Sarlo (2005) caracteriza esse tipo de compartilhamento como sendo pós-memória. No conto, a narradora/personagem demonstra mesclar e confundir suas próprias memórias com as da mãe.

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância (EVARISTO, 2014, p. 11).

Articulando os conceitos expostos com as narrativas em estudo é possível perceber que as memórias das personagens estão diretamente ligadas ao grupo familiar.

Já no conto intitulado *Arlinda*, de Fátima Trinchão (2017), as memórias da narradora voltam-se para o espaço, ou seja, para o local onde a personagem *Arlinda*, também narradora, percorre durante um breve trajeto que tenta vencer enquanto conversa com um desconhecido. Já no início da narrativa, descobrem-se algumas características do lugar onde a personagem vive. As descrições de *Arlinda* revelam as mudanças no cenário, indicando que a narradora mora ali por muitos anos e guarda em suas lembranças, como era o espaço.

Da casa do alto do morro, divisava o mundo do asfalto. É bem verdade que para chegar aqui embaixo e retornar todos os dias, era uma dificuldade muito grande, pois aquela escada, com aqueles cento e cinquenta degraus, todos os dias era muito puxada, quando mais jovem, não tinha esse problema não, subia e descia quantas vezes fossem necessárias, levava e trazia trouxas e mais trouxas de roupas, de longe, que lavava, quarava e botava pra secar, ali, quando tinha muito mato verde, mas agora, já com idade, humm... É ruim viu.. (TRINCHÃO, 2017, p. 85).

No excerto acima, as lembranças de *Arlinda* trazem uma dimensão da distância entre a casa do morro e a cidade. Para vencer o trajeto, era preciso subir e descer cento e cinquenta degraus. A narradora relata ainda que, quando jovem, fazia o trajeto com mais facilidade. Verifica-se também a referência ao tipo de trabalho exercido pela personagem, que “lavava, quarava e botava pra secar” as roupas. O uso das reticências indicam uma interrupção da fala pois, diante das circunstâncias vividas agora no momento presente e com a idade avançada, *Arlinda* não consegue completar o trajeto com tanta rapidez.

Halbwachs (2006) enfatiza que os limites da retrospectiva são variáveis de acordo com o grupo a qual se pertence. Nesse aspecto, o autor discute a participação dos indivíduos no pensamento coletivo, de forma a discutir as lembranças mais remotas atingidas. Segundo o autor,

se pusermos em primeiro plano os grupos e suas representações, se concebemos o pensamento individual como uma série de pontos de vista sucessivos sobre os pensamentos desses grupos, então compreendemos que possam retroceder no passado e retroceder mais ou menos segundo a extensão das perspectivas que lhe oferece cada um desses pontos de vista sobre o passado tal como representado nas consciências coletivas de que participa (HALBWACHS, 2006, p. 155)

Halbwachs enfatiza que o pensamento individual é uma sucessão de pontos de vista do coletivo. Com base nisso, cada pessoa tem uma "visão" do passado que não é fixa — ela pode "retroceder no tempo" de maneiras diferentes, dependendo da perspectiva que os grupos oferecem sobre aquele passado.

certamente, os limites até onde retrocedemos assim no passado são variáveis segundo os grupos, e é o que explica porque os pensamentos individuais conforme os momentos - ou seja, conforme o grau de sua participação nesse ou naquele pensamento coletivo, atingem lembranças mais ou menos remotas (HALBWACHS, 2006, p. 156)

Nesse aspecto, dialoga-se com o autor para compreender como os processos de rememoração podem atingir lembranças mais remotas, dependendo do grau de participação dos indivíduos. Assim, dependendo do contexto e do grupo social que influencia um indivíduo em determinado momento, suas lembranças podem alcançar períodos mais distantes ou se limitar a memórias mais recentes. No conto, é possível verificar que a personagem retrocede a lembranças mais remotas, demonstrando seu grau de participação nos acontecimentos da comunidade.

Ao narrar, Arlinda retrocede em suas próprias memórias e revela ao indivíduo que a acompanha no trajeto, histórias que remontam aos tempos de sua infância. Cabe destacar que, embora a narrativa apresente um narrador em primeira pessoa, há momentos em que uma terceira pessoa surge narrando fatos sobre a vida de Arlinda.

Na verdade, aquela comunidade sempre fora especial, todos amigos, desde criança, quando começou a entender-se que viu e sentiu como aquela vizinhança era especial. Aos domingos, a feijoada de seo Henrique, seu pai, fazia sucesso entre os amigos; seo Henrique era estivador no porto, nas docas e sempre estava de bem com a vida, Arlinda, sua única filha, era o seu maior presente e a ela, ele nada negava, fazia-lhe todos os mimos e como pobres, viviam, dividindo com os vizinhos, a alegria da feijoada do seo Henrique e a alegria do dia de domingo, após a partilha da suculenta feijoada, quase todos se preparavam para assistir ao futebol, diversão essa oferecida e garantida pela generosidade do seo Henrique que gostava muito de ver a casa cheia (TRINCHÃO, 2017, p. 86).

Encontra-se no trecho do conto *Arlinda*, um retrocesso que apresenta um ponto de vista da personagem, entretanto, é possível perceber que se trata de uma visão construída coletivamente. *Arlinda* é a narradora-personagem que representa o pensamento coletivo da comunidade a que pertence.

Antigamente moço, aquilo tudo lá embaixo era uma mata só, tudo verde, verdinho, o ar puro, muita folha para banhos e remédios agente encontrava ali, e bichos à vontade, às vezes, cansava de dar de cara com os micos e as famílias, brincalhões que só eles, comendo de tudo que tinha ali: mangas, cajus, pitangas, araçás, jacas... Olhe, naquela mata as folhagens eram uma grande bênção. Tinha folha pra tudo que vosmicê puder imaginar: folha pra dor de cabeça, pra tensão alta, pra insônia, pra canseira, pra tontura... Tudo, tudo, tudo que você imaginar a gente tinha aí embaixo; as folhas seo moço, são tão boas, sem folhas a gente não vive, as folhas são a vida e o sangue da terra; hoje tá tudo aí, tudo assim, que é só asfalto, asfalto e quentura, depois dizem que é tudo pelo bem do progresso, ora mais home quá, progresso, progresso, que progresso é esse seo moço que nos afasta daquilo que somos, que nos torna distantes das nossas origens e nos empurra a um mundo onde já não somos nós quem vive e já não se sabe mais quem é, correndo em busca do quê (TRINCHÃO, 2017, p. 90-91).

Segundo Halbwachs (2006, p. 155), a consciência individual representa um pensamento coletivo. Assim, no entender do autor, “cada uma dessas consciências, o tempo passa, certa imagem do tempo subsiste e se imobiliza, que o tempo dure pelo menos em certos limites, variáveis conforme os grupos”.

Percebe-se que, além das memórias de *Arlinda* retrocederem ao tempo e apresentarem aspectos da visão coletiva do grupo, a personagem vai retorcendo também na linguagem, ao mencionar em seu monólogo, o vocábulo “vosmicê”. No trecho transcrito, também é possível verificar um contraste entre a memória coletiva da comunidade em oposição aos modos de viver no momento presente.

O local atravessou grandes mudanças a ponto de influenciar os hábitos de vida. Na visão da narradora-personagem, num tempo pretérito, o local era preservado, cuidado pelos membros da comunidade. O contraste entre morro e asfalto é evidenciado por meio de comparações que a narradora-personagem revela. Desde o início da narrativa, sabe-se que a comunidade está localizada em um morro, ou seja, afastada da cidade. O local é então caracterizado pela presença da mata, como um espaço onde se encontravam medicamentos utilizados pela própria comunidade, mostrando certos costumes praticados.

No que se refere à cidade, ao progresso, a narradora sente não pertencer a esse local, já que experimenta a sensação de estar longe de suas origens, ou seja, de sua memória coletiva. A narradora-personagem caracteriza a cidade como um lugar que “empurra a um mundo onde

já não somos nós quem vive e já não se sabe mais quem é, correndo em busca do quê” (p.93), relevando a desconexão com as raízes, com a memória e com a identidade.

Já sobre os aspectos relacionados com o tempo, Arlinda, já em idade avançada, traz uma metáfora sobre o passado ser água de rio, demonstrando a sabedoria adquirida.

Sabe moço, não sei o que seria de nós, sem o passado, sem saber do passado, jamais entenderíamos o presente, o presente é construído no tempo que passa; para que possamos planejar o futuro seo moço, temos que amar e respeitar o tempo, o tempo que nós temos e ganhamos do Alto, e aproveitar da melhor maneira possível, não estou sendo uma velha chata, o tempo seo moço, vosmicê bem sabe, é água de rio, que se vai e jamais retorna (TRINCHÃO, 2017, p. 91).

Em análise ao conto, verifica-se que a personagem transmite ao interlocutor a relevância do tempo pretérito para que se possa entender o presente e planejar o futuro. Ao comparar o tempo com a água de um rio, Arlinda demonstra a existência do viver, trazendo uma aprendizagem sobre suas próprias experiências. Essa visão da narradora-personagem está associada à ideia da memória influenciar no presente para construir um futuro. Ou seja, a conexão entre passado, presente e futuro é feita de maneira a manter um constante diálogo entre os tempos. Assim, a mensagem transmitida é a de que, no presente, é necessário saber sobre o passado para planejar, também no presente, o futuro.

É relevante comparar o trecho do conto *Arlinda* com os estudos sobre o tempo espiralar de Martins (2021).

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contração, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológicas e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (MARTINS, 2021, p. 14).

No entender da autora, verifica-se a concepção de um tempo espiralar e não linear. Ao mencionar que o tempo pode ser vivido através de movimentos de reversibilidade, dilatação e contração, Martins enfatiza a descontinuidade e a simultaneidade entre passado, presente e futuro. A autora relaciona ainda o pensamento aristotélico, onde o princípio básico do corpo não é o repouso, mas o movimento. Para a autora, a memória, nesse contexto, é vista como imagens que se refletem nas temporalidades curvas.

Nos três contos analisados, é possível identificar a não linearidade do tempo, uma vez que as personagens Omi, em *Das águas*; Arlinda, no conto homônimo e uma protagonista não

nominada em *Olhos d'água*, percorrem por diferentes tempos através de suas memórias com a finalidade de encontrar suas origens. Em *Olhos d'água*, a personagem volta-se ao tempo pretérito para falar sobre sua mãe e recorre, por insistência, à cor dos olhos da qual já não se lembrava. Aqui, o tempo é experimentado pela narradora de maneira não linear.

Já em *Das águas*, conto narrado em terceira pessoa, revela as vivências da personagem Omi, sob as lentes do narrador que parece assistir a trajetória de dilemas da protagonista. O narrador, ao observar a personagem, revela o regressar no tempo, onde Omi encontra seus ancestrais. Mais uma vez, é possível perceber a presença de Oxum não como uma mãe biológica, mas no sentido apresentado por Akotirene.

*Arlinda* é um dos contos que trouxe muitos elementos da cultura africana, apresentando uma forte influência dos orixás guiando o cotidiano de Arlinda e de seus familiares. O deslocamento ao tempo pretérito remonta a uma memória sequer vivida pela personagem. Ao narrar eventos sobre o próprio pai, Arlinda flutua entre passado e presente e narra suas vivências trazendo com regularidade a presença dos orixás. No conto, percebe-se com frequência a menção a orixás como Oxum, Iansã, Iemanjá, Xangô, Ogum e Oxalá.

## 7 PARA ALÉM DOS TRAÇOS

Com o objetivo de aplicar esta pesquisa com estudantes da Educação Básica, mais especificamente com alunos do Ensino Fundamental, a prática pedagógica se desenvolveu com estudantes cursando o 8º ano, na disciplina de Língua Portuguesa, em uma escola localizada no município de Sapucaia do Sul-RS. Por este viés, o objetivo geral da tese é evidenciar que traços de memória estão presentes em contos da Literatura Afro-brasileira como forma de investigar a ancestralidade e a memória dos estudantes. Assim, a elaboração das atividades foi realizada em duas etapas.

Na primeira etapa, os alunos foram divididos em diferentes grupos, contendo entre quatro e cinco integrantes. A turma selecionada para a aplicabilidade da pesquisa deve-se ao fato de serem alunos da pesquisadora. Cabe mencionar que a pesquisa foi realizada no ano de 2024, com uma turma de 8º ano, que são respectivamente o 8º A, no turno da manhã.

A primeira etapa da atividade em sala de aula consistiu em verificar, por meio de uma conversa, quais tipos de leitura os estudantes, cursando o oitavo ano, vêm realizando. Através de um diálogo, foi realizado um levantamento sobre quais alunos possuem o hábito da leitura e o que geralmente leem, com intuito de verificar se autoras negras estão presentes no repertório de escritoras lidas pelos estudantes. Esse diálogo tem por finalidade obter um levantamento a respeito para conhecer quais eram suas preferências.

Por outro lado, também foi possível verificar se os estudantes possuem o hábito de ler contos da literatura brasileira. Após a conversa mapear essas informações, levantou-se alguns questionamentos sugeridos conforme a indagação a seguir:

- Questionou-se para as turmas sobre o que pensam sobre leis. Por que elas existem e qual sua importância? A partir das respostas, foi apresentada a Lei 10.639/03. Neste momento, os estudantes foram questionados se conheciam a lei. Em resposta à questão, os estudantes responderam que não conheciam.
- Em seguida, cada integrante do grupo recebeu uma cópia para realizar a leitura dos contos. Salientou-se a importância da releitura para melhor compreensão. Após a divisão dos grupos, entre 4 e 5 estudantes, os alunos realizaram a leitura dos contos analisados nessa tese: *Olhos d'água*, *Das águas e Arlinda*. Como haviam 6 grupos em cada turma de 8º ano, dois ou três grupos leram o mesmo conto.
- Ao término, os estudantes puderam conversar e analisar os textos. Sugeriu-se que, a partir das impressões iniciais, os alunos fizessem apontamentos em relação à leitura.

Este diálogo permitiu que os alunos pudessem compartilhar com o grupo as múltiplas interpretações e conclusões a que chegaram.

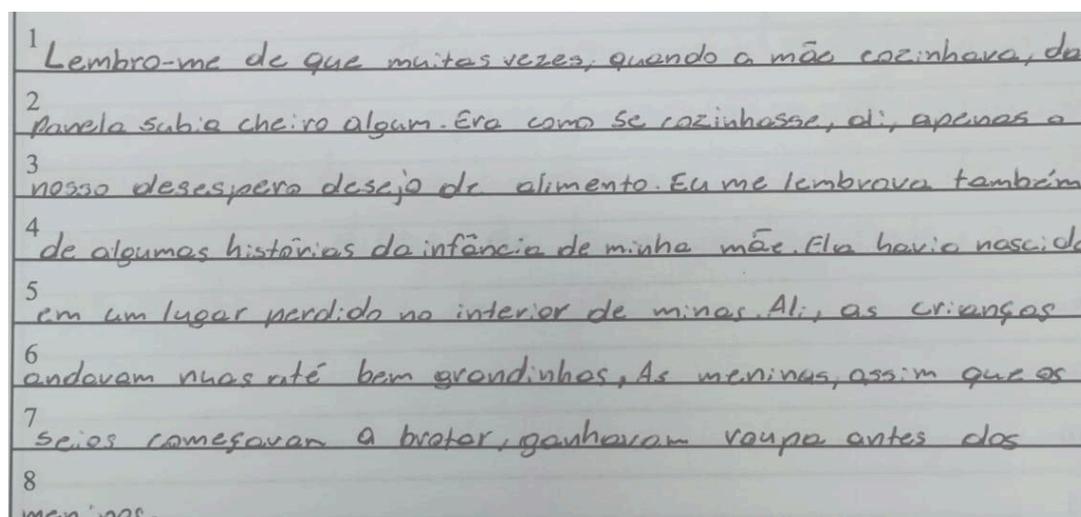
- Concluída a leitura dos contos, os estudantes realizaram a atividade proposta no APÊNDICE A, que consistia em responder às seguintes perguntas:

1. De acordo com o texto lido, que traços de memória estão presentes no conto? Justifique sua resposta apresentando trechos do conto.
2. Que elementos presentes no texto, o grupo considerou pertencer à memória e à ancestralidade? Justifique apresentando trechos do conto.

Ao término da atividade proposta no APÊNDICE A, os estudantes passaram para a tarefa seguinte, inserida no APÊNDICE B da tese. Nessa etapa, os alunos desenvolveram individualmente uma narrativa ficcional - um conto - a partir de suas memórias. De acordo com as atividades realizadas pelos estudantes, a seguir, serão apresentados quais traços de memória e ancestralidade foram destacados pelos alunos.

A análise abaixo refere-se ao conto *Olhos d'água*. Aqui, os estudantes cursando o 8º A, identificaram trechos da narrativa que remetem à memória. Os alunos destacaram o seguinte trecho. O grupo que analisou o conto *Olhos d'água* foi designado como Grupo A.

Imagem 1 - Grupo A



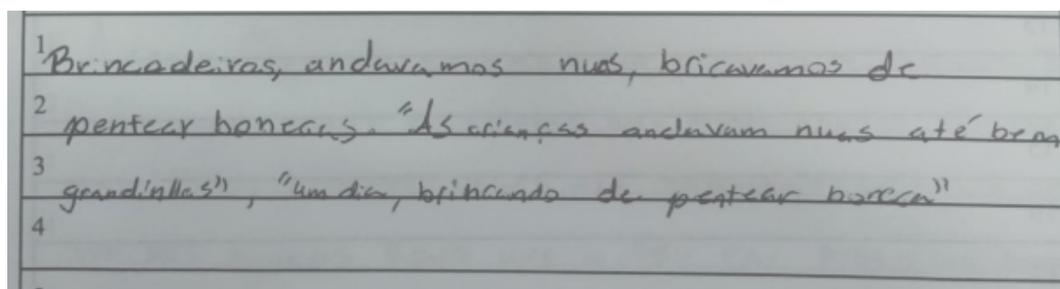
Fonte: Acervo da autora (2025).

O trecho em destaque refere-se às lembranças da infância da protagonista, momento da narrativa em que a personagem menciona os afazeres domésticos executados pela mãe. Por outro lado, os alunos também identificam que as memórias estavam presentes em um trecho onde a narradora menciona acontecimentos relacionados à infância da sua mãe. Aqui,

percebe-se a construção de uma memória coletiva e familiar, já que as histórias de sua mãe, conforme afirma a própria narradora, parecem misturar-se com as suas.

Ao analisar aspectos da ancestralidade, o Grupo A apontou o seguinte trecho.

Imagem 2 - Grupo A

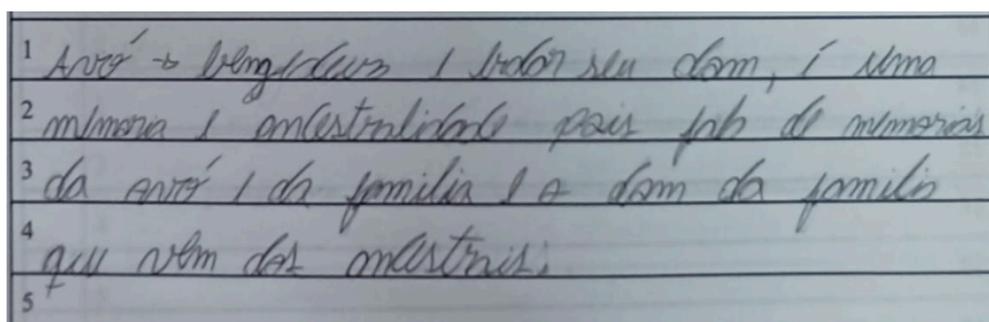


Fonte: Acervo da autora (2025).

Segundo a percepção do Grupo A, os estudantes trouxeram trechos da narrativa que revelam as brincadeiras como “pentear boneca”. Outro fragmento mostra o fato de que as “crianças andavam nuas até bem grandinhas”. Nas passagens apontadas, os alunos indicaram como pertencendo à memória e à ancestralidade, aspectos que atravessam gerações.

Já os estudantes do Grupo B, também cursando o 8º A, analisaram questões de memória no conto *Das águas*.

Imagem 3 - Grupo B

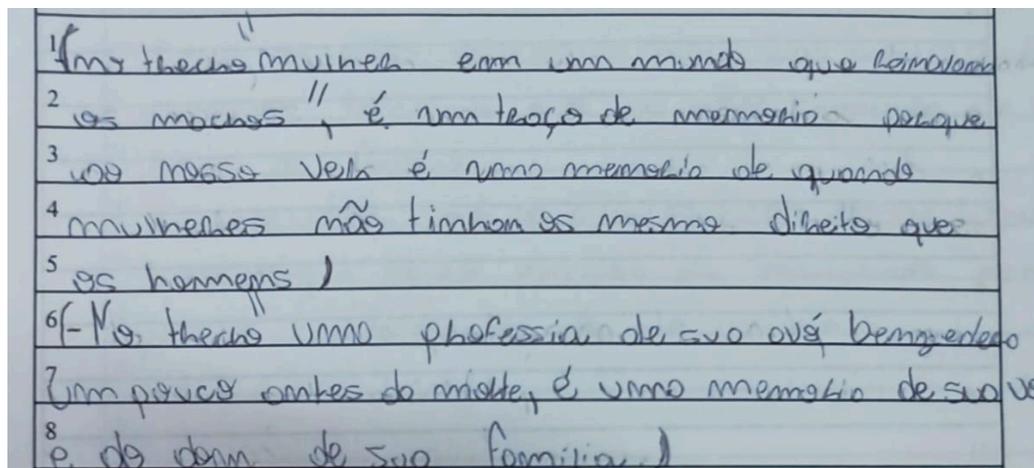


Fonte: Acervo da autora (2025).

Aqui, é possível verificar que os integrantes do Grupo B trouxeram uma análise a respeito do espaço/lugar ocupado pela mulher na sociedade. Para o grupo, na memória da personagem Omi, encontram-se traços relacionados aos direitos das mulheres. Ao destacarem o fragmento “mulher em um mundo que reinavam os machos”, os alunos visualizaram aspectos ligados às dificuldades relacionadas ao gênero, desconsiderando as discussões sobre racismo presentes no conto.

O Grupo B também apontou traços da ancestralidade no conto.

Imagem 4 - Grupo B

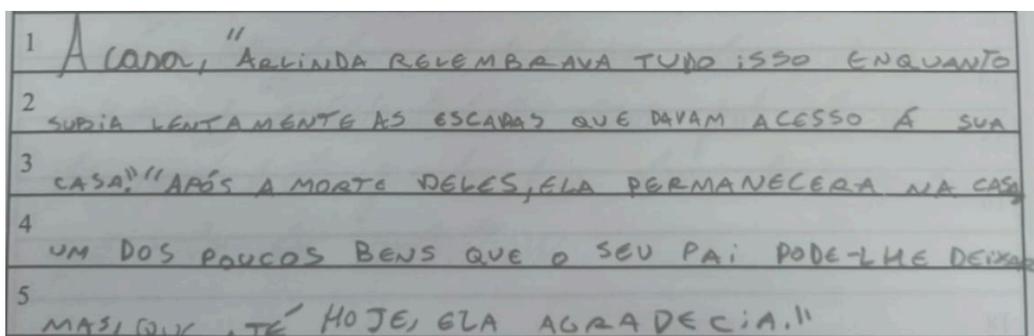


Fonte: Acervo da autora (2025).

Interessante observar que o Grupo B referiu-se à ancestralidade através da avó da personagem Omi, bem como as profecias anunciadas por ela. Esses aspectos demonstram que a ancestralidade africana presente no conto vem tanto da sabedoria da avó como na transmissão de uma memória ancestral através do dom de cura herdado por Omi.

O terceiro grupo do 8ºA analisou a memória presente no conto *Arlinda*. Os traços indicam um olhar para as histórias contadas pela narradora, oferecendo uma possibilidade de considerar que a memória está presente em questões relacionadas à comunidade em que vive. Logo abaixo, o grupo foi identificado como sendo o Grupo C.

Imagem 5 - Grupo C

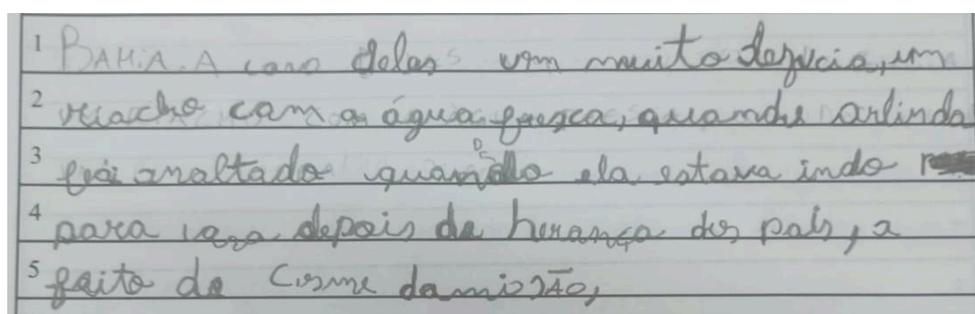


Fonte: Acervo da autora (2025).

Aqui, os estudantes sinalizaram o espaço em que a narradora apresenta os acontecimentos. Logo, é possível verificar que a Bahia foi mencionada pelos alunos como sendo o lugar ao qual a personagem Arlinda possui um vínculo através das memórias que aquele local armazena.

A seguir, o Grupo C observou que a ancestralidade está presente na herança material adquirida por Arlinda. O grupo destacou o trecho onde o narrador toma a palavra e informa, através de suas lentes, detalhes sobre o espaço em que os eventos ocorreram.

Imagem 6 - Grupo C



Fonte: Acervo da autora (2025).

O Grupo C não mencionou aspectos ligados à religião de matriz africana, tão pouco considerou a presença dos orixás como parte da narrativa, que aparecem como guias, auxiliando a vida das personagens, principalmente, da própria narradora, Arlinda.

### 7.1 Entrecruzando ancestralidade e memória

Com a finalidade de traçar uma comparação entre os contos analisados na tese e as produções textuais dos estudantes, faz-se um estudo comparativo para verificar quais são os traços de memória e de ancestralidade presentes nas escritas dos estudantes. Cabe mencionar que a oficina foi realizada com a mesma turma, 8A.

Com o intuito de preservar a identidade dos estudantes, os alunos criaram, durante a oficina de contos, um pseudônimo.

O estudante empregando um pseudônimo de Augusten S. Salen escreveu uma narrativa sobre Paulina Salim, uma imigrante que veio da Alemanha para o Brasil, no Rio Grande do Sul, em 1885, com apenas quatro anos de idade. A produção textual do estudante não necessariamente se enquadra nas características de um conto, entretanto, corresponde à

proposta de desenvolver uma narrativa enfocando aspectos relacionados à memória e à ancestralidade. O título do texto é *Guten Morgen*.

No segundo parágrafo, o estudante situa os trabalhos realizados pela família de Paulina e as dificuldades em obter um registro como certidão de nascimento. Paulina foi registrada quando completou dezoito anos, pouco antes de casar e “por isso o erro na grafia do nome, talvez até sua idade e data de nascimento estivessem errados”. “Na verdade seu nome original era Paulina Salen”.

As informações a respeito de Paulina são situadas no terceiro parágrafo, quando o autor apresenta o casamento de Paulina, do qual gerou sete filhos homens. Paulina “trabalhava ainda na roça, cuidava da casa, dos filhos, mas assim, conseguia tempo para alfabetizar os filhos dos colonos”.

Aspectos da memória e da ancestralidade foram identificados no último parágrafo da narrativa. O estudante revela que Paulina presenciou a 1ª e 2ª Guerra, mesmo estando distante do seu país. “Embora estivesse à milhares de quilômetros do Fronte sentia na pele os horrores das Guerras impostos pelos governantes brasileiros. Imigrante europeu eram deportado<sup>31</sup>. Paulina passou muito tempo escondida em um celeiro para não ser entregue aos Alemães”. Para finalizar a narrativa, Paulina morreu aos noventa e seis anos “e ainda escutamos sua voz em nossas mentes com aquele sotaque Alemão em seu ‘Bom dia’ - Guten Morgen”.

Outra narrativa analisada é de autoria do pseudônimo SR. Lopes. Intitulado *O baú das lembranças*, é possível observar a referência a objetos que são transmissores da memória familiar. A narrativa conta a história de uma senhora, já idosa, que possui um baú cheio de lembranças. “Na aldeia de São Cristovão, Dona Amélia, uma senhora idosa de cabelo alvoroçados, tinha um baú cheio de lembranças”.

O enredo traz como tema, a preservação desses objetos com o objetivo de transmitir às gerações futuras, as histórias da família. “Dentro do baú, um lenço de seda da mãe de Amélia, um relógio de bolso do avô, fotografias antigas e cartas que contavam histórias de amor, infância e família”. No decorrer da narrativa, escrita em apenas um parágrafo, SR. Lopes menciona a personagem Ana, uma jovem que ouve as histórias de Dona Amélia e se encarrega de reservar um diário para que Dona Amélia registre suas lembranças destinadas aos seus netos.

Já o terceiro conto é do pseudônimo de Carol Santos. A narrativa é em primeira pessoa e não possui título. Verifica-se que a abordagem utilizada é descrever as memórias da infância da narradora. Ao relatar as dificuldades por ter uma família extensa - quatro irmãs e um irmão

---

<sup>31</sup>Optou-se por transcrever os textos originais, sem correções de ortografia e concordância.

- a personagem Gabi recorre às lembranças de seu avô. “Meu vô ele ficava em uma casa de madeira nos fundos do meu patio” [...] “eu amava conversa com ele, pois ele era meu melhor amigo ele me chamava de Babi por que ele não conseguia falar Gabi ele era gentil. No decorrer na narrativa, percebe-se os conflitos existentes na família, já que a narradora aborda o intenso conflito com seus pais.

O conto foi desenvolvido em apenas um parágrafo, no qual a narradora explora, no desfecho, a separação do avô. “Hoje ele não esta mais entre nós pois ele faleceu foi uma perda horrível, na minha infância [...]”. No conto, é possível verificar que as memórias da narradora estão voltadas para a infância, mais especificamente, para os momentos que compartilhou em presença do avô. Já agora, a forma de presentificá-lo é apenas através da memória.

Outro conto sem título foi escrito pelo pseudônimo de Maurício da Costa Silveira. Interessante mencionar que se trata de uma narrativa estruturada em dois parágrafos, nos quais o leitor depara-se com um personagem que vive de lembranças. “Eu me lembro até hoje quando minha vida não tinha preocupações, e tenho memórias que confortam”. No trecho, o narrador demonstra certa insatisfação com o presente, já que, no momento, parece não ser oportuno a construção de novas memórias. Para ele, as lembranças são eventos que ocorreram no tempo passado. “Me lembro quando íamos pescar em família, e usávamos varas de pesca improvisadas, pegávamos diversos peixes, grandes” [...].

O narrador em primeira pessoa menciona também possuir muitas memórias, revelando a impossibilidade de tê-las novamente. “Tenho memórias demais, ah, as memórias, não vou ter elas para mim aqui denovo, mas, nunca esquecerei das memórias”. O narrador parece fixá-las num passado distante. “Ah... As memórias, hoje em dia tenho responsabilidades, queria voltar a esses momentos, e ser criança denovo”.

Nota-se que esse conto demonstra a saudade pela infância, livre de compromissos e responsabilidades, situação diferente da qual vive no momento presente. É possível verificar também que, para o narrador, as memórias são aqueles acontecimentos vividos no passado. Não sendo possível vivê-los novamente, o narrador lamenta não poder retornar àquele tempo.

Já o autor do conto intitulado *O menino caipira*, de Renato Valadar - seu pseudônimo, narra em terceira pessoa a vida de um garoto caipira e sua rotina de trabalhos. Porém, em um determinado momento, há uma reviravolta na narrativa. De garoto que “cuidava dos animais pro pai, amava o jeito que a natureza se comportava as aves no céu o barulho dos animais, os rios brincava com amigos”, [...] “era simples, usava roupas rasgadas não usava chinelo, ficava conectado com a terra quando não usava os chinelos sentia o solo a textura da grama ele

amava ser assim, mais ele foi crescendo e queria ir mais pra cidade não gostava tanto do campo”. Nessa passagem, evidencia-se o contato do personagem com a natureza e com a família.

Diante de uma nova oportunidade de trabalho, a narrativa desloca-se para outro espaço, situando uma nova vida do garoto, “onde viveu mais alguns anos na cidade grande”. Certo dia, ao chegar em casa após um dia de trabalho, “deitou na cama e sentiu falta da comida da sua mãe e da companhia dela e de seu pai, deitou na cama e pensou nele correndo nos campo”. Aqui, as lembranças do personagem começam a manifestar-se e remontam ao tempo de infância. Lembrou-se dele “brincando nas águas dos rios e brincando com seus amigos no mato e na roça, pensou em todos os momentos que estava feliz, lembrou da sua casa com uma árvore gigante na frente da casa onde tinha um balanço pendurado”.

Nota-se no último parágrafo, o personagem não conseguia parar de pensar em sua infância, momento em que se volta aos pais ao relatar que “sua mãe morava sozinha na casa por quê seu pai já havia morrido a alguns anos sua mãe cuidava dos animais sozinha”. Percebe-se que a narrativa mostra uma geração familiar curta, já que o personagem desconhece fatos sobre sua ancestralidade. Entretanto, as memórias familiares, principalmente àquelas da infância, se manifestam no tempo presente.

Um dos contos que mais chamou a atenção para a questão da memória foi a narrativa intitulada *A rosa*. Como a estudante não identificou seu pseudônimo, optei por não revelar sua identidade. O conto traz como narradora-personagem uma rosa. Já em seu primeiro parágrafo, podemos visualizar a poesia contida na narrativa. “[...] desde que nasci, vi varias coisas com o tempo, eu nasci com todos os meus irmãos ao meu lado, todos eram perfeitos que nem eu também”.

No decorrer do conto, a narradora-personagem se denomina uma observadora, já que sente a liberdade, o suave ar e ouvi os sons à sua volta. Entretanto, a narradora sente-se feliz ao saber que seus irmãos para “alegrar as outras”. “Varias pessoas usavam coisas pontudas para contar eles, eu ficava muito triste vendo os meus irmãos sendo levados”. Nesse momento, a narradora percebe-se triste e sente-se abandonada pela família e perguntava a si mesma quando também partiria daquele lugar e seria levada para enfeitar algum lugar. “Um dia, um homem todo irrugado me levou, no começo, eu fiquei com bastante medo, mas o passeio foi divertido. Eu nunca vi um lugar daqueles antes, um lugar com varias pedras de pé com letras e numeros nelas, as pedras também estavam com flores, brinquedos e velas. O homem me botou num vaso com água na frente de uma pedra, a pedra também estava com

letras e numeros. ‘Jully, 1983-1995’. Eu não sabia o quera mais a pedra estáva bem decorada (...)”.

No que se refere à memória, implicitamente o conto traz uma metáfora sobre a morte e ausência. As letras e números, sabe-se que é uma representação de um túmulo, onde estava inscrito a data de nascimento e morte de Jully. O conto não apresenta qual é a relação de parentesco entre a personagem Jully e o senhor. Aqui, observa-se que a memória é a presença da ausência.

Por fim, a análise a seguir apresenta um ponto de vista sobre a ancestralidade. Trata-se de uma narrativa intitulada *Um grande sonho de uma sonhadora*, cujo pseudônimo é Cristal Irys. Interessante observar que o conto aborda aspectos relacionados ao sonho de infância de uma menina. A personagem, quando criança, sonhava em ser professora de matemática. “Ao passar dos anos esse desejo ainda continuou em seu coração, mas seus familiares começaram a duvidar do seu potencial, começaram a lançar palavras negativas, falando que ela não era capaz de realizar o sonho dela”. Na vida adulta, a personagem já não sonhava mais em ser professora. Interessante mencionar que a narradora não deixa de mencionar a relevância da ancestralidade na vida da personagem. “Ela desde muito pequena sonhava em ser professora, mas ela tinha uma ancestralidade, e sim, se inspirava na própria professora”. “Mas seu sonho foi apagado por conta dos seus comentários negativos, ela só pensava ‘se nem minha família me apoia, quem irá me apoiar?’.

Nesse conto, vemos que a personagem não conseguiu realizar seu sonho devido à falta de incentivo da família e por não ter uma ancestralidade para guiar e instruir sua própria vida. No contos *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo; *Das águas* (2017), de Cristiane Sobral; e *Arlinda* (2017), de Fátima Trinchão, lidos em sala de aula, ficou evidente para os estudantes as marcas da memória e da ancestralidade. Como nos contos analisados com estes estudantes, as personagens são guiadas por uma ancestralidade, percebe-se que os alunos identificaram essa falta de ancestralidade de suas próprias vidas, já que muitas das histórias, traziam apenas lembranças da infância, sem mencionar uma geração mais distante que a de seus próprios pais e avós.

No conto *Um grande sonho de uma sonhadora*, atribui-se a frustração da menina que sonhava em ser professora, à ausência de uma ancestralidade e do desinteresse da família. Os estudantes perceberam que as personagens dos contos analisados em sala de aula, estão conectadas com sua memória familiar e com sua ancestralidade, apontando o quanto isso significa de estímulo e inspiração no tempo presente. Na ausência desses saberes, não há o que recordar, já que a memória familiar é uma construção coletiva e compartilhada entre as

famílias. A ancestralidade mostrou-se ausente na maioria dos contos, já que percebe-se uma família construída por laços sanguíneos de curta duração. Já a ancestralidade é vista como uma ruptura ou inexistente nos contos escritos pelos estudantes. Embora ausente, pode-se perceber que os estudantes compreenderam sua relevância.

O estudo propiciou apresentar quais traços da memória e da ancestralidade estão presentes em contos da literatura afro-brasileira e nas produções literárias de alunos cursando o 8º ano do ensino fundamental no ano de 2024.

Os contos afro-brasileiros aqui analisados são narrativas que apresentam a memória como fio condutor do enredo. Em *Olhos d'água*, pode-se verificar que as lembranças da narradora situam-se nas histórias da infância. Essas histórias habitam o imaginário da protagonista até o momento presente, deslocando os fatos pretéritos para o tempo atual. Nas análises dos alunos, foi possível observar essa percepção, já que muitos associaram lembrança à sua própria história, constituindo memórias de vida. Já no que diz respeito à ancestralidade, foi localizada nas respostas dos estudantes, as referências às brincadeiras entre a mãe e suas filhas, sem mencionar o trecho que apresenta expressões como “Senhora” e “Rainha” como uma relação à ancestralidade da protagonista.

Já em *Das águas*, os estudantes ao analisarem aspectos da memória, extraíram o trecho em que narrador aborda questões relacionadas à estrutura patriarcal, destacando a desigualdade existente entre homens e mulheres. Ao traçarem essa comparação, o grupo desconsiderou que o racismo é também uma estrutura que privilegia indivíduos brancos, sejam homens ou mulheres. Não foi extraída nenhuma passagem do conto que fizesse referência à memória familiar da personagem Omi. Ao destacarem a ancestralidade, o fragmento selecionado trouxe a avó de Omi como referência ancestral, o que indica a percepção dos estudantes a localizarem no conto, traços da ancestralidade.

O grupo que analisou o conto *Arlinda* situou a comunidade, o espaço, onde a personagem morava, ressaltando características que remontam ao tempo pretérito. No passado, o lugar foi descrito por Arlinda como tranquilo, com riacho e água fresca. No que se refere à ancestralidade, foi descrita a herança material de Arlinda, citando a casa que ficara para ela após a morte dos pais. Não houve menção aos orixás, somente a festa que acontecia no bairro em homenagem a Cosme Damião.

Foi possível verificar que os contos influenciaram em certa medida na composição dos estudantes, já que, em muitas narrativas, as memórias referem-se ao período da infância. O estudante com o pseudônimo de Augusten S. Salen escreveu um conto que mais se aproximou

da temática proposta, por ter conhecimento sobre a ancestralidade, já que, em seus escritos, é possível ouvir a voz de Paulina, que pode ser vista como ecos de uma ancestralidade.

Nos escritos do pseudônimo SR. Lopes, as memórias se materializam em forma em objetos pessoais, fotografias e cartas, além de histórias de amor contadas por Dona Amélia. Há de se considerar que a memória aqui é transmitida por meio dos objetos como lenço de seda e um relógio do avô. Por outro lado, é possível analisar esse conto pela ótica da ancestralidade já que, no decorrer das gerações, essas memórias serão transmitidas, permitindo que os membros da família tenham conhecimento sobre seu passado e sua história.

Enquanto os contos afro-brasileiros aqui analisados apresentam a relação da maternidade, em um sentido amplo, não apenas como mãe biológica, o conto sem título do pseudônimo Carol Santos ganhou um destaque por apresentar uma figura masculina - seu avô, como guardião da memória. É nele que a personagem Gabi concentra suas memórias e costura uma narrativa de modo a presentificá-lo, já que, com o falecimento do avô, Gabi sente-se sem referências familiares e ancestrais.

O pseudônimo de Maurício da Costa Silveira também abordou aspectos relacionados à infância ao apresentar em sua narrativa as brincadeiras em família. Nesse conto, é possível verificar uma memória fixada no passado, visto que, no momento presente, a personagem não nominada parece preocupar-se com as responsabilidades do presente, não havendo espaço para viver momentos alegres. Essa memória fixada é atribuída a eventos vividos em família, e, mesmo que o narrador-personagem traga essas lembranças para o presente, é possível verificar que as memórias habitam somente o passado.

A atividade proporcionou aos estudantes leituras de contos da literatura afro-brasileira e a participação de alunos que se sentiram representados nas vivências das personagens, já que as narrativas trouxeram elementos da cultura afro-brasileira, entre eles, as experiências religiosas. Após o término das tarefas de leitura e produção textual, um estudante declarou pertencer à religião do Candomblé, momento em que revelou algumas experiências vividas em seu terreiro. Assim, o trabalho com a turma oportunizou que estudantes também escutassem outras narrativas. Neste momento, um aluno verbalizou experiências ligadas à intolerância religiosa.

## 8 CONTORNOS FINAIS

O verbete *traço* percorreu a pesquisa com o intuito de identificar as marcas da memória e da ancestralidade nos contos afro-brasileiros. Relacionando a palavra com o provérbio “Quando não souberes para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vens” foi possível identificar que o movimento de olhar para trás sugere a busca pela memória e pela ancestralidade. E é por meio dos rastros ou vestígios que se torna possível esse movimento. Outro entrelaçamento possível apresentou o *Sankofa* como forma de voltar para trás e buscar o que esqueceu.

Por essas razões, os *Contornos finais*, vêm abarcar as conclusões possíveis desta tese ao interligar a palavra *traço*, o provérbio africano e o movimento *Sankofa*, como um exercício realizado pelas protagonistas, já que, a partir dos traços, foi possível identificar o trabalho de memória nos contos à procura de uma referência ancestral, como exposto em *Primeiros traços a esboçar uma pesquisa*.

A literatura das escritoras estabelece uma relação com a memória e com a ancestralidade, possibilitando que seja viável revisitar o passado através de rastros memoriais que marcam a identidade afro-brasileira. Há de se considerar que a literatura dessas autoras oportunizaram o estudo da memória e da ancestralidade, mas também de aspectos que ultrapassam as marcas que caracterizam a Literatura Afro-brasileira e adentram em saberes africanos, entre eles, é possível destacar a simbologia da orixá Oxum.

No que se refere às epistemologias africanas, o conto *Olhos d'água*, apresenta a expressividade do papel de Oxum, deslocando-a do conceito de termos que remetem à ideia da maternidade no sentido biológico. Nos estudos apresentados, Oxum desempenha um papel primordial que transcende essa ideia. Cabe ressaltar que a referência à Oxum está presente nos três contos analisados, o que sugere a extensão da mãe ancestral por ser uma orixá adorada em África. Oxum é, portanto, a representação da ancestralidade nos contos e se configura como uma epistemologia ligada às questões espirituais e religiosas.

Sendo a primeira *Ìyámi*, Oxum é uma fertilidade simbólica, cuja capacidade é gerar vidas, histórias e memórias, logo, é evidenciado que se trata da existência ou da busca pela ancestralidade das personagens. Em *Olhos d'água*, Oxum é a conexão entre mãe e filha. Mas a mãe é a ancestralidade. É importante salientar que os três contos analisados apresentam uma amostragem que evidenciou a ancestralidade como fator preponderante das narrativas, mencionando múltiplos sentidos à orixá. Em *Das águas*, é Oxum quem abre os caminhos para a personagem Omi encontra-se com a sua ancestralidade. Devido ao caos do presente que a

levam a enfrentar os dilemas do racismo e ao distanciamento das raízes ancestrais, Omi é uma identidade fragmentada. Oxum opera como um religare com a ancestralidade.

*Das águas*, pode ser lido em dois contextos: o primeiro, apresenta episódios de racismos e preconceitos com relação à personagem Omi. É interesse destacar que o vocabulário empregado neste enquadramento auxilia na construção de um cenário repleto de hostilidades e não faz menção à ancestralidade, a Oxum ou emprega aspectos relacionados à memória, apenas há uma lembrança relacionada à profecia da avó. Extraíndo do conto palavras como *hiperbólica*, *opulenta*, *macaca*, *bombril*, *nega maluca* e *filha senzala*, sintetizam as práticas racistas e preenchem a narrativa com as impressões de Omi ao ser julgada pelas lentes de uma sociedade racista. É importante especificar que o narrador anuncia que a protagonista vive um conflito com os espelhos, o que sugere uma imagem caleidoscópica de Omi.

O segundo contexto abarca uma reviravolta na narrativa, onde entram questões sobre o antepassado de Omi. Interessante observar que os dilemas são amenizados na narrativa, buscando fortalecer os laços entre Omi e a ancestralidade. Novamente é Oxum quem ganha destaque na narrativa, por reconstruir a identidade fragmentada de Omi e conectá-la ao seu passado ancestral. Assim, a ancestralidade é primordial para a reconstrução identitária da personagem. Oxum recupera também a beleza de Omi. Os espelhos negros de Oxum refletem uma imagem positiva de Omi, diferentemente dos espelhos que enxergavam-a a partir de uma visão racista.

Uma analogia do provérbio “Quando não souberes para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vens” e ao mesmo tempo com o movimento *Sankofa*, um dos contos mais expressivos para o exercício de “olhar para trás” e buscar o que ficou perdido ou esquecido, é o conto *Das águas*, por ser Omi, a personagem que mais evidenciou apresentar conflitos no tempo presente. Assim, o movimento de “olhar para trás”, sugere que a personagem precisava reconectar-se à sua ancestralidade para revigorar-se no presente.

*Arlinda* é um dos contos em que a ancestralidade é predominante, já que a narrativa indica a relevância de outros orixás, não ressaltando apenas Oxum, como observado em *Olhos d'água* e *Das águas*. É relevante destacar a presença de outros orixás na construção da narrativa. Ogum, Oxalá, Iansã, Iemanjá e Xangô abarcam uma ancestralidade que demonstra a geração familiar de Arlinda. Embora seja possível identificar que a personagem não menciona a continuação de sua família por meio de filhos e netos - o que poderia ser visto como uma continuação dos laços sanguíneos e, conseqüentemente, da ancestralidade, a narrativa aborda apenas o passado ancestral. Ou seja, detém-se ao tempo passado da família de Arlinda,

mencionando os laços sanguíneos de seus pais, avós e bisavós. Destaca-se, portanto, a presença de uma memória geracional.

No que diz respeito à memória, é possível verificar que o conto *Arlinda* apresenta uma estrutura de um único parágrafo, sugerindo que a narrativa é um diálogo entre a personagem e um indivíduo que a acompanha durante o trajeto - subir cento e cinquenta degraus. Oscilando entre um narrador e outro, a narrativa se passa no presente, entretanto, sua memória é reconstrutiva, pois inicia-se no momento presente e desloca-se para um passado mais distante até atingir sua recuperação.

Ao relacionar o trabalho de memória da personagem *Arlinda* com o provérbio contido no título da tese e com o movimento *Sankofa*, foi a partir dos traços memoriais que a personagem revisitou acontecimentos passados. “Quando não souberes para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde vens”, *Arlinda* cumpre sua função de falar sobre e entender sobre a pertinência da ancestralidade em sua vida. *Arlinda* conhece seus antepassados e, ao realizar o movimento de “olhar para trás” sugerindo tanto no provérbio quanto no *Sankofa*, *Arlinda* voltou para trás para narrar, logo, transmitir.

Já na atividade de escrita dos estudantes do ensino fundamental, cursando o 8º ano, em 2024, as produções literárias apresentaram como elemento estruturador preponderante a memória familiar, através de histórias que revelam a infância dos personagens. Cabe enfatizar que foram sete contos selecionados e analisados com o objetivo de verificar quais apresentaram traços da memória e da ancestralidade. Entre a seleção, constatou-se que três contos foram escritos em primeira pessoa. Já os outros quatro, apresentaram-se com narrador em terceira pessoa.

Algumas hipóteses são levantadas para examinar o processo de escrita. Percebe-se que os estudantes, em certa medida, sentiram-se influenciados pela memória a partir dos contos da literatura afro-brasileira lidos e analisados em aula, pois em todos os contos escritos pelos estudantes, a memória era o fio condutor da narrativa, apresentando fatos que, em certa medida, remetiam à infância e às histórias de família. Apenas o conto intitulado *Um grande sonho de uma sonhadora* apresentou aspectos da ancestralidade, ou seja, da falta de uma ancestralidade para se amparar e guiar a vida da personagem que desejava ser professora. Devido à negligência e falta de apoio da família, a personagem não realizou seu sonho. Comparando-o com o conto *Das águas*, *Omi* é amparada pela ancestralidade a realizar a profecia da avó. Outra possibilidade de os contos terem referência à infância é por se tratar de escritas produzidas por adolescentes entre treze e catorze anos. Embora estejam na

adolescência, muitos estudantes ainda demonstram uma forte lembrança com as memórias do tempo da infância.

Dessa forma, os contos afro-brasileiros aqui estudados também foram impulsionadores de memórias de estudantes do 8º ano. Mais que cumprir o que preconiza a lei 10.639/03, foi propiciado em sala de aula, além do conhecimento da cultura afro-brasileira, a realização de reflexões sobre a ancestralidade dos estudantes da educação básica. E mais que isso, um estudo no campo da memória social propiciou tanto a leitura de contos afros quanto a escrita ficcional de memórias verossímeis. Em um belo ato de criação, as aulas de Língua Portuguesa tornaram-se enriquecedoras com momentos de cultura da turma.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. Osun é fundamento epistemológico: um diálogo com Oyèronké Oyèwúmi. **Carta Capital**, São Paulo, 21 out. 2019. Disponível em ><https://www.cartacapital.com.br/opiniaosun-e-fundamento-epistemologico-um-dialogo-com-oyeronke-oyewumi/>>. Acesso em: 24 mar. 2025.
- ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência. *Revista da ABPN*, v. 1, n. 2, p. 15-19, 2009. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/28>>. Acesso em: 11 mar. 2025.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. (229-236), janeiro, 2000.
- AMARO, Vagner (org.). **Olhos de azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira - contos e crônicas**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ANDRADE, Denise Bock de. **Narrativas autobiográficas da mulher negra Jurema Batista: Representações Identitárias e Pedagogias Culturais**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA): Canoas, 2020. Disponível em: <<https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM283.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2022.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- BATISTA, Jurema; RIBEIRO, Miria. **Sem passar pela vida em branco: memórias de uma guerreira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre, 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 09 de jan. 2003.
- \_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. 2004. Disponível em: <<https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2020/12/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2023.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2021.
- CERQUEIRA, Janice Souza. **Da literatura afro-brasileira à afrofeminina de Conceição Evaristo**. Mestrado em Estudos Literários. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de

Feira de Santana. 2017.

CHAGAS, Wagner Santos; ROSA, Lúcia Regina Lucas. Rastros memoriais da diáspora afro-atlântica no conto “das águas” de Cristiane Sobral. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL SOCIOLOGY OF LAW**, 6., 2021, Canoas, Rio Grande do Sul. Anais [...]. Canoas, Rio Grande do Sul: Editora Unilasalle, 2021. p. 219-236. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/2993>. Acesso em: 13 Jun. 2023.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

DA ROCHA, Aline Matos. Oyèrónké Oyèwùmí: em defesa do oxunismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 17, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1659>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DAIBERT, Robert. A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. In. **Estudos Históricos**. v. 28, n. 55, jan/jun. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/hgxBJQTRjZLHVHcF7Jpf4bw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2023. p. 7-25.

DEPESTRE, René. Bom dia e adeus à negritude. Trad. de Maria Nazareth Fonseca e Ivan Cupertino. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/depestre.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2023.

DOURADO, Flávia. Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro. In: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, publicado: 23/05/2013, às 11h45min; última modificação:12/02/2016, às 10h49min. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural>>. Acesso em: 16 set. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>>. Acesso em: 08 de set. 2024.

\_\_\_\_\_. Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4, História, teoria, polêmica.

EBC. Momento Literário: Fátima Trinchão é a autora em destaque desta semana. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/antena-mec/2022/05/fatima-trinchao-e-autora-em-destaque-no-momento-literario-desta-semana>>.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Conceição Evaristo. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Cristiane Sobral. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa501749/cristiane-sobral>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

Estudo do IBGE mostra o tamanho do desafio do Brasil para superar a desigualdade racial. **Jornal Nacional**, 11 novembro de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/11/11/estudo-do-ibge-mostra-o-tamanho-do-desafio-do-brasil-para-superar-a-desigualdade-racial.ghtml>> Acesso em: 26 set 2024.

EVARISTO, Conceição. Dados biográficos. **Literafro**. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

\_\_\_\_\_. Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina, 2020. p. 26-46.

\_\_\_\_\_. Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

\_\_\_\_\_. Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Universidade Federal Fluminense – UFF, (s/d).

FERREIRA, Monique Valgas. **Carolina Maria de Jesus e Ryane Leão: das memórias às escritas de si**. Mestrado em Memória Social e Bens Culturais. Instituição de ensino: Universidade La Salle. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina, 2020a. p. 58-73.

Frente Negra Brasileira. **Ipeafro**. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>> Acesso em: 12 set. 2024.

**GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra**. Mulher negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2025.

GONÇALVES, Maria Julieta Dias. **Tornar-se negro em Olhos de Azeviche**. Mestrado Acadêmico em Letras. Instituição de ensino: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. 2021.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONÇALVES, Gabriela da Costa. 16 anos da Lei 10639/2003. In. **Fundação Cultural Palmares**, publicado: 10/01/2019. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/?p=52947>>. Acesso em: 05 dez. 2022.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEMERLY, Giovanna. Oxum e o poder do feminino do Candomblé. In: *Ciência e Cultura - Agência de notícias em C&T*. Disponível em: <<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/quem-e-oxum-o-poder-do-feminino-no-candomble/>>. Acesso em: 26 fev. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salle. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banca de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever.... **Educação, Sociedade e Culturas**. Porto Alegre, nº 25, p. 235-245, 2007.

LOPES, Nei. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

MARTINS, Leda, Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2016.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio out/2012, p. 62-73.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Jurema. **Ancestralidade e narratologias**. Curitiba. Appris, 2022.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Africanidades na educação. In: **Educação em debate**, Ano 25, V 2, N.º 46, 2003. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15179/3/2003\\_art\\_edoliveira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15179/3/2003_art_edoliveira.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da Ancestralidade**. Disponível em: < [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo\\_oliveira\\_-\\_epistemologia\\_da\\_ancestralidade.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2025.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Tese. Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira,

Universidade Federal do Ceará (UFC): Fortaleza, 2005. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005\\_tese\\_edoliveira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2025.

\_\_\_\_\_. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Vol. 18 N°18, p. 28-47, out/2012.

OYĚWÙMÍ, Oyèronké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PALMEIRA, Francineide Santos Representações de mulheres negras sob a ótica feminina nos *Cadernos Negros*. **Revista da ABPN**, Guarulhos, V. 1, n. 3 - nov. 2010a - fev. 2011, p. 191-209.

PALMEIRA, Francineide Santos. Escritoras Negras e Representações de Insurgências. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 2010b. Disponível em: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278265153\\_ARQUIVO\\_FrancineidePalmeiraFG9.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278265153_ARQUIVO_FrancineidePalmeiraFG9.pdf)> Acesso em: 19 jun. 2023.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **OIÁ BETHÂNIA: amálgama de mitos**: Uma análise sócio-antropológica da trajetória artística de Maria Bethânia sob a influência de elementos míticos do orixá Oiá-Iansã. Monografia em Comunicação. Instituição de ensino: Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2004.

\_\_\_\_\_, Marlon Marcos Vieira. OYÁ-BETHÂNIA: os mitos de um orixá nos ritos de uma estrela. Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos. Instituição de ensino: Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2008.

PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social**: um estudo comparativo. Tradução: Fábio Duarte Joly. São Paulo: Edusp, 2008.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Memória, a flecha que rasura o tempo: Reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. **Problemata**: R. Intern. Fil. V. 10, n. 2, p. 147-166, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49127>>. Acesso em: 26 out. 2022.

PEREIRA, Lúcia Regina Brito (Coord.). **Rio Grande do Sul**: africanidades sul-rio-grandenses. GOMES, Arilson dos Santos; PARÉ, Marilene Leal; REIS, Osvaldo Ferreira dos. Porto Alegre: Grafset, 2012.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. **Perspectivas femininas afro-brasileiras me Cadernos Negros (contos)**: Conceição Evaristo, Esmeraldo Ribeiro e Miriam Alves. Doutorado em História da Literatura. Instituição de ensino: Universidade Federal do Rio Grande. 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15 Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)> Acesso em: 15 set. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PRANDI, Reginaldo e VALLADO, Armando. **Xangô, o rei de Oiô**. Disponível em: [https://reginaldoprandi.ffeilch.usp.br/sites/reginaldoprandi.ffeilch.usp.br/files/inline-files/Xango\\_rei\\_de\\_Oio.pdf](https://reginaldoprandi.ffeilch.usp.br/sites/reginaldoprandi.ffeilch.usp.br/files/inline-files/Xango_rei_de_Oio.pdf). Acesso em: 19 mar. 2025.

\_\_\_\_\_, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Pólen, 2019.

\_\_\_\_\_. Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Alma Africana No Brasil – os iorubás**. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Linguagens**. Porto Alegre: SEE, 2018.

SANTANA, Bianca. **Espelhos das iabás: A literatura de Conceição Evaristo como defesa e processo de autorreconhecimento da mulher negra Geledés**, 05 mai. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/espelho-das-iabas/>. Acesso em: 07 mar. 2025.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Entrevista Conceição Evaristo. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”**. In: Itáú Social. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal, o que são as religiões afro-brasileiras? In: FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para professores fazeres para os alunos**. Belo Horizonte: Fino Traço. 2012. p. 11-21.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SCHWARCZ, Lilia. GOMES, Flávio. (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Vozes literárias de escritoras negras baianas: identidades, escrita, cuidado e memórias de si em cena**. Doutorado em Letras. Instituição de ensino: Universidade Federal da Bahia (UFBA). 2013.

SILVA, Renato Araújo da. Era uma vez a lembrança de uma árvore chamada “do esquecimento”. **Cadernos do Lepaarq**, v. XIX, n.37, p. 211-229, Jan-Jun. 2022

SOARES, Tanira Rodrigues. **Tessituras da memória: lembrar, narrar e ressignificar**. Doutorado em Memória Social e Bens Culturais. Instituição de ensino: Universidade La Salle. 2019.

SOBRAL, Cristiane. Dados biográficos. **Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/203-cristiane-sobral>>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

\_\_\_\_\_. Cristiane. Das águas. In. AMARO, Vagner (Org). **Olhos de Azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira**. RJ: Malê, 2017.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

SOUZA, Ana Paula Lonardi. **Memórias negras de cuidado de si e sua transmissão geracional através do samba**. Mestrado em Memória Social e Bens Culturais. Instituição de ensino: Universidade La Salle. 2022.

SOUZA, Daiane. Entrevista Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva - A Lei nº 10.639 na visão de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. In: **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/?p=17211>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SWEET, James Hoke. **Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)**. Lisboa: Edições 70, 2007.

TRINCHÃO, Fátima. Poesias, contos, crônicas. Disponível em: <<https://www.fatimatrinchao.net/perfil.php>>. Acesso em: 29 mar. 2023.

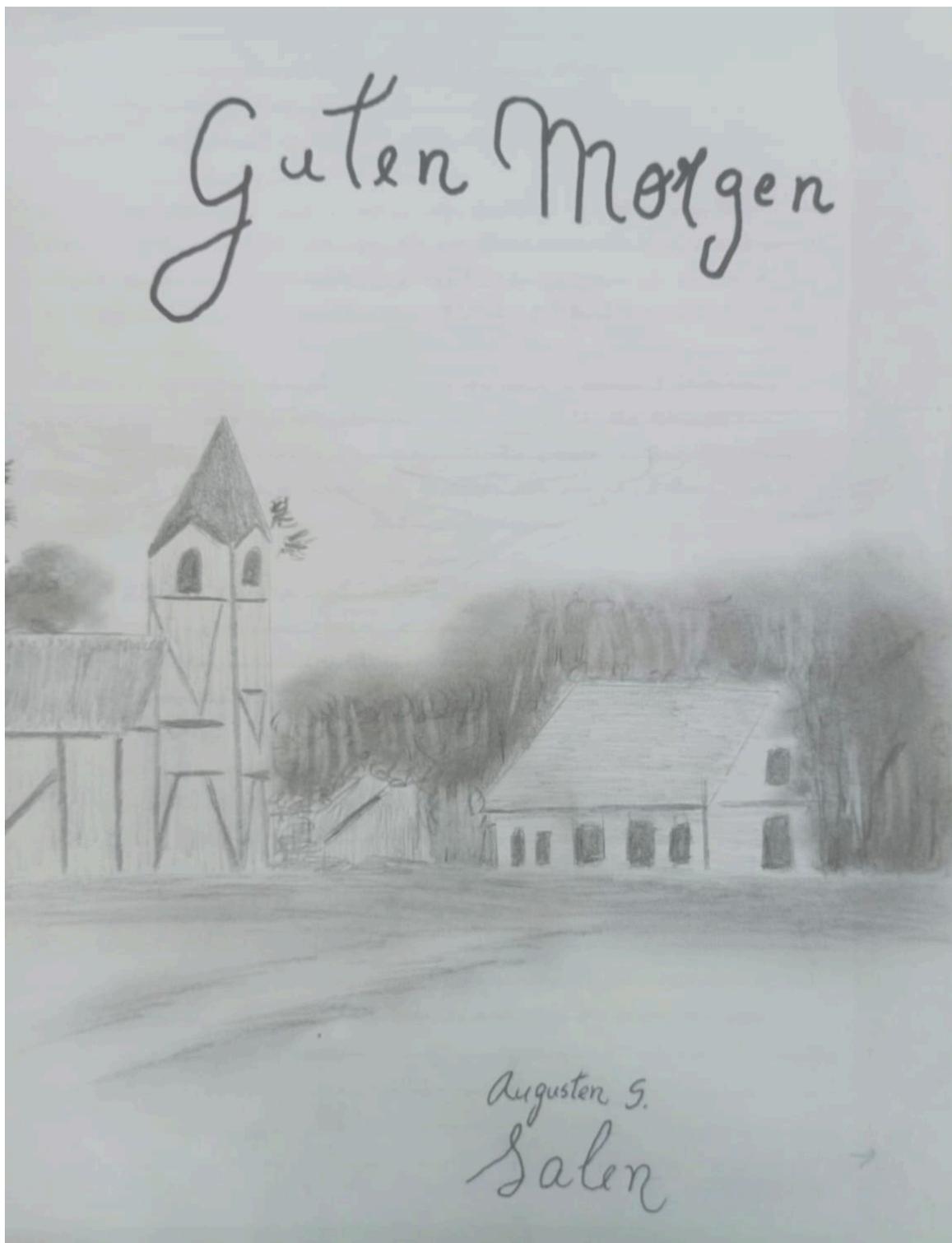
TRINCHÃO, Fátima. Arlinda. In. AMARO, Vagner (Org). **Olhos de Azeviche: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira**. RJ: Malê, 2017.

VITORINO, César Costa. Provérbios Africanos em Tampas de Panelas de Barro, o Olhar Linguístico e a Sociologia das Emoções. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA - DISTOPIAS DOS EXTREMOS: SOCIOLOGIAS NECESSÁRIAS, 3., 2020, São Cristóvão. III Seminário Nacional de Sociologia - Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias, Sergipe, 2020. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13868/2/ProverbiosAfricanosTampas.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2022.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe. **Revista da ABPN**, Guarulhos, v. 1, n. 1, p. 8-17, mar./jun. 2010.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. História e literatura: questões interdisciplinares. In: História em revista. Revista do núcleo de documentação histórica, v.9, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/11723>>. Acesso em: 17 fev. 2025.

## ANEXO 1



Paulina Salim - Na verdade seu nome original  
era Paulinina Salim.

Viu para o Brasil em 1885 com 04 anos de idade.

A família Altmann Salim veio do Sudeste de Alemanha  
Região de Hunsrück, chegando ao Rio Grande do Sul, fugindo  
de uma Europa com vários problemas sociais à deriva de  
uma Guerra, aqui encontraram terras férteis e produtivas.

Paulina viveu na infância com os pais e mais 5 irmãos,  
trabalhou na colônia na lavoura, lida com a vida do campo.  
Só foi ter na certidão de nascimento pouco antes de casar,  
aos 78 anos, por isso o erro na grafia do nome, talvez até  
sua idade e data de nascimento estiverem erradas.

Casou-se com Pedro e teve 7 filhos todos homens.

Trabalhava ainda na roça, cuidava da casa das filhas, mas  
nem mesmo assim conseguiu tempo para alfabetizar os  
filhos das colônias.

Paulina passou pela 1ª e 2ª Guerra Mundial. Embora estivesse  
à milhares de quilômetros da Frente sentia na pele os  
horrores das Guerras impostas pelos governantes brasileiros.  
- Imigrantes, desapercebidos de partidar - Pauline passou  
muitos meses escondida em um celeiro para não ser  
entregue aos alemães.

Paulina faleceu aos 96 anos de idade mas ainda recitava seu  
rosário em novas mentes com aquele sotaque Altmann em seu  
"Bon Dia" - Cantava Maria.

## ANEXO 2



## 2. Baú das Lembranças

Na aldeia de São Cristovão, Dona Amélia, uma senhora idosa de cabelos alvarelhados, tinha um baú cheio de lembranças. Uma jovem prestativa, visitou - a e pediu para abrir seu baú para ver tudo de pertinho. À direita do Baú, um lenço de seda da mãe de Amélia, um relógio de bolso do avô, fotografias antigas e cartas que contavam histórias de amor, infância e família; cada objeto tinha memórias que ~~Donna~~ Dona Amélia contava com saudade e alegria, revelando para a jovem sua a desejada valorizando do tempo passado. ~~Consciente~~ Encarajando, Ana decidiu reservar um diário para ela, já tem uma promessa de formar o baú das lembranças a seus netos.

## ANEXO 3

BEM A MINHA INFANCIA FOI BEM DIFÍCIL E TEMO 4 Irmãos e TIA MÃE  
MEU PAI ERA ALCOBOLTRA E MINHA MÃE DA IGREJA MEU VÔ ELE FICAVA  
EM UM CADA DE MADEIRA NOS FUNDOS DO MEU PATIO ERA UMA CASINHA  
DE MADEIRA VIVIA LA ELE E O CACHORRO DALE PORÉ ELE VOLTAVA MUITO  
DE FICAVA ELE ATÉ DAVA MEDICINAS PARA MIM EU AMAVA CONVERSAR  
COM ELE. POIS ELE ERA MEU MEU UM AMIGO ELE ME CHAMAVA DE  
BABI POR QUE ELE NÃO CONSEGUIA FALAR BABI ELE ERA  
O GENTIL AMAVA ELE ELE ERA COMO MEU PAI MAIS UM PAI QUE  
MEV MUCATIVE ELE TIFIA 69 ANOS POIS HOJE ELE NÃO  
RESTA MAIS ENTRE MÓS POIS ELE FALTOU FOI UMA  
PENA HORRIVEL, NA MINHA INFANCIA EU NÃO GOSTAVA DE BRINCAR  
COM ELE NÃO TEM MUITA COISA AGORA MINHA MÃE CÃO É DA  
IGREJA MAIS AGORA É DA REVIZIÃO E NÃO MORA MAIS  
COM MEU PAI ELE SAIO DE CASA E TEM OUTRA  
FAMILIA MAIS ESTOU FELIZ DO CEITO QUE TUDO  
BESTA AMO AS COISA ASSIM MESMO.

AUTORA; CAROL SANTOS

EM : 02/12/2024

## ANEXO 4

PRODUÇÃO TEXTUAL - OFICINA DE CONTOS	
Nome:	Maurício da Costa Silveira
Data:	03/12/24
1	Eu me lembro até hoje quando minha
2	vida não tinha preocupações, e tenho me-
3	mórias que confortam. Me lembro quando
4	íamos pescar em família, e usávamos
5	varas de pesca improvisadas, pegávamos
6	diferentes peixes, grandes e pequenos, tanta
7	que um dia pegamos um peixe tão grande
8	que a vara de pesca quebrou!!
9	
10	Tenho memórias demais, ah, as memórias
11	não vou ter dor para mim aqui depois,
12	mas, nunca esquecerei das memórias...
13	Também lembro de quando ganhei uma
14	bicicleta nova, foi uma emoção tão grande
15	que chorei de felicidade, até caí algumas vezes,
16	mas, aprendi com os erros. Ah... As me-
17	mórias, hoje em dia tenho responsabilidades,
18	queria voltar a esses momentos, e desfrutar deles

## ANEXO 5

**A Rera**

[...] Desde que moro, os vários caixas com o tempo, eu moro com todos os meus irmãos ao meu lado, todos eram perfeitos que nem eu também.

Aprendi muitas coisas observando, e senti muitos caixas também, no começo você sente liberdade, o ruído ar e ar não em volta de você, mas com o tempo, eu percebi que nem tudo pode ser bom, eu já vi os meus irmãos sendo usados por pessoas, pra alegrar as outras.

Vários pessoas usavam caixas pontudas pra cortar eles, eu ficava muito triste levando os meus irmãos sendo levados, foi triste e pena, eu só ficava olhando, esperando minha vez, mas demorava muito pra chegar, todos os noites todos os dias, eu ficava me perguntando: Quando eles vão morrer? Quando vai morrer? pra onde eu vou ir? Eram tantas perguntas até que um dia, um homem todo suado me levou, no começo eu fiquei com bastante medo, mas o passeio foi divertido.

Eu nunca vi um lugar daqueles antes, um lugar com várias pedras de pó com letras e números melar, as pedras também estavam com flores, bilíngües e melar.

O homem me botou num vaso com água na frente de uma pedra, a pedra também estava com letras e números, "Jully 1933-1995", eu não sabia ler mas a pedra estava bem decorada [...]

## ANEXO 6

# OFICINA DE CONTOS

03/12

## Um grande sonho de uma Sonhadora

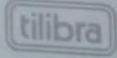
Era uma vez uma menina, ela era muito alegre e criativa, amava fazer novas amizades e era apaixonada por matemática. Ela sempre dizia: "quando eu crescer vou ser professora de matemática", mas infelizmente nunca tem um final feliz.

Ao passar dos anos esse desejo ainda continuou em seu coração, mas seus familiares começaram a duvidar do seu potencial, começaram a lançar palavras negativas, falando que ela não era capaz de realizar o sonho dela. Então ao passar do tempo essa vontade imensa de realizar o seu sonho, desapareceu.

Ela desde muito pequena sonhava em ser professora, mas ela não tinha uma ancestralidade, e sim, se inspirava na própria professora, ela admirava o seu amor pelo trabalho, pelos alunos, e pela vontade prazerosa de explicar o conteúdo quantas vezes precisasse.

Mas esse seu sonho foi apagado por conta dos comentários negativos, ela só pensava "se nem minha família me apoia, quem irá me apoiar?", então foi assim que um grande sonho de uma sonhadora, se apagou.

Cristal irys.



**APÊNDICE A - PROPOSTA DA OFICINA DE ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

<b>ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA</b>	
<b>Identifique abaixo foi o conto lido pelo grupo.</b>	
<input type="checkbox"/> <i>Olhos d'água</i>	<input type="checkbox"/> <i>Das águas</i> <input type="checkbox"/> <i>Arlinda</i>
<b>Nomes dos integrantes do grupo:</b>	
<b>A partir da leitura realizada, responda as questões abaixo.</b>	
1 - De acordo com o texto lido, que traços de memória estão presentes no conto? Justifique sua resposta apresentando trechos do conto.	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
2 - Que elementos presentes no texto, o grupo considerou pertencer à ancestralidade? Justifique apresentando trechos do conto.	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	

**APÊNDICE B - OFICINA DE ESCRITA DE CONTOS**

Redija um conto tendo como referência traços da memória e da ancestralidade.

<b>PRODUÇÃO TEXTUAL - OFICINA DE CONTOS</b>	
Nome:	Data:
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	

**CONTO-MEMORIAL**

Nasci ao pé do Morro do Forno e no último dia do signo de Peixes. Dizem que dá azar. A vida anda para trás. Sendo eu a segunda de oito filhos, herdei de minha falecida mãe algumas crenças. Eu só acredito em coisas que todos duvidam. É porque todos estão contra mim. Eu tinha dezenove anos quando me casei. Na verdade, estava grávida, por isso casei. Minha mãe, quando soube, me escorraçou de casa. Meu pai só me xingava em alemão e não entendia. Sei que ofendi meus pais. Onde já se viu engravidar antes de casar? Senti vergonha do mal que fiz para eles. Hoje, já pedi perdão e coloquei o nome deles dentro da Bíblia. Melhor nem tocar mais no assunto. O bebê morreu antes de nascer, mesmo assim eu continuei casada, mesmo não gostando. Fui morar com meu sogro e minha sogra. E todo o resto da família. Meu sogro instalou a pia da cozinha pelo lado de fora da casa. Na realidade é um tanque. Tenho que lavar a louça na chuva e no frio. “Mulher tem que passar trabalho. Se der conforto, fica preguiçosa”. Fiquei grávida pela segunda vez, mas ele morreu na semana em que completaria um ano. A mãe tinha até reservado uma galinha para matar. Era crupe. Ele pegou da Iara. Ou foi o ar frio que entrou pela janela depois do banho? Nem velório; nem enterro. Eu disse que foi porque nasci no último dia de Peixes. Tudo dando errado; tudo dando para trás. Vim embora. O terceiro nasceu, na verdade, é o primeiro que sobreviveu. O quarto e o quinto. Tudo menino. Pedi a Nossa Senhora da Aparecida uma menina. Era a sexta, ela veio. Em agradecimento, pus nela o segundo nome de Aparecida. Bati uma foto dos quatro sentados no sofá. É a única que tenho até hoje. Aparecida tinha seis meses. Parei aqui; não podia mais ter filho. Eu podia morrer. Sofri muito com a última. O fotógrafo reapareceu perguntando se tive mais filhos. Disse que não. Ele nem percebeu minha barriga e se foi embora. Nunca mais voltou. Não tenho foto da última menina, achei que era menino... Foram sete, mas cinco. Minha irmã mora em Porto Alegre, no Menino Deus. Eu sei que ela tem inveja do meu casamento e quer agradar meus filhos para que eles fiquem contra mim. Eu vi os dois juntos. Ia dar um flagra, mas, quem meu deus, ia acreditar. A vizinha está de olho aqui em casa. Hum... o que será que ela quer? Só eu sei o que ela quer! E ele não sai do muro. Eles se conhecem. É a mulher do ônibus. Estão de caso. Eu sei. A raiva cresce. Espanquei minha filha mais nova. Também, tinha que ir brincar com a filha dela? Não tinha outra. Briguei e xinguei o resto. Dormi no escuro e no chão. Fui para a cozinha preparar o almoço. Enquanto cozinho, arremesso os talheres na direção da pia. Bati a porta dos fundos com toda força três vezes já. Arremessei contra a pia a bacia de alumínio depois de lavar o arroz.

Gaveta fecho com um empurrão. Arrasto cadeiras. Termino o almoço e me atiro ao chão aos prantos. Fico no meio do caminho. Quero que todos me vejam. Estão todos em casa. E contra mim. É domingo. Os filhos estão do lado do pai. Depois de uma semana, melhorei. Minha irmã veio passar o natal aqui. Limpou a casa. Trouxe presentes para agradar meus filhos gostarem mais dela do que mim. Minha irmã trouxe junto a Dona Célia, uma vizinha dela de Porto Alegre. Ela vai no saravá e adivinha coisas. Dona Célia disse que meu problema é com Exu. Que preciso trabalhar meu lado espiritual. Ouvi minhas filhas comentarem que estou com uma expressão estranha no rosto. Que não pareço eu. Tapei com uma toalha o espelho do banheiro. Sou feia. Não quero enxergar meu rosto. Rogaram uma praga para mim só porque eu confundi um par de chinelos. Agora tenho uma ferida na perna. Teve outra praga, que eu soube depois. Mas caiu tudo no meu filho. Ele é doente por isso. Foi praga. Foi minha irmã. Ela quer a todo pano meu marido.

Tem a mulher do irmão do meu marido. Eles moram aqui do lado de casa faz anos. Agora ela passa olhando para cá. Ah, ah vai toda hora indo ao mercado só para passar aqui na frente. Fica de olho espichado. Eu vi. Ninguém me contou. O que tem aqui? Ele pulou o muro à noite para dormir com ela. Raiva, quero morrer. Por que Deus não me leva? Ah, mas esse dia vai chegar. Chorei debruçada no botijão de gás. Não ligo para o frio. Quando todos apagam as luzes, eu me levanto. Fiquei na cama o dia todo. Não comi. No escuro, peguei uma faca. Já são três noites que não durmo e não deixo ninguém dormir. Vejo que eles vêm correndo para ver o que está acontecendo. Dessa vez ninguém levantou. São duas da manhã. Joguei uma faca debaixo da mesa. Fez barulho. Ué, não vieram?... Ninguém me ouviu, será? Estão dormindo? Voltei para cama.

A nora do meu cunhado engravidou pela segunda vez. Eles vieram morar aqui do lado também. Ela passa aqui na frente de casa, de olho espichado para cá. O filho da minha irmã veio morar aqui do outro lado. A mulher dele... ah, preciso te dizer? Está de olho aqui. Veio se chegando, se chegando. Eu vi ele pular o muro de noite. Um dia ele vai pagar todo mal que me fez. Minha ferida na perna está crescendo. Preciso de internação. Fui. Voltei. Mas não curei. Elas voltaram para me atormentar. Todas elas. Agora ele está doente. Quero ver ele aprontar. Toma! Bem feito! Vai pagar por tudo. É câncer. Eu disse, eu avisei que não iria cuidar. Pode morrer em cima da cama que não alcanço um copo d'água. Morreu. Me livre. Meu neto estava de aniversário. Me serviram um bolo. Passei mal porque tinha veneno. Vim tonta e enjoada para casa. Foi coisa da minha nora. Queria me envenenar. Estão todos contra mim. Ninguém acredita no que estou contanto. Ela quis me matar. Minha filha mais nova casou e mora comigo, não junto, mas junto. ~~Eu desliguei~~ o fogo? Ai meu deus. Eu não

~~lembro~~. Em que ano estamos? Ah, é 2017. Quem era o Avilés mesmo?. Onde que a gente está? ~~Aquela ali é a Rafaela ou a Iara? Aquela é meu filho ou neto?~~ Hoje é aniversário da minha filha. ~~Trinta e...~~ quantos anos mesmo?. Não lembro mais. A mais nova. Eu não sei mais nada. Acha que eu estou me fazendo, mas não estou. Hoje eu saí com minha filha pela manhã. Nós fomos no Santuário ~~das Mães...~~? Onde a gente foi hoje mesmo? Quando eu era criança peguei um filhote de beija-flor do ninho. Queria mostrar para mamãe. Mas ela nem ligou, acho que não era novidade. Eu abri as mãos e ele conseguiu voltar. Que idade eu tinha? Uns 10, acho. Lembro direitinho. Achei que não conseguiria voar porque era muito pequeno. Ele era verde, bem verde. O ninho estava na árvore ao lado de casa. Que coisa! O que é a natureza? Parece que eu já estive aqui. Onde estão meus documentos? ~~Onde estamos indo mesmo?~~ ~~Essa não é a minha casa.~~ Liga para minha filha. Diz para ela vim aqui. Estou me sentindo sozinha. Não tem ninguém para conversar. Queria contar que o pai dela me traía com a minha irmã. Que ela fez um trabalho para mim e caiu tudo no meu filho. Que já tentaram me envenenar com um pedaço de bolo. Que uma vez ~~misturei uns chinelos...~~ Cadê ela?

**“Estou aqui, mamãe”**

---

Ia dizer, mas não disse. Vi quando mamãe percorreu pelos fundos da casa. Permaneci escondida. Sabia o que viria. Essa “brincadeira” eu conhecia bem. Minha esperteza a superava. Gostava quando era assim. E quando me encontrasse, o que viria? Eu também provocava. A surra, nesse caso, teria motivo, afinal, eu sumi. Sumi não, eu só me escondi para não apanhar mais uma vez. Me acharam.

.....

Ontem levei uma surra e não entendi o motivo. Era porque brincava com Verônica? Até hoje ninguém me explicou. A Verônica tinha doze anos e era filha da mulher da esquina. Quanto a mim, ainda tinha idade para apanhar. Que importa? Era domingo à noite e ninguém lembrou de me chamar. Pela primeira vez, achei que o silêncio de mamãe era um gesto consentindo. Que podia ficar pelas ruas até tarde. Fui deixando. Com a Verônica era diferente. Tinha permissão para fazer o que bem entendesse. Eu não. De repente, mamãe apareceu do outro lado da rua. Admirei seu rosto. Queixo e lábios arqueados. Pensei comigo: outra vez. Fugi para os fundos da minha casa. Dessa vez, seria burrice minha esconder-se atrás da caixa

d'água. Era perigoso. Lá ela poderia me segurar e bater. Precisava correr até cansá-la. Sabia que podia. Eu era mais jovem. Ela, naquele tempo, já se queixava de dores. Levantava com certa dificuldade. Não tinha os ares da mocidade, mas não era velha. Tinha lá seus quarenta e sete. Me enganei. Ela me pegou, mas eu consegui fugir. Me tranquei no banheiro. Ela entrou. Dessa vez foi diferente, doeu mais. Papai veio me acudir, finalmente. Aquilo era uma vara? Quanto tempo durou? Meu corpo ardia. Papai foi para o trabalho. Antes, ele havia me dito para não sair de perto de minha irmã. Não sei com que cabeça papai trabalhou naquela noite. Talvez, ao dobrar a esquina, estivesse esquecido?! Não saí do quarto. Estava com fome. Não sabia preparar café. Tive que sair. Saí. Lá estava ela, no chão da cozinha. Era como se estivesse morta e, talvez, fosse esse seu desejo. No dia seguinte, não fui à escola. Os vestígios de ontem ainda preenchiam meu rosto. Sentia meu corpo pesar. Não sei bem como as coisas correram depois daquela noite porque nunca me ajudaram a lembrar. Preferem esquecer. Nunca mais brinquei com a Verônica, quero dizer, às escondidas sim. Mamãe não podia suspeitar. Gostava da sensação de mentir porque era uma espécie de vingança.

.....

Pelo jeito as coisas não andam bem de novo. Notei um silêncio estranho. Meu pai e minha mãe quase não se olham, sequer trocam palavras. Notei que depois começaram os barulhos aqui em casa. Os objetos simplesmente voam porque a fúria voltou. Como estou um pouco grande demais para surras, ela decidiu maltratar a si mesma. Fantasias de sua cabeça. Ela quebrou o telefone, um vaso de flor que eu dei de presente no Dia das Mães e outro enfeite que minha irmã deu a ela. Só quebrou o que ganhou de nós. Eu reparei. Acho que ela pensa que estamos contra ela. Ela aproveitou que não tinha ninguém na sala e quebrou tudo. Saiu porta afora levando a bolsa. Onde iria em pleno domingo às duas horas da tarde com aquela chuva? E calçando chinelos? Pensei que não voltaria nunca mais. No fundo até desejei. Era noite quando voltou. Até hoje não faço ideia por onde esteve nesse dia. Era domingo.

.....

Cresci lentamente. A cada ano via o despontar da mocidade e da juventude sem poder desfrutá-las. Era proibido. Podia engravidar. Era a culpa falando por ela? Mesmo assim, consegui meu primeiro emprego. Eu já tinha 19 anos. Comecei tarde. De certa forma, estar

longe de casa aos sábados e, especialmente aos domingos, começou a ser uma ótima opção para mim. Mas não durou muito. Era muito cansativo. E, também, eu queria ser professora.

.....

Papai descobriu uma doença em estágio avançado e logo morreu. Mamãe, nesse tempo, foi muito boa para todos nós. Organizou a casa e sua própria vida como nunca. Mamãe dirigia a casa melhor que papai. Cuidou muito bem dos filhos, mas só depois de adultos.

.....

O ano era 2010 quando ingressei na faculdade de Letras. As leituras preencheram o vazio de minha existência. Teve um seminário sobre a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Fiquei fascinada com aquele início: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou”. Até aqui tudo bem. Comecei a me ver naquela personagem chamada Macabéa. Só depois de muitos anos, consegui superar isso, mantendo certa distância desse livro. Sobre essas coisas, mamãe não participou. De fato, posso apenas dizer que o livro *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, mudou meu ponto de vista sobre minha profissão.

.....

Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem<sup>32</sup>. Comecei a imaginar como seria minha vida sem mamãe. Mas que importância tem isso agora? Eu confundo a literatura com minha própria vida.

.....

Hoje, mamãe lembra de tão pouco, e, enquanto, leio Fernando Sabino, vejo a diferença entre lembrar e recordar. “Há uma diferença entre lembrar e recordar; recordar é reviver, lembrar é apenas saber. O que é recordado fica, o que é lembrado é também esquecido”<sup>33</sup>. Reconstruo minhas memórias porque mamãe não me ajuda a recordá-las.

---

<sup>32</sup> Frase do livro *O estrangeiro*, Albert Camus.

<sup>33</sup> *O encontro marcado*.